

CLIPPING
11º VIDEOBRASIL, 1996
[principais reportagens]

Festival consagra videoarte e traz obra de Nam June Paik



Parte de "TV Buddha", instalação que compõe obras de Nam June Paik

Artista coreano é principal nome do Videobrasil, que acontece em novembro em SP e terá videoinstalações do mundo todo

FERNANDO OLIVA
de Redação

O Videobrasil deste ano quer colocar definitivamente a videoarte no agenda da produção artística nacional.

Três anos atrás o festival agitou suas fileiras na produção experimental em vídeo e, nesta sua 11ª edição, conseguiu trazer ao Brasil os principais trabalhos da pais de videoarte: Nam June Paik.

A mais representativa obra do multimedial coreano chega a São Paulo em novembro para ocupar 100 metros quadrados no 12º andar do Sesi, Paulista (veja mapa).

As famosas videoinstalações "TV Buddha", "TV Moon", "TV Garden" e "TV Fish" mostram as limitações técnicas de Paik para o uso da televisão e do vídeo.

Outras obras ganham de peso que competem no Videobrasil deste ano são o japonês Reiichi Tsukita,

o francês Michel Siffers e o canadense Isabelle Chabrier. Do Brasil, Coi Hironobu, Itoh Gensho e Hiroconita Doreado também participam com grandes videoinstalações.

Quem está por trás da mostra Paik no Brasil é a curadora Lori Zippay, diretora do Electronic Art Institute (EAI), centro de produção artística em meios eletrônicos em Ithaca, Nova York.

Em entrevista à Folha, Lori falou sobre videoarte, sua participação como curadora fora do SP Videobrasil e, claro, Nam June Paik, com quem trabalhou há 15 anos.

Folha - Nam June Paik ainda é uma referência para a videoarte contemporânea?

Lori Zippay - Ele continua sendo um figura chave na transformação do vídeo em arte. O nome de Paik como figura internacional que trabalha com instalações e perfor-

mances em vídeo pertencem o cartão para outros videoartistas e marca esta produção no circuito mundial de arte.

Folha - A carreira de Paik foi consolidada nos Estados Unidos. Quais os trabalhos que a videoarte levou 30 anos depois das experiências pioneiras de Paik?

Zippay - Atualmente, muitos artistas estão usando o vídeo em instalações e esculturas. Outros continuam a trabalhar com as novas tecnologias interativas. Há ainda aqueles que têm como base a junção entre cinema e vídeo. O mais importante é que o vídeo já não é um meio de comunicação e sim um meio de expressão e criação.

Folha - Como foi a escolha das obras que vão ao Brasil?

Zippay - Foram indicações pessoais de Paik. As instalações que participam do Videobrasil estão entre suas obras mais importantes.

"TV Buddha", "TV Moon", "TV Fish" e "TV Garden" são trabalhos históricos, que refletem a forma como o vídeo pode ser usado para criar escultura.

Folha - Por que sua curadoria no Videobrasil chama-se "De Ithaca, McLean e TV-Cello"?

Zippay - Ithaca é o conjunto britânico, as idéias do vídeo da comunicação canadense e performances em vídeo são recorrentes nos primeiros trabalhos de Paik. Os vídeos de Ithaca, datam dos anos 60 e consistem de 70, feitos como experimentos, são realizados no formato de vídeo.

Folha - Você conhece o videoarte brasileiro? Que participação tem no festival?

Zippay - Entro pouco finalmente como a produção brasileira em videoarte. Quero apresentar esta vídeo para conhecer o trabalho dos brasileiros e trazer a eles para apresentações nos EUA.



Nam June Paik, cuja obra estará no 11º Videobrasil, em foto de 1990

Lori Zippay comanda retrospectiva do videoartista

de Redação

Além das principais videoinstalações, as criações do videoartista Nam June Paik presentes no 11º Videobrasil serão parte de uma retrospectiva de vídeos sob curadoria de Lori Zippay, diretora executiva do Electronic Arts Institute,

em Nova York.

A mostra "Nam June Paik: Waiting for the 21st Century" está dividida em três partes: "Collages", "Videoagras" e "Documentaries". "Collages" inclui os clássicos de Paik para vídeo. Segundo Zippay, nesta fase, Paik misturava imagens, fotografias televisivas aéreas, estru-

ca e vídeos especiais.

Em "Documentaries", são apresentados os vídeos feitos para ordenar algumas figuras importantes do mundo artístico com as quais Paik manteve contato. Entre eles: Joseph Beuys, John Cage e Charles Olson.

Grupos de performance e co-

lunistas ricas com Nam June Paik estão em "Documentaries".

Durante o festival será realizada também uma "Performance para piano e vídeo" — música criada por Paik, com presença de Paulo Santos do grupo artístico Ekki e projeção de vídeos do artista.

Mostra tem premiação

de Redação

A Mostra Competitiva de Ilustração Sul do 11º Videobrasil irá oferecer prêmios de US\$ 2.000 a US\$ 6.000 aos melhores vídeos em vídeo até 12 de setembro.

As criações não são agrupadas nas categorias ilustração, CD-ROM, clipe, computação gráfica, documentários, ficção e vídeoarte.

Poderão competir trabalhos realizados a partir de julho de 1994, vídeos de América Latina, África, Oceania e sul do Ásia. O foco será a criação de imagens em vídeo e a junção de imagens de vídeo em vídeo com vídeo em 11.000 e em vídeo em 11.000 em PAL.

Mais informações podem ser obtidas no tel. (11) 505-0635.

Saiba o espaço de cada artista no 11º Videobrasil



DELIVERY AMERICA
0800-114334

FOGO DE CHÃO
Av. Santos Dumont, 3.814
Bairro Anhemobim
(11) 247-6796
Av. Marechal Deodoro, 1017
Bairro República
(11) 334-2791

São Paulo verá imagens de Nam June Paik

Seis trabalhos do artista, um deles inédito, serão exibidos no Sesc Pompeia durante o Videobrasil

GABRIEL BASTOS JUNIOR

O 11º Festival Internacional de Vídeo, entre 22 e 27 de setembro, no Sesc Pompeia, vai contar com uma videorelação inédita de Nam June Paik, considerado o pai do vídeo. Nam June, uma coreana que vive há mais de 30 anos no Brasil, montou entre os seus trabalhos e exposições de sua casa em Nova York — entre eles, desenhos de sua revista na Easel de Nova York, em 1952. Além disso, o vídeo de Nam June Paik é o primeiro a partir de um CD-ROM de Paik. É um vídeo que quer realizar desde o primeiro festival, de design tráfego, cinema e arquitetura do vídeo.

Nam June Paik, fundador do 22nd Century, como o mostra no Videobrasil, foi a primeira artista coreana que fez as primeiras repetições de que se tem notícia com a linguagem e a tecnologia do vídeo. Embora não tenha feito um vídeo a partir das repetições de imagens de transição e das performances do grupo Fluxus (com o qual também se interessou no movimento artístico), que ele ajudou a fundar no início dos anos 60, o vídeo inicial da videorelação coreana criada é o vídeo que fez no Café Go-Go, em Nova York, em 4 de outubro de 1965.

Em entrevista durante o Festival de Vídeo de 1995, Paik disse que a maioria era 90% de seu trabalho, dando o tempo e o espaço para a imagem. Considerando a formação, em especial que seu interesse. Nasceu em Seul em 1932, deixou a Coreia aos 19 anos, junto com a família, por causa da guerra. Foi para Hong Kong e, em seguida, para Tóquio, onde estudou música e teatro. Em 1956, com uma bolsa de estudos, viajou para a Alemanha e conheceu a esposa, a arquiteta e designer Armin Schwiber, criada de uma família de artistas.

Tecnologia — Em 1967, Paik se mudou para a Alemanha para estudar música na Universidade de Marburg e no Conservatório de Filadélfia. No seu segundo encontro John Cage, amigo paranoico e talismã, e referência musical mais forte em sua obra, junto a Wolf Gura e Karlheinz Stockhausen, com quem chegou a trabalhar em seu estudo de música eletrônica. Sua primeira performance e composição musical foi em Düsseldorf, em 1969, e se chamava *Allegretto*, de John Cage. Além disso, Paik se interessou no vídeo e no vídeo.

O artista já tinha desenvolvido sua relação com a tecnologia em suas performances e performances quando conheceu George Kluge, outro importante diretor do Fluxus. Em 1962, criou seu primeiro vídeo com uma câmera eletrônica, sendo na Alemanha *Explosion of Video-Electronic Television*. Mas ele mesmo admitiu, em depoimento reproduzido em *Art of Video*, livro de referência básica sobre a vídeo arte, que sua obra não era considerada "arte", o que não desvaloriza para ele.

De vídeo ao vídeo, ele realizou sua experimentação e vídeo e ganhou de sua obra, o livro *Art of Video*, com controle remoto. Assim como se quer depois, suas obras, que se tornaram referências para outros artistas, foram para estabelecer sua nova tecnologia criada pelo homem.

Em 1995, ele foi para Nova York, onde vive há hoje. Sua primeira exposição individual foi o emblemático título de Nam June Paik: *Electronic TV, Color TV, Experimenta*, J. Richard, J



A videorelação com sua esposa e filha, "TV Garden" (1971, 1972), obra de montagem operatória



O coreano Nam June Paik entre formas orgânicas e eletrônicas



Instalação feita em Veneza: possibilidade de ser exibido no Brasil

Seu Bar e J. em São Paulo, o princípio da interatividade, já que os espectadores podem alterar as imagens nas telas de TV por meio da manipulação de um teclado. É assim que começou sua parceria com Charlotte Moorman, que também foi, de certa forma, sua amante no Brasil.

Devido ao vídeo, Paik já era considerado um importante artista de vanguarda, quando participou do Festival de São Paulo (1970) com a obra *Jardim de Veneza*, uma de suas mais famosas instalações. O espaço que foi desenvolvido, junto com o interesse sempre crescente em novas tecnologias, foi o que começou a explorar a transmissão de televisão. No início dos anos 80, sua obra de suas trabalhos mais significativos.

Vincent van Gogh, Michelangelo (1982), que foi o primeiro a obter global de Michael Melnikov, e *Good Morning to Everybody* (1984), transmitido via satélite, exclusivamente do Centro Georges Pompidou, em Paris, e do estudo da WNET-TV, em Nova York, em uma laboratório de vídeo de semelhança programada desde 1981.

Seu projeto mais grandioso talvez tenha sido *Video Art of the World*, um vídeo de abertura que foi criado para as Olimpíadas de Seul em 1988, utilizando vídeo transmitido de 14 países diferentes, incluindo Coreia, onde nasceu em jogos olímpicos e final com vídeos produzidos por Nam June Paik. Era a primeira obra global.

Atualmente, Paik mora e trabalha em Nova York e faz parte do conselho de administração da WNET-TV, em Nova York. Também tem interesse pela tecnologia e não por isso começou a realizar CD-ROM em suas performances e instalações em geral.



A obra "The Pump Group" (1980): trabalho híbrido de escultura e videorelação

Festival valoriza a produção local

Evento realizado a cada dois anos serve como ponto-de-lanço para vídeos brasileiros

Além de vídeo de Nam June Paik, o Videobrasil vai contar com a participação de outros videomakers de destaque no cenário nacional, o diretor Sérgio Jaffrenou, que também participou com sua obra *Uma ligação entre os dois*, tanto que Jaffrenou já fez uma homenagem a Paik, com o vídeo *Sobrevivendo a Paik*, com a participação de artistas e organizadores do festival.

Desde que se tornou internacional e, consequentemente, bienal, o Festival Internacional de Vídeo Brasil 4, em 1994, o mais importante espaço para a produção de arte eletrônica no Hemisfério Sul. Criado em 1980, o Videobrasil foi, até então, organizado

do "Estamos tentando fazer a transição entre o vídeo na Europa", de Sérgio.

Ele — segundo a curadora, a obra é de vídeo — foi o primeiro a "abrir a porta da arte" para o vídeo brasileiro. "Seus trabalhos são importantes porque funcionam como pontos de lançamento", comenta. "Mas é preciso que o local não seja submissivo". A obra é considerada cada vez mais o Videobrasil como um dos eixos entre a produção nacional e o mercado externo, aumentando e fortalecendo até com outros países.

Foi esse esse objetivo, que se tornou internacional, o festival optou por limitar — na mostra competitiva — as

trabalhos inscritos no Hemisfério Sul. "Sempre tivemos sempre a produção americana e europeia", conta Sérgio Jaffrenou, diretor do festival, que não aceita produção que não esteja chegando a nós, comenta. Ele lembra

que, de certa forma, isso foi um vídeo, já que sempre saiu do lado de uma produção como no vídeo. "Por ser vídeo e vídeo sempre qualidade".

Com isso o festival vai contar também com um concurso de distribuição, com o objetivo de promover o Festival de Vídeo e Arte Eletrônica do Brasil e com a participação de representantes de TVs que, tradicionalmente, além de espaço para esse tipo de trabalho, também participam, por exemplo, do Festival de Arte Eletrônica de Londres e do *Living Image* (de 8 a 14 de março), onde pretende fazer mais alguns vídeos. (G.B.A.)

Obsessão é unir Ocidente e Oriente

Arte produzida por Nam June Paik é um exemplo de transculturalismo

ANSELMO DE MORAES

A presença da obra de Nam June Paik no Festival de Vídeo de 1995 foi de uma beleza inusitada. O grande artista coreano ocupa metade do espaço físico da Alemanha e sua família com três obras, dividindo um Lado de Ouro com o alemão Hans Haacke. O curador do Festival de Vídeo de 1995, Achille Bonito Oliva, aponta Paik como um Europeu associado pelo mundo de vídeo, e não era o mesmo associado para o Brasil e a América Latina. O mesmo associado entre as nações.

O primeiro impulso do vídeo, nos e poderes visuais da obra de Paik ocorre dentro de um espaço eletrônico de 270 milímetros de diâmetro, em que imagens diversas e migraram em ritmo alucinado e hipnótico, ao som de rock pesado. Nome da obra: *Informação sobre Arte, Arte como Informação*.

O vídeo trabalho em si é um vídeo e um vídeo. Copia Jaffrenou. Uma das melhores respostas que a estética artística do vídeo 20 poderia dar ao desafio de realidade criado por Michelangelo. Sua peça surgiu a um tempo do vídeo que não aceitava a imagem de vídeo que não aceitava a mídia suada e alienante de primeira mão, com suas imagens e vídeos. Suas obras de performance do alemão Joseph Beuys e de vídeo de Living Theatre.

Sua família, o vídeo espelhou um vídeo de realidade operária, diversas estruturas feitas de vídeo, vídeos de forma religiosa e eletrônica. As peças foram a tratar de uma questão que sempre ocupou o artista coreano: unir o Ocidente e Oriente. Veneza, história para sempre da chamada arte de vídeo, foi o cenário perfeito para estabelecer essa conexão.

MÚSICA É PARTE FUNDAMENTAL DA OBRA

Estão abertas as inscrições para o 11º Videobrasil

Silvia Herrera, da Agência Estado

Se animação, CD ROM, clips, computação gráfica, documentário, ficção e videoarte fazem parte do seu dia-a-dia, prepare-se para participar da 11ª edição do Festival Internacional de Arte Eletrônica Videobrasil. Este evento bienal de videoarte, além da tradicional Mostra Competitiva, este ano faz uma homenagem especial ao papa do gênero, o coreano Nam June Paik, que participará via satélite.

"Ele está doente e por isso não virá, mas estará presente, via satélite, durante uma performance. Para homenageá-lo faremos uma retrospectiva não só dos vídeos, como também das instalações. Será a primeira vez que um trabalho dele, deste porte, será exibido no Brasil", explica Solange Farkas criadora do evento e curadora da Associação Cultural Videobrasil.

"Hoje, o Videobrasil é um festival presente em todos os catálogos internacionais. Temos uma preocupação não só de trazer artistas de fora, mas de descobrir pessoas aqui, lançar e estimular os artistas brasileiros. O festival faz um recorte dos trabalhos do sul do Planeta. Temos uma produção maravilhosa, que circula menos pelos museus do hemisfério norte, por isso é uma produção mais fresca. Uma novidade, além dos prêmios em dinheiro, haverá uma viagem à França, com direito a uma estadia na Ex-Machina", diz Solange. As inscrições para a Mostra Competitiva vão até 12 de setembro.

As vídeos instalações

As vídeos instalações prometem ser as obras mais procuradas. Ao todo são oito, quatro de Paik: TV Budha (uma escultura de Buda contempla sua imagem numa tela de TV), TV Moon (fases da lua em doze monitores de TV), TV Fish (dez aquários frente a dez monitores) e TV Garden (apa-

relhos de TV espalhados pelo chão em meio a plantas). Já o francês Michel Jaffrenou participa com "Plein de Plumes"; o japonês Keiichi Tanaka, com "Luminous"; e os brasileiros, Caio Hamburger com três trabalhos dirigidos ao público infantil: Safari, Oca e A casa dos três porquinhos, e Inês Cardoso, com Daragóy.

Para completar a homenagem a Paik serão realizadas uma conferência e uma performance. A diretora do Electronic Arts Intermix de New York - Lory Zippay, especializada na obra de Paik, faz a conferência, na qual exibirá algumas raridades. Participam o próprio Paik, via satélite e ao vivo, seus músicos Stephen Vitiello, Steina Vasulka e o músico brasileiro Arnaldo Antunes, entre outros", adianta Solange.

Para receber todas estas obras da arte do vídeo, o Sesc Fábrica Pompéia terá de atender várias exigências, entre elas um projeto arquitetônico a altura. "Estamos trabalhando com Mario Gallo, cada vídeo instalação terá um local apropriado e diferenciado. Haverá um Café Eletrônico, todo em aço escovado e um pouco acima do nível do chão, em cada uma de suas mesinhas terá um microcomputador com multimídia, para as pessoas apreciarem os trabalhos em CD ROM, e finalmente, o festival terá uma videoteca de primeiro mundo, com isolamento acústico e mesas com monitor e interfone", relata Solange.

Como participar

Inscrições até 12 de setembro. Nas inscrições, feitas por correio, somente serão aceitos trabalhos postados até a data limite.

As fichas de inscrição podem ser retiradas em São Paulo na Galeria Fotóptica (Rua Cônego Eugenio Leite, 920), de segunda a sexta, das 9 às 18 horas ou no Sesc Pompéia (Rua Clélia, 93), de terça a domingo das 9 às 22 horas. Informações e solicitação de ficha pelo cor-

reio: fone (011) 280-6061 (das 14 às 18 horas) ou pelo fax (011) 883-3288.

Regulamento

As obras inscritas podem ter sido realizadas em qualquer formato e sem limite de duração. Para a inscrição, as obras devem ser entregues somente em U-Matic low band nos sistemas NTSC ou Pal. Cada pessoa poderá enviar até três trabalhos, um formulário para cada um. Na inscrição, as obras deverão ser classificadas pelo autor em uma das seguintes categorias: animação CR ROM, clip, computação gráfica, documentário, ficção ou videoarte. Cada fita deve conter unicamente o trabalho inscrito no festival e mais o material abaixo relacionado:

- quatro fotos em preto e branco ou cromo da obra
- duas fotos preto e branco ou cromo do autor
- material promocional da obra
- sinopse completa
- ficha e inscrição preenchida em letra de forma ou a máquina
- videografia do autor
- diálogos em inglês (caso o trabalho não seja falado ou legendado em inglês)

As fitas deverão ser enviadas para: 11º Videobrasil - Sesc Pompéia - Rua Clélia, 93 - São Paulo - SP - 05042-000

Prêmios

O júri internacional é composto por realizadores e profissionais da área e nomeado pela Associação Cultural Videobrasil: Alain Burosse (França), Diego Lascano (Argentina), Éder Santos (Brasil), John Gillies (Austrália), e Lori Zippay (EUA).

Primeiro prêmio - US\$ 6 mil

Segundo prêmio - US\$ 4 mil

Terceiro prêmio - US\$ 2 mil

Premio Aliança Francesa: viagem para a França com estadia na produtora de computer arts Ex Machina, oferecida pela Aliança Francesa com a colaboração do Institut National de L'Audiovisuel.

VIDEOBRASIL prepara sua 11ª edição

O Festival Internacional de Arte Eletrônica Videobrasil vai prestar uma homenagem especial a Nam June Paik



Lei do livro

Konrad Kruel
Jornalista

A CÂMARA Brasileira do Livro está lutando para implantar no Brasil uma lei para aumentar o número de Bibliotecas e Livrarias no País. Para tanto, lançará uma série de benefícios fiscais.

No dia 15 de agosto, a Câmara Brasileira do Livro estará encaminhando ao Ministério da Cultura, que repassará para a Presidência da República o anteprojeto da já chamada Lei do Livro. Esta Lei já vigora em países como Argentina, Bolívia e Chile, que têm consciência de que o livro

faz parte da reserva estratégica de um país.

Pelo levantamento da Câmara Brasileira do Livro, existem no Brasil cerca de 3 mil bibliotecas. No México, existem cerca de 15 mil. No Brasil, no geral, a tiragem de um livro varia entre mil a três mil exemplares. Na Bulgária, a tiragem mínima é de um milhão de exemplares. O que isso quer dizer na prática? Quer dizer que temos um círculo vicioso que precisa ser eliminado urgentemente. O livro, no Brasil, é caro porque vende pouco e vende pouco porque é caro.

Com a vigência da Lei do Livro, as nossas atuais bibliotecas, que são pobres em acervo definidas, e que não passam de depósito de livros, deverão se integrar à comunidade. A proposta é transformá-las em centros culturais e artísticos. Com abertura total e totalmente à comunidade.

Atualmente, o Brasil possui cerca de 3 mil livrarias. A Câmara Brasileira do Livro quer aumentar este número incentivando, por exemplo, que as papelarias se tornem livrarias, ganhando, com isso, incentivos fiscais. E por que não também os supermercados e as farmácias? Em vários países tais estabelecimentos vendem, com sucesso, livros em seus recintos. E sem incentivo fiscal algum.

A Lei do Livro pretende beneficiar ainda os editores para que estas lancem mais títulos no mercado. A bem da verdade, o mercado editorial, no Brasil, ainda é, mesmo sem quase incentivo algum, um dos negócios mais organizados e rentáveis que temos. Com o incentivo que vem por aí, o Brasil terá tudo, quem sabe, para deixar de ser um "País Caipira" para ser, verdadeiramente, uma Nação de Homens e Livros. ■

SE ANIMAÇÃO, CD ROM, clips, computação gráfica, documentário, ficção e vídeoarte fazem parte do seu dia-a-dia, prepare-se para participar da 11ª edição do Festival Internacional de Arte Eletrônica Videobrasil. Este evento bienal de videocarte, além da tradicional Mostra Competitiva, este ano presta uma homenagem especial ao papa do gênero, o coreano Nam June Paik, que participou via satélite. "Ele está doente e por isso não virá, mas estará presente, via satélite, durante uma performance."

Para homenageá-lo, faremos uma retrospectiva não só dos vídeos, como também das instalações. Será a primeira vez que um trabalho dele, destaque, será exibido no Brasil", explica Solange Paikas criadora do evento e curadora da Associação Cultural Videobrasil. "Hoje, o Videobrasil é um festival presente em todos os castilhos internacionais. Temos uma preocupação não só de trazer artistas de fora, mas de descobrir pessoas daqui, lançar e estimular os artistas brasileiros."

O festival faz um recorte dos trabalhos de Sol do Planeta. Temos uma produção maravilhosa, que circula não nos pelos museus do hemisfério Norte, por isso é uma produção mais fraca. Ah! Uma novidade, além dos prêmios em dinheiro, haverá uma viagem à França, com direito a um estúdio na "Ex Machina", de Solange.

As inscrições para a Mostra Competitiva vão até 12 de setembro. Com patrocínio do Serviço Social do Comércio (Sesc), o festival acontece de 12 a 17 de novembro no Sesc Fibras da Pompéia, em São Paulo, e de 19 a 26 de novembro, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). "Como o festival cresce e fica muito caro, o Sesc faz a parceria perfeita. Ele usa, assim o papel que em qualquer lugar do mundo cabe ao Estado", desafia a curadora. ■

Sandra Kogut rompe barreiras da imagem

Videomaker que criou identidade para sua produção tem agenda de obras no Rio em agosto

GABRIEL CRISTOS LARROU

Sandra Kogut é, acima de tudo, uma videomaker. Apesar de ser a primeira a dirigir as imagens que regularmente ocupam o vídeo, o cinema e a televisão, ela representa esse tratamento de linguagem audiovisual no Brasil desde que ele se estabeleceu tardiamente por aqui. Já nos anos 80 (na Europa e nos EUA, a videomaker tornou-se há 30 anos).

Foi a primeira a criar uma identidade própria para sua produção, a que não ficou apenas uma repetição alienada da que vinha sendo feita no Exterior —, por isso, conseguiu espaço no mercado externo. Dia 26 de agosto, a diretora de *Brasil Legal* ganha uma retrospectiva completa

de sua trajetória dentro do vídeo. Videomaker, do Centro Cultural Florio de Tuzil, no Rio.

O trabalho mais recente da autora é talvez o mais experimental e representativo do início de sua produção, *Site Alerte de Soco* (1985) exibido em uma câmara fixa que flutua — deslocando-se sobre — ela e a artista plástica Barris, com quem era casada, divorciada, inicialmente. "É engraçado, porque não ocorre nada", lembra. Obviamente, será exibido apenas um trecho de dez minutos do filme, para dar uma ideia de qual era sua intenção.

Nesta fase inicial, Sandra ainda estava buscando sua identidade como criadora e sua principal referência eram experiências vanguardistas de artistas plásticos. São duas épocas. A

G., *Angélica*, nesta parceria com Barris, *O Gipsista da Malébia* e *Spells* — uma baseada no trabalho de Alexandre Dumas e Ricardo Balthusa — ambas em parceria



Sandra Kogut: "É importante saber como as pessoas entendem suas produções"

com Anaclara Falcão. Todas são de 1986, mesmo ano em que ela fundou a produtora Arcofil.

Durante todos esses anos, Sandra teve suas interessantes produções de vídeos que raramente é lembrada, mas é esse ponto entre a linguagem particular do vídeo e co-

mo ela se torna acessível na televisão. O primeiro vídeo foi *Angélica*, de 1986, dirigido por Andréa Barreto, com a poeta Claret. O mais recente é *Prós e Contras*, de Humberto Tavares, com o diretor, então brasileiro, com Fernanda Montenegro, Fátima Bernardes e Lúcia Moniz (com Ma-

riotti), paralelamente a mais filmes de vídeo.

Em 1988, sua planície foi definitivamente compensada com uma série de quatro videomontagens montadas no Centro Experimental Rio e depois no Festival Videovest, em São Paulo. Chamadas *Uma Ver-*

dade, *Amor e Desamor*, *Três Mulheres e Crianças*. A partir dali, ela se tornou, definitivamente, a grande referência de videomaker. Seus outros vídeos incluem duas experiências com as câmeras — *Videomontagem* (1990) —, em parceria com o Centro Internacional de Video Criativo de Montclair, na França, as imagens *Imagens em*, no mesmo ano.

Sandra foi buscar outras maneiras de expressar suas ideias. Foi produzida duas vezes no festival de cinema europeu de Oberhausen, na Alemanha, com *Um Príncipe* (que estará sendo exibido no Rio pela primeira vez) e *Lo e Gê*, além de estar exibido o clássico *Brasil Legal*, com Regina Casé. "Uma retrospectiva como esta é importante para mostrar o que o trabalho produz", comenta. "E não apenas a minha trajetória, mas a trajetória de uma geração — uma geração que se estabeleceu e mostra que não se estabeleceu apenas no mercado de trabalho. É importante saber como as pessoas entendem meu trabalho."

Encontros
Notáveis



Rebeldia da serie de videoinstalações, em 1988: "As pessoas não tinham intimidade com aquilo, a reprodução era TV Ovelha", de Niza Jane Piná, montado no MAM em 1979



"Parabolic People" (1991), co-produção francesa premiada no Brasil, na Alemanha e na Espanha: "Criei um universo meu, até no tratamento da imagem"



"Pavão Ergonômico", quando montado na Rio: "Lembra como tudo que eu faço costuma estranhar"



em Glórkova, tem imagem em 15 milímetros, mas foi editado em vídeo: "Nunca o considero como um culto estrangeiro"



O filme "Monsi", de Ed Motta, feito para TV: "São pessoas de trabalhar que aparecem em momentos distintos na sua vida"



Sandra Digna utilizando de sangue jump na Pólis, em 1991: destaca o salto de coleção na tecnologia da imagem para expor suas autorretratos feministas

Encontros Notáveis



Outra obra de Parabolic: "O autor fez diálogo entre o humano e o futurístico; nas cubinas, a vida humana é mais forte que em "Parabolic"



Regina Cusi em cena de "Brasil Legal", que mistura um pouco sua filha no segundo ato: "Mas a filha costuma sendo criar dispositivos para chegar às pessoas"



Regina Cusi em "Lá e Cá": "Filme é centrado em um personagem abigalo, bastante comum. É todo mundo defendendo porque o cinema precisa um tipo de malícia própria"

Jaffrennou, destaque do 11^o Videobrasil, fala de seu trabalho

Dois anos de trabalho, US\$ 6 milhões de investimento, 39 mil imagens com cálculos de 1h30 para acertar cada uma. Os números são imponentes, mas o resultado, garante o artista francês Michel Jaffrennou, não faz pensar em uma equação. Com duração de 26 minutos, o vídeo *Pedro e o Lobo* é "emotivo e quente como uma pintura fauve" e será destaque no 11^o Videobrasil, que será realizado em novembro no Sesc Pompéia, em São Paulo.

Homenageado com uma sala especial, Jaffrennou traz na verdade dois vídeos: o original de *Pedro e o Lobo* e seu making of. Ambos têm o mesmo tempo e serão exibidos em paralelo e continuamente. Ainda na sala, um grupo de desenhos e storyboards mostrará o processo de criação de imagens do artista. A apresentação é completada com a instalação *Plein de Plumes*, que Jaffrennou diz ser seu "símbolo como artista".

Há 20 anos Jaffrennou explora a videoarte e, em todo o mundo, é uma referência para a experimentação. Com *Pedro e o Lobo*, acredita ter chegado a um ponto culminante na reunião de pintura e informática em obras de animação. O trabalho exigiu pesquisa e desenvolvimento de tecnologia que abrem perspectivas. Tanto é assim que o próximo projeto do artista, com o título provisório de *Trocadero* (nome de um bairro parisiense), marcará sua estréia na tela grande do cinema. Esta entrevista à Agência Estado é a primeira em que Jaffrennou menciona seus novos planos.

A pintura e o desenho estão na formação de Jaffrennou. "Os pais de minha sensibilidade são os artistas modernos do impressionismo até o pop", diz ele. "Mas acredito que não estamos mais na época da pintura e por isso comecei a me desviar do meio."

A videoarte foi, a princípio, uma opção de vanguarda. "No meio da década de 70, ela ainda atraía pouca atenção, era precária e até violenta", afirma. "Hoje a tecnologia se suavizou: coloco-me diante dela como diante de um cavalete, o que para mim é bastante confortável."

Leveza e humor são dois princípios do trabalho de Jaffrennou, ambos incorporados em *Plein de Plumes*, de 1980. Trata-se de uma "escultura fetiche", que acompanha todas as exposições do artista. Qua-

tro televisores são montados em uma estrutura de aço pintada de preto. No do alto, um personagem solta uma pena que percorre todos os monitores até o chão. Successivamente vão sendo jogados punhados de penas, até que os visores estejam cheios. E então tudo recomeça. "A simples pluma, que atravessa todos os monitores, é um modo de zombar do dito poder da tecnologia", diz Jaffrennou.

Ao longo da década de 80, os programas para a tevê foram se tornando um vetor importante na produção de Jaffrennou. Ele encontrou no Canal + um bom parceiro e, sobretudo, um patrocinador. Em 1989, finalmente, estreou *Videoperette*, uma súplica do que ele havia feito até então. "É uma viagem pela história da arte, do homem de cro-magnon até os dias de hoje", diz. "O formato é de comédia e mistura imagens sintetizadas com a participação de atores, que entram e saem de uma tela de 40 metros quadrados." A mesma obra foi transformada em espetáculo apresentado em La Villette (Paris), com duração de uma hora e uso de 6 telas gigantes, 9 monitores de vídeo e 12 videocassetes sincronizados. *Ustinov* - Uma encomenda do Canal + também foi o estímulo inicial para *Pedro e o Lobo*. A televisão projetava uma série de programas infantis e Jaffrennou sugeriu algo baseado na clássica narrativa orquestrada de Serge Prokofiev sobre o menino caçador, o lobo, o pato, o gato e o passarinho. Uma gravação especial da música foi providenciada em Moscou. Como a peça requer um narrador, a estrela escolhida foi Peter Ustinov. À moda de Alice Através do Espelho, em certo ponto ele cruza a fronteira do vídeo para unir-se, como avô de Pedro, às animações. O primeiro passo de *Pedro e o Lobo* foi a criação dos personagens e cenários em desenho. "Eu nunca toquei numa câmera", diz Jaffrennou, o que pode surpreender a muitos. "O desenho, além de ser barato e permitir a experimentação, é meu modo de visualizar todas as idéias e me comunicar com a equipe técnica." Para contornar a "frieza" das imagens sintetizadas, ele usou um material sensual, o pastel. Jaffrennou chama atenção para o pássaro, que ele descreve como "uma fórmula matemática de cores".

Filme *Pedro e o Lobo* é destaque no Videobrasil

Carlos Graieb

Agência Estado

Dois anos de trabalho, US\$ 6 milhões de investimento, 39 mil imagens com cálculos de 1h30 para acertar cada uma. Os números são imponentes, mas o resultado, garante o artista francês Michel Jaffrennou, não faz pensar em uma equação. Com duração de 26 minutos, o vídeo *Pedro e o Lobo* é "emotivo e quente como uma pintura fauve" e será destaque no 11^o Videobrasil, que será realizado em novembro no Sesc Pompéia, em São Paulo.

Homenageado com uma sala especial, Jaffrennou traz na verdade dois vídeos: o original de *Pedro e o Lobo* e seu making of. Ambos têm o mesmo tempo e serão exibidos em paralelo e

continuamente. Ainda na sala, um grupo de desenhos e storyboards mostrará o processo de criação de imagens do artista. A apresentação é completada com a instalação *Plein de Plumes*, que Jaffrennou diz ser seu "símbolo como artista".

Há 20 anos Jaffrennou explora a videoarte e, em todo o mundo, é uma referência para a experimentação. Com *Pedro e o Lobo*, acredita ter chegado a um ponto culminante na reunião de pintura e informática em obras de animação. O trabalho exigiu pesquisa e desenvolvimento de tecnologia que abrem perspectivas. Tanto é assim que o próximo projeto do artista, com o título provisório de *Trocadero* (nome de um bairro parisiense), marcará sua estréia na tela grande do cinema.



TORRE EIFFEL

O símbolo de Paris deve decolar como um foguete no próximo trabalho de Jaffrenou, Trocadero

Videoarte de animação virtual

Pedro e o Lobo, do artista francês Michel Jaffrenou, será destaque no 11º Videobrasil

CARLOS GRAIEB
Agência Estado

São Paulo - Dois anos de trabalho, US\$ 6 milhões de investimento, 39 mil imagens com cálculos de 1h30 para acertar cada uma. Os números são imponentes, mas o resultado, garante o artista francês Michel Jaffrenou, não faz pensar em uma equação. Com duração de 26 minutos, o vídeo *Pedro e o Lobo* é "emotivo e quente como uma pintura fauve" e será destaque no 11º Videobrasil, que será realizado em novembro no Sesc Pompéia, em São Paulo.

Homenageado com uma sala especial, Jaffrenou traz na verdade dois vídeos: o original de *Pedro e o Lobo* e seu *making of*. Ambos têm o mesmo tempo e serão exibidos em paralelo e continuamente. Ainda na sala, um grupo de desenhos e *storyboards* mostrará o processo de criação de imagens do artista. A apresentação é completada com a instalação *Plein de Plumes*, que Jaffrenou diz ser seu "símbolo como artista".

"O formato é de comédia e mistura imagens sintetizadas com a participação de atores, que entram e saem de uma tela de 40 metros quadrados." A mesma obra foi transformada em espetáculo apresentado em La Villette (Paris), com duração de uma hora e uso de 6 telas gigantes, 9 monitores de vídeo e 12 videocassetes sincronizados.

Ustinov - Uma encomenda do Canal + também foi o estímulo inicial para *Pedro e o Lobo*. A televisão projetava uma série de programas infantis e Jaffrenou sugeriu algo baseado na clássica narrativa orquestrada de Serge Prokofiev sobre o menino caçador, o lobo, o pato, o gato e o passarinho. Uma gravação especial da música foi providenciada em Moscou. Como a peça requer um narrador, a estrela escolhida foi Peter Ustinov. À moda de Alice Através do Espelho, em certo ponto ele cruza a fronteira do vídeo para unirse, como avô de Pedro, às animações.

O primeiro passo de *Pedro e o Lobo* foi a criação dos personagens e cená-

rios em desenho. "Eu nunca toquei numa câmera", diz Jaffrenou, o que pode surpreender a muitos. "O desenho, além de ser barato e permitir a experimentação, é meu modo de visualizar todas as idéias e me comunicar com a equipe técnica." Para contornar a "frieza" das imagens sintetizadas, ele usou um material sensível, o pastel. Jaffrenou chama atenção para o pássaro, que ele descreve como "uma fórmula matemática de cores".

Os computadores entraram na iluminação. "Tudo está tingido com uma iluminação informática e não natural, que responde à ação e à música", diz ele. Mas a parte que mais requereu pesquisa foi a do movimento. Foi preciso desenvolver uma "câmera virtual" que se movimentasse na floresta de 750 árvores coloridas criada por Jaffrenou. "Com isso podemos coreografar o olhar do espectador, que acompanha os personagens pelo cenário."

Virtual - Foi o artifício da "câmera virtual" (cuja criação se deu com o uso de uma rede internacional de computadores; enquanto a equipe dormia na França, alguma máquina calculava nos EUA) que abriu o caminho para que Jaffrenou se aproximasse do cinema. "Ela me permite um olhar ágil e diplomático", diz o artista.

Leveza e humor são dois princípios do trabalho de Jaffrenou, ambos incorporados em *Plein de Plumes*, de 1980. Trata-se de uma "escultura fêtiche", que acompanha todas as exposições do artista. Quatro televisores são montados em uma estrutura de aço pintada de preto. No do alto, um personagem solta uma pena que percorre todos os monitores até o chão. Sucessivamente vão sendo jogados punhados de penas, até que os visores estejam cheios. E então tudo recomeça. "A simples pluma, que atravessa todos os monitores, é um modo de zombar do dito poder da tecnologia", diz Jaffrenou.

Ao longo da década de 80, os programas para a tevê foram se tornando um vetor importante na produção de Jaffrenou. Ele encontrou no Canal + um bom parceiro e, sobretudo, um patrocinador. Em 1989, finalmente, estreou *Videoperente*, uma sátira do que ele havia feito até então. "É uma viagem pela história da arte, do homem de cro-magnon até os dias de hoje", diz

Jaffrenou. "Eu nunca toquei numa câmera", diz Jaffrenou, o que pode surpreender a muitos. "O desenho, além de ser barato e permitir a experimentação, é meu modo de visualizar todas as idéias e me comunicar com a equipe técnica." Para contornar a "frieza" das imagens sintetizadas, ele usou um material sensível, o pastel. Jaffrenou chama atenção para o pássaro, que ele descreve como "uma fórmula matemática de cores".

Os computadores entraram na iluminação. "Tudo está tingido com uma iluminação informática e não natural, que responde à ação e à música", diz ele. Mas a parte que mais requereu pesquisa foi a do movimento. Foi preciso desenvolver uma "câmera virtual" que se movimentasse na floresta de 750 árvores coloridas criada por Jaffrenou. "Com isso podemos coreografar o olhar do espectador, que acompanha os personagens pelo cenário."

Virtual - Foi o artifício da "câmera virtual" (cuja criação se deu com o uso de uma rede internacional de computadores; enquanto a equipe dormia na França, alguma máquina calculava nos EUA) que abriu o caminho para que Jaffrenou se aproximasse do cinema. "Ela me permite um olhar ágil e diplomático", diz o artista.

Se *Pedro e o Lobo* foi feito para a televisão, *Trocadero* é um projeto para as grandes dimensões. "Estou pensando em horizontes grandes nos quais eu possa articular muitos personagens, arquitetar a imagem com ambição", diz. Trocadero será um conto urbano tendo por heróis o Sol e a Lua, que discutem acima de Paris. Personagens humanos e animados devem entrar e sair todo o tempo. A Torre Eiffel deve decolar como um foguete.

"Se o vídeo não tivesse um lado de brincadeira e ludismo eu não trabalharia com ele." Esse é o mote de Jaffrenou. Sua fantasia, como se vê, faz fronteira com a dos grandes estúdios de animação comercial, mas guarda uma reserva de empenho vanguardista que viu buscar referências no cinema de Georges Méliès ou no papa da videoarte Nam June Paik (o homenageado do ano no Videobrasil). "Quero teatralizar a tecnologia", diz Jaffrenou.

Leveza e humor são dois princípios do trabalho de Jaffrenou, ambos incorporados em Plein de Plumes, de 1980

VIDEO

Jaffrennou prova por que seu lema é experimentar

Público do 1º Videobrasil verá em novembro, em SP, como o artista francês usa a pintura e o computador para produzir imagens surpreendentes, como as de *Profes e a Loba* e da instalação *Phéa de Phéas*

CARLOS GOMES

Dois anos de trabalho, US\$ 6 milhões de investimento, 20 mil horas, com vídeos de 11000 horas, invenções inéditas, de autoria não apenas de um artista, mas de um grupo de artistas. Michel Jaffrennou, um francês com uma experiência, com duração de 26 minutos, o vídeo *Profes e a Loba* e "múltiplos e rápidos como uma pintura fresca" e ainda desta que no 1º Videobrasil, que será realizado em novembro no Pavilhão, em São Paulo.

Homem-aparecido com uma sala especial, Jaffrennou faz na verdade dois vídeos: o original de *Profes e a Loba* e seu making of. Ambos têm o mesmo tempo e são exibidos em paralelo e simultaneamente, de modo a não, um grupo de dez artistas e seus ajudantes mostram o processo de criação de imagens do artista. A apresentação é acompanhada com a instalação *Phéa de Phéas*, que Jaffrennou diz ser um "vídeo como arte".

Há 20 anos Jaffrennou trabalha com vídeo e, em todo o mundo, é uma referência para a experimentação. Com *Profes e a Loba*, acredita ter chegado a um ponto culminante na combinação pintura e informática em obras de animação. O trabalho exige pesquisa e desenvolvimento de tecnologia que alguns portugueses, como Tereza Mendes, que se previu o primeiro artista, com o título provisório de "Tereza Mendes e um homem português", marcaram sua entrada na tela grande do cinema. Esta entrevista é gravada em um estúdio em Jaffrennou, mas com uma única tomada plana.

A pintura e o desenho estão no coração de Jaffrennou. "Os pontos de partida são a pintura e o desenho, não a informática", diz ele. "Mas acredito que não estamos mais na época da pintura e que isso converte a arte de hoje em vídeo."

A instalação foi, a princípio, uma espécie de videogame. "No início da década de 70, ela ainda estava pouco desenvolvida, era pintura e vídeo, não era informática. Hoje a tecnologia se tornou, embora por detrás dela, como o motor de um carro, e que para mim é bastante confortável."

Leitura e leitura são duas palavras do trabalho de Jaffrennou, ambas incorporadas em *Phéa de Phéas*, de 11000. Trata-se de uma "carteira de fotos", que acompanha todos os episódios do artista. Quatro televisores são instalados em uma estrutura de aço pintado de preto. Na do alto, um personagem solta uma pena que, por certo, todos os movimentos são a obra. Naturalmente não se de jogos tradicionais de jogos, até que os vídeos estejam abertos. E então tudo recomeça. "A simples ideia, que sempre a todos os momentos, é um modo de mostrar do lado pessoal da tecnologia", diz Jaffrennou.

As longas horas de 50, os programas para a TV foram transformados em vídeo importante na produção de Jaffrennou. O computador no Canal 4 em São Paulo, e, sobretudo, um bom trabalho. Em 1980, Bushnell Jr., criador do videogame, veio à tona do que ele tinha feito até então: "É uma coisa feita de jogos de cartas, de jogos de cartas, até os dias de hoje", diz. "O trabalho é de comédia e mostra imagens estáticas, cada uma a participação de

atores, que entram e saem de uma tela de 10 metros quadrados." A mesma obra foi transformada em espetáculo apresentado em La Villette (Paris), com duração de uma hora e mais de 6000 imagens, 9 minutos de vídeo e 12 vídeos curtos simultâneos.

Outros — Uma característica de Canal 4 também faz referência lateral para *Profes e a Loba*. A televisão apresenta uma série de programas infantis e Jaffrennou sugeriu algo baseado na clássica narrativa arquitetônica de Serge Prokofiev sobre a música infantil, a loba, o gato, o gato e o passarinho. Uma produção especial da televisão foi produzida em 1980, com o nome de *Profes e a Loba*, mas a obra chegou ao ar em 1982, a partir de um vídeo de Peter Lehmann. A obra de Alice, filha de Jaffrennou, em certo ponto ele criou a história do vídeo para não ser, como era de *Profes*, as animações.

O primeiro passo de *Profes e a Loba* foi a criação das personagens e criação em desenhos.

"Eu nunca toquei numa câmera", diz Jaffrennou, o que pode surpreender a muitos. "O desenho, além de ser bonito e permitir a experimentação, é uma forma de visualizar todas as ideias e me comunicar com a equipe técnica." Para trabalhar a "língua" das imagens, utilizou-se um material especial, o papel. Jaffrennou criou uma técnica para o plástico que ele descreve como "uma técnica matemática de cores".

Os computadores não entraram no processo. "Eu não gosto de computadores, mas acho que eles são necessários e são necessários", diz ele. Mas a parte que mais requerem pesquisa foi a do movimento. Foi preciso desenvolver uma "câmera virtual" que se movimentava no espaço de 240 graus, permitindo a criação de imagens em 3D, o que não podemos conseguir no lado da realidade, que acompanha os personagens pelo cenário.

Virtual — Foi o trabalho de "câmera virtual" (tudo o que se vê em um vídeo) que foi o ponto de partida de Jaffrennou. "Eu não posso trabalhar no lado da realidade, que acompanha os personagens pelo cenário."

Virtual — Foi o trabalho de "câmera virtual" (tudo o que se vê em um vídeo) que foi o ponto de partida de Jaffrennou. "Eu não posso trabalhar no lado da realidade, que acompanha os personagens pelo cenário."

Virtual — Foi o trabalho de "câmera virtual" (tudo o que se vê em um vídeo) que foi o ponto de partida de Jaffrennou. "Eu não posso trabalhar no lado da realidade, que acompanha os personagens pelo cenário."

Virtual — Foi o trabalho de "câmera virtual" (tudo o que se vê em um vídeo) que foi o ponto de partida de Jaffrennou. "Eu não posso trabalhar no lado da realidade, que acompanha os personagens pelo cenário."



Phéa de Phéas, Michel Jaffrennou, que expõe e exhibe no 1º Videobrasil, que será realizado em novembro no Pavilhão, em São Paulo.

Cao Hamburger cria mais videotraquinagens

Diretor está planejando três instalações interativas e lúdicas, que se assemelham a um parque de diversões, para o público infantil que participará do 11º Videobrasil

GABRIEL BASTOS JUNIOR

O diretor de vídeo, TV e cinema Cao Hamburger parece estar se tornando um especialista em arte e entretenimento infantil, depois de assumir e administrar o Clube do Vídeo. Enquanto desenvolve o projeto para o longa-metragem baseado na série, criada em 1983 milhões (dele parte abstrata), ele está planejando três videoinstalações infantis para o 11º Videobrasil, em novembro, no São Paulo, em São Paulo. É a primeira vez que o diretor está com um projeto específico para crianças.

CÂMERA REPRODUZIRÁ OLHAR DE ANIMAIS

passo em que as crianças interajam com as imagens vistas por animais de diferentes tamanhos. Assim, o espectador vê sua imagem refletida de ângulos diferentes, de acordo com a posição dos olhos de cada animal. "A criança vê sua imagem do ponto de vista do animal".

Serão três estruturas mecânicas reproduzindo animais com pontos de vista distintos, como se eles fossem uma câmera na cabeça: uma girafa, um cão, um pássaro voando, um jacaré nadando dentro da água e uma cobra pendurada em uma árvore. Uma sexta possibilidade está sendo estudada com o Ilumina, que seria utilizar imagens de verdade com personagens capazes de reconhecer a ocorrência. "O espectador vê uma caricatura, porque olhamos sempre para a mesma direção quando estamos em grupo", lembra Cao. Quando um se vira para a lado, todos acompanham.

A área terá cenário e haverá um percurso definido formando um passeio lúdico. Exceto painéis gráficos, eletrônicos, os aparelhos terão uma espécie de joystick para que a criança possa controlar os movimentos de animal que a está focalizando. "A ideia é colocar a criança no papel de câmera", comenta.

O segundo projeto, ainda mais lúdico, é uma simulação da casa das três porquinhos. A criança entra numa casa e, pela sonorização do ambiente, descobre que a loba

está rondando o local. A narração e efeitos sonoros vão determinando uma trilha em que a criança busca as diferentes ações no exterior da casa — portas, janelas, fechaduras, etc. Por trás de cada um, estará um monitor de vídeo com a imagem do lobo mau. "Assim vai ter de ser feito com algum cuidado para não ficar bobo demais e, ao mesmo tempo, não causar choro", lembra Cao.

Embora seja um tipo de trabalho novo para o diretor, ele acha que sua natureza é relacionada com o cinema, sua principal atividade. Tem toda a preocupação com luz, cenografia, som e, no caso das vídeos do lobo, direção de atores, efeitos, etc. Enfim, uma experiência interessante. "Tenho feito alguns anos em que a criança pudesse entrar, porque tenho dificuldade em pensar em uma videocultura, por exemplo", admite. De fato, o conceito do projeto de Cao se aproxima mais de um videomuseu, um parque de diversões com vídeo, como ele mesmo tenta definir. "Não poderia fazer algo como o Nam June Paik, que é impressionante", comenta, se referindo à maior atração do Videobrasil.

O terceiro projeto já não tem tanto o público infantil como alvo e pode ser considerado uma videoinstalação no sentido mais rigorosamente usado da expressão. A ideia é montar uma grande sala (do tipo onde habitam famílias inteiras nos trilhos brasileiros) e, em uma sala ao lado, ter um monitor com imagens de um labirinto espacial variado, mostrando o caminho entre os extremos que conectam no mundo moderno. "É o que vivemos no Brasil", diz Cao. Uma possibilidade é que as imagens exibidas sejam da exposição da Challenge, mas isso ainda não está decidido. "Acho que, nesse caso, a leitura seria outra", comenta. "Não quero ser tão tendencioso".



Cao Hamburger: crianças poderão se divertir e aprender lições através de vídeos interativos no Videobrasil

Keiichi Tanaka viaja pelo subconsciente

O artista expõe 'Cosmic Rays', mistura de sons e cores que levam a processo mental, no Videobrasil

GABRIEL BASTOS JUNIOR

Em 1991, Keiichi Tanaka foi um dos destaque da Bienal Internacional de Artes de São Paulo com um dos primeiros trabalhos de vídeo. Suas instalações feitas com uma luz que trabalhava com a reação humana à luz. Este ano ele volta ao País (com apoio da Fundação Japão) para mostrar um novo trabalho — 'Cosmic Rays' — no Videobrasil, em novembro, no São Paulo.



Keiichi Tanaka: imagens

A participação de Tanaka no festival é mais uma das atrações paralelas à mostra competitiva. Embora não esteja diretamente ligado ao vídeo, o projeto de Tanaka tem forte ligação com a utilização da tecnologia na arte, que sempre também é obra de Nam June Paik, principal homenageado deste ano.

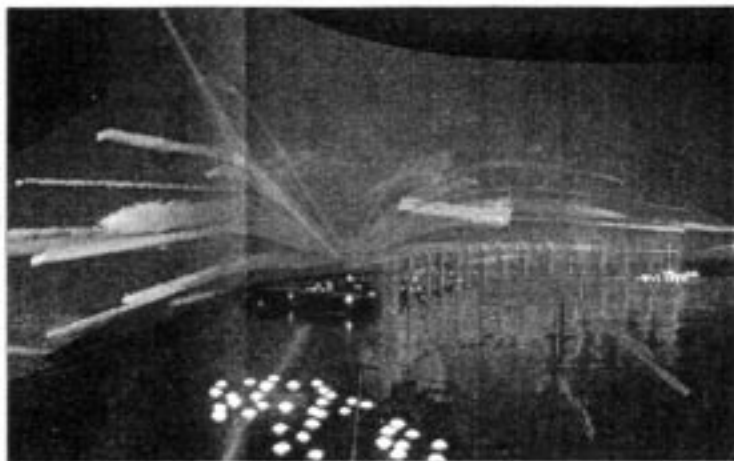
Quando Rays foram reproduzidos em um computador em uma tela com um vídeo sobre os animais. Tem como elemento fundamental um controle giratório que regula a realização desses sons e imagens, assim como de substância na Terra. Os sinais do computador giram o vídeo visualmente transformando em cores de luz, raios laser e efeitos sonoros. O resultado é uma mistura de sons e cores que tem por objetivo levar o observa-

do a uma viagem pelo subconsciente, experimentando sensações que vão além do cinco sentidos corpóreos. Embora a explicação pareça transcendental, o trabalho de Tanaka tem forte base racional. A posição da aparelhagem utilizada é matematicamente calculada e promette uma viagem silenciosa para que a imagem vista pelo observador nunca seja a mesma.

Com formação acadêmica na área de artes plásticas, Tanaka vem desde cedo baseado em trabalho na utilização de tecnologia. Em 1980, ganhou o primeiro prêmio de um longo currículo nessa área, com uma exposição em Tóquio. Em 1984, participou do Festival de Arte e Tecnologia em Montreal. No mesmo ano, participou de uma grande coletiva itinerante no Japão (Light in Art of Light), feita com fins didáticos para informar crianças sobre a história da arte por meio da relação com a luz, que faz parte de sua filosofia. O trabalho de Tanaka ficou na seção dedicada ao vídeo.

Tanaka será pessoalmente montar a instalação, a convite do Videobrasil e da Fundação Japão. Em entrevista por fax, ele deu algumas informações pessoais sobre seu trabalho e sobre o que estará exibindo no Brasil, com exclusividade para o Estado.

Estado — A respeito de tempo é muito importante no projeto 'Cosmic Rays' e também se relaciona com a ideia de movimento da luz no espaço, mais com um seu trabalho... Estado — O tempo também tem uma relação com radiação e energia além das unidades luminosas... Tanaka — Figo um elemento de radiação do Universo e o envio em meu trabalho, porque meu propósito é levar as pessoas das sensações além dos sentidos humanos orgânicos. Tenho buscado um sentido alternativo, que está potencialmente in-



'Cosmic Rays' instalação de Keiichi Tanaka com sua luzer trabalhada com a reação humana à luz

ter de nós. Estado — Conhecimento sobre o que ocorre no sistema fora do nosso planeta e tentar representá-lo não são sempre uma preocupação para você? Tanaka — Estamos sendo destruídos por a cada momento e com a preocupação da Terra por causa de nossa falta de respeito. Portanto, minha intenção é criar do universo em meu trabalho, que é o mesmo ritmo que mora a transmigra-

ção da vida.

Estado — A instalação está sendo feita experimentalmente no Videobrasil ou você tem como reproduzir seu efeito?

Tanaka — Sempre preparei o aparelho mecânico antes da exposição e chamo-o todo está funcionando. Mas não tentarei antes da abertura, porque o humor e a atmosfera do dia inspiram o efeito final.

Estado — Em 1990, você partici-

por de um projeto didático para levar crianças e jovens sobre os seres. O interesse e a informação sobre seres vêm diminuindo? Como isso afeta seu trabalho? Usar luz, um elemento comum em muitos vídeos, é uma forma de quebrar essa barreira?

Tanaka — acredito que a sociedade precisa mudar o conceito de educar as crianças com relação à arte e à ciência. Meu trabalho ajuda em ambos os campos. Também acredito que a luz seja um importante elemento ligando o origem da vida humana. Então o incorporarei em meu trabalho como símbolo do crescimento.

Estado — Como seria, como as que seu trabalho apresenta, são uma tradição na arte japonesa. Isso é uma opção consciente ou uma característica natural do trabalho com luz?

Tanaka — Quando começo um projeto, não estou pensando na tradição artística japonesa e não tenho a intenção de pôr em prática um estilo japonês em meu trabalho. Mesmo assim, possuo de outras fontes conscientemente conscientes que há um estilo oriental nele. Acho que isso deve ser um estilo subconsciente, devido à minha ascendência japonesa.

Estado — Seu trabalho na Bienal de 1991 foi aclamado por aqui. Você vê alguma mudança substancial desde aquela ocasião? Qual a sua impressão sobre o Brasil e ter sua nova oportunidade de expor aqui?

Tanaka — Desde a exposição no Brasil, mudei o estilo de meu trabalho cinematográfico. A mudança do Brasil e as diferenças que testemunhei, em comparação com a paisagem líbia do Japão, influenciaram meu trabalho. Foi uma experiência maravilhosa observar meu trabalho no Brasil, porque me permitiu vê-lo sob uma perspectiva diferente.

MOSTRA SERÁ NO SECC POMPÉIA, EM NOVEMBRO

Paik, o papa da videoarte, será homenageado no VideoBrasil

Coreano mandará suas principais video-instalações e ainda promete criar uma obra especialmente para exibir no festival

Crédito: Ramalho

SÃO PAULO

O papa da videoarte, figura inspiradora de todas as criações dos artistas que acreditam que montagens de vídeo e artes plásticas podem fazer promessas juntos, será o principal homenageado do 11º VideoBrasil, em novembro. Nam June Paik, coreano, criador da expressão eletrônica *super highway*, artista do célebre grupo Fluxus (no qual gerou como ele, John Cage e Yoko Ono revisaram, juntos, o conceito de arte nos anos 60), terá sua carreira ditatoriamente

instalada no VideoBrasil. Ele não poderá vir (aos 64 anos, Paik anda doente demais para rodar pelo mundo), mas enviará toda a sua espólio.

Paik, com inedito raço de colaboração com um evento do gênero, aceitou mandar ao Brasil suas principais videoinstalações ("TV Mood", "TV Fish", "TV Garden" e "TV Buddha"). É mais: ainda prometeu inventar uma obra especificamente para o festival. O 11º VideoBrasil acontecerá em São Paulo, no Sesc Pompéia (de 12 a 17 de novembro), e no Rio de Janeiro (de 19 a 26 de novembro), em lugar ainda não divulgado.

Para quem não conhece bem o universo da videoarte, vale explicar que uma exibição desse porte, estrelada por alguém como Paik, significa um boa dose de prestígio para um festival internacional. O coreano inspirou toda a arte de vanguarda eletrônica feita no mundo desde que ele inventou, em 1969, o que seria chamado, algum tempo depois, de videoarte. Sua obra já aportou uma vez no Brasil, numa Bienal Internacional de São Paulo, e foi também aclamada na última Bienal de Veneza. Em nenhuma delas o artista compareceu. Ele só está de Nova York, onde vive, para vi-

sitar sua terra natal, na ocasião da Bienal da Coréia. Lá, ele tem o status de ídolo nacional.

No VideoBrasil, Paik estará presente, sim, mas do jeito que ele gosta: via satélite, de Nova York. A coisa funcionará assim: em São Paulo, haverá uma reprise das performances do Fluxus, com a equipe de artistas que trabalha com ele: Stephen Vitiello no piano, Steina Vasulka no violino de disc laser e Paik, ao vivo, via satélite, fazendo-se não se sabe o quê: é surpresa. A performance remete às intervenções do Fluxus, quando Paik fazia dupla com a violinista Charlotte.

— Trazer o Paik é um sonho e está definindo o conceito do VideoBrasil este ano. Resolvemos fazer uma retrospectiva da videoarte, que está completando 30 anos, e nada melhor do que usar o trabalho do Paik para contar essa história — diz Solange Farias, curadora e organizadora do 11º VideoBrasil, cuja mostra competitiva, que abrange candidatos de todo o hemisfério sul, já abriu suas inscrições, que vão até o dia 12 de setembro.

No juri, o creme da área: Alain Bourasse (do Canal Plus, da França), Diego Lascano (videomaker argentino), Eder Santos (artista,

brasileiro); John Gilles (artista australiano); Lori Zippay (do Electronic Arts Interact, dos Estados Unidos) e Pascal Rip (do Machina, da França).

Agora o coreano, o VideoBrasil trará seu similar europeu (o francês Michel Jaffrenou, com trabalhos quase tão importantes quanto os de Paik), que apresentará 122 *storyboards*, uma pintura de dez metros quadrados e uma videoinstalação; e ainda Cao-Hamburger, com um gigantesco solar; interessante para crianças; o artista japonês multimídia Kichiji Tanaka, e o brasileiro Marcoses Saigado. ■

O Popular. Goiânia, 29/04/1996.

Videobrasil em nova edição

Os produtores experimentais de vídeo do hemisfério Sul já podem preparar suas câmeras e idéias para a 11ª Videobrasil, mostra competitiva bienal a se realizar de 12 a 17 de novembro, em São Paulo, com realização do Sesc Pompéia. As inscrições se encontram abertas até 12 de setembro e podem participar obras realizadas a partir de julho de 94 por artistas da América Latina, África, Oceania e Indonésia.

O festival deste ano, em sua terceira versão internacional, é também uma homenagem aos 30 anos da videoarte no mundo. A principal proposta é criar um espaço onde emissoras de tevê, distribuidores de cinema e produtores independentes de vídeo coexistam e interajam sem choques. A organização do evento tem a preocupação de atualizar as pessoas a respeito das produções mundiais e divulgar a arte brasileira em outros países. As premiações visam incentivar os projetos experimentais, mas há também espaço para os filmes que se utilizam de tecnologia de ponta, CD-ROM, telecinagem ou as animações de computador.

Nesta edição, o Videobrasil estará homenageando o grande videomaker coreano Nam June Paik. Ele abrirá a mostra com uma performance ao lado da violinista Steina Vasulka. Uma retrospectiva da obra do artista em videotape também será apresentada. O coreano ainda fará exposição de cinco videoinstalações, uma feita es-



DINO ISLAND

Criação de Jerzy Kular, uma produção da Ex-Machina

pecificamente para o evento.

Regras- As obras inscritas podem ter sido realizadas em qualquer formato e sem limite de duração. Devem ser entregues em U-Matic low band e nos sistemas NTSC ou Pal. Cada realizador poderá participar com até três trabalhos que deverão ser inscritos em formulários separados.

Cada fita deverá conter unicamente o trabalho inscrito no festival e ser acompanhada de quatro fotos em preto e branco ou cromo da obra, duas em preto e branco

ou cromo do autor, material promocional da obra, sinopse completa, ficha de inscrição preenchida em letra de forma ou à máquina, videografia do autor, diálogos em inglês (caso o trabalho não seja falado ou legendado em inglês). As obras também devem ser classificadas por categoria: animação, CD-ROM, clip, computação gráfica, documentário, ficção ou videoarte.

Neste Videobrasil 96, além das três premiações em dinheiro - seis, quatro e dois mil dólares

para primeiro, segundo e terceiro lugares -, haverá também uma viagem para a França com estágio na produtora de arte por computador Ex-Machina.

As fitas devem ser enviadas para 11ª Videobrasil - Sesc Pompéia, Rua Clélia, 93, 05042-000 - São Paulo-SP. Informações pelo telefone (011)280-6031.

Festival: 11ª Videobrasil
Inscrições: até 12 de setembro
Local: Sesc Pompéia - Rua Clélia, 93, 05042-000 - São Paulo-SP
Informações: (011) 280-6031

A principal proposta do 11º Videobrasil, que terá inscrições abertas no 12 de setembro, é criar um espaço onde cineastas de tevê, distribuidores de cinema e produtores independentes de vídeo coexistam e interajam sem choques. Uma realidade que está longe de ser a brasileira, onde os produtores de vídeo são vistos como uma proposta de linguagem inovadora dentro pelas tevês, mas que já é comum em outros países europeus e norte-americanos.

O festival desse ano, em sua terceira edição internacional, deve fazer uma leitura da arte eletrônica mundial sob o signo do Heterosul (América Latina, África, Oceania e Indonésia) — que faz parte da mostra competitiva. É também uma comemoração aos 30 anos da videarte no mundo.

As principais preocupações da organização do evento são ampliar as pesquisas e respeito das produções nacionais e divulgar a arte brasileira por outros países. "Enfim os artistas e galerias internacionais precisam se ocupar e, na maioria das vezes, os artistas brasileiros e os do Hemisfério Sul pouco fazem suas leituras", diz Solange Freitas, coordenadora da mostra.

As produções procuram inovar os próprios experimentos, não há também espaço para os livros, que estão sendo feitos de ponta, utilizando-se as animações de computador. "O importante é a busca constante sobre a si própria e de outros sobre a essa inovação", diz Solange.

O FESTIVAL PROCURA INCENTIVAR OS PROJETOS EXPERIMENTAIS, MAS HÁ ESPAÇO PARA TIVES QUE USAM TECNOLOGIA DE PONTA, OU ANIMAÇÕES DE COMPUTADOR

O grande homenageado de 1996 será o videocasta francês Nam June Paik, um dos pioneiros de trabalhos desse tipo. Ele abrirá a mostra com uma performance ao lado da cantora francesa Yvonne. Também haverá uma retrospectiva de um obra em vídeo e estará exposta cerca de 500 obras, uma lista especialmente para o evento.

Os trabalhos, que podem ser produzidos em vários meios, como CD-ROM, slides ou computador gráfico, só serão exibidos no festival em vídeo. "É uma forma de padronização, já que não existem mais categorias para distinguir as obras competitivas", diz Solange.

Os organizadores pretendem realizar uma série de eventos paralelos, para complementar o evento. Serão



'Dino-Island', de Jerry Kolar, uma produção da Ex-Machina

Videobrasil, em defesa de uma nova linguagem

COM INSCRIÇÕES ABERTAS, A 11ª EDIÇÃO DO FESTIVAL VAI COMEMORAR 30 ANOS DA VIDEOARTE E FAZER UMA LEITURA DA ARTE ELETRÔNICA MUNDIAL, ESPECIALMENTE A DO HEMISFÉRIO SUL



'Otras Anteriores: Siema', de Christian Boustani



'Communion', de Isabelle Chabrière, Jimmy Lokatos e Michael D. Smith

videomontagens, performances, debates, o Vídeo Jornal (documentação diária do festival, com entrevistas e declarações dos participantes) e uma reunião de vários festivais internacionais, que tentará fundar uma federação dos organizadores.

Uma segunda edição especial, dedicada para receber os 3.000 m² da área de convivência do Sesc Pompéia (co-organizado pelo evento desde 1992).

Mas o destaque é o encontro dos programadores de cinema de tevê com os produtores de vídeo do País. O objetivo é criar um mercado de vídeo alternativo aqui no Brasil. Solange, que organiza o festival há 11 anos, diz que vem tentando atrair essas duas vertentes há algumas edições do evento, mas que apenas neste ano tem realmente chances de conseguir isso. A presença do Canal 4, da Inglaterra, e do Canal Plus, França, já está confirmada.

"As televisões brasileiras ainda têm muito preconceito com produções que apresentem uma linguagem diferente da linguagem convencional da TV", diz Solange. "São poucos os programadores que têm interesse em comprar os vídeos que participam do festival." Apesar de

NESTE VIDEOBRASIL, UMA NOVIDADE: ALÉM DOS TRÊS PRÊMIOS EM DINHEIRO, HAVERÁ UMA VAGUA PARA IBANICA, COM UMA CO-MODIFICAÇÃO GARANTIDA PELA EX-MACHINA

em dos objetivos da mostra ser exclusivamente divulgar os trabalhos e buscar novos videomakers no mercado — como fez com Sandra Kogan e Marcelo Tava.

Neste Videobrasil, uma novidade: além dos três prêmios em dinheiro, uma vaga para França, com uma co-produção garantida pela Ex-Machina, uma das mais conceituadas produtoras de cinema arte do mundo. "Pretendo, no futuro, transformar todos os prêmios em co-produções com grandes empresas de videarte", diz a catalã.

O 11º Videobrasil acontece no Sesc, de 12 a 17 de novembro. Não existe um número estipulado de vagas. "Preferimos sempre aceitar filmes representativos de todos os países, para incentivá-los", diz Solange.

Belo Sant'Anna

11ª Edição — 1996. Início da mostra no Sesc Pompéia (R. Glória Eugênia, 100), de seg. a sex. das 19h às 21h, ou no local alternativo Oliva 50 (deixar o endereço em 2h de 23h, entre 1995 e 1996) de seg. a sex. das 19h às 21h.

Abertas no Mispé as inscrições para o 11º Videobrasil

Estão abertas as inscrições aos interessados que queiram participar do 11º Festival Internacional Videobrasil, que acontecerá em São Paulo, entre os dias 12 e 17 de novembro. As inscrições no Recife deverão ser feitas até o dia 12 de setembro na sede do Museu da Imagem e do Som de Pernambuco (Mispé) — Rua da Aurora, 379, Boa Vista.

Quem acredita que tecnologia exclui arte, certamente estará de fora deste importante festival que pretende reunir o que existe de mais inventivo na área de vídeo. O festival chega à sua 11ª edição como o único evento na América do Sul que

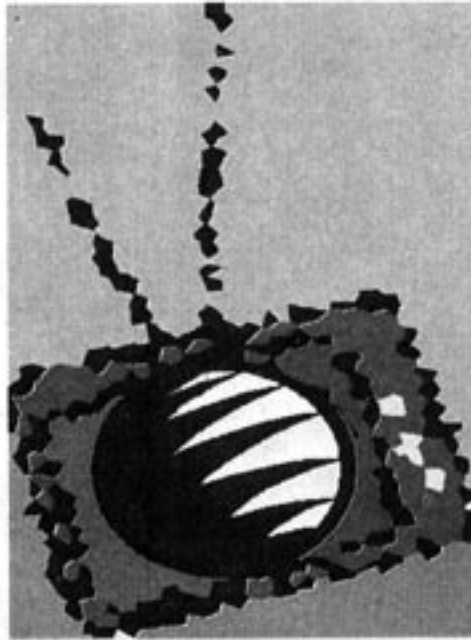
exibe e analisa o que existe de melhor em produção experimental dos últimos anos. Os trabalhos incluem o uso do computador, videoarte e produções experimentais em televisão.

Caracterizado como uma mostra competitiva, o evento reúne diversas categorias de inscrição, tais como Animação, CD Rom, Clipe, Computação

Gráfica, Documentário de Ficção e Videoarte. As obras inscritas deverão ter sido realizadas a partir de julho de 1994, em qualquer formato e sem limite de duração, por artistas da América Latina, África, Oceania e Indonésia.

O programa a ser apresentado nesta edição prestará uma homenagem aos 30 anos da

videoarte. Será também mais uma chance de os produtores brasileiros entrarem em contato com colegas de diversas partes do mundo, além de diretores de festivais e distribuidores do Chile, Argentina, Uruguai, Inglaterra, Japão, França, Estados Unidos, Holanda e



Itália.

Os vencedores do festival serão agraciados com prêmios de US\$ 6 mil (o primeiro colocado), US\$ 4 mil (segundo) e US\$ 2 mil (terceiro). Ainda existe o Prêmio Futuris, uma viagem para a França, como estágio na produtora de *computer arts* Ex Machina. Maiores informações pelo telefone 231.2716.

11º Videobrasil enfatiza computação

Gabriel Bastos Junior
Agência Estado

A 11ª edição do Videobrasil, de 12 a 17 de novembro no Sesc Pompéia, em São Paulo, além de homenagear o pai da videoarte, Nam June Paik, vai dar ênfase para a computação gráfica, um dos ramos mais criativos da produção de vídeo. Além de convidados especiais da área, o Prêmio Aliança Francesa (ex-Futuris) passa a ser um dos mais importantes do festival, com a possibilidade de o vencedor realizar uma co-produção com o estúdio Ex Machina, o maior da Europa e, ao lado do Pixar, um dos mais importantes do mundo.

Nos últimos anos, o festival já enviou dois realizadores na qualidade de estagiários para conhecer o trabalho do Ex Machina - o brasileiro João Quintino e o argentino Pablo Rodriguez Jouregui. Este ano, Pascal Bap, gerente-geral da empresa, vem participar do júri para incrementar essa relação e firmar, de acordo com sua avaliação, o convênio de co-produção. "O prêmio passa a ter uma perspectiva do futuro, deixa de ser

efêmero", diz Solange Farkas, organizadora do evento.

O Ex Machina foi fundado em 1988 e, nesses anos de existência, ganhou mais de 60 prêmios internacionais. Sua produção média é de 90 minutos de computação gráfica por ano, o que corresponderia, grosso modo, a um Toy Story (77 minutos de duração) por ano. Seus trabalhos são, como na Pixar, em áreas variadas, como publicidade, vídeos empresariais e ficção, nos quais enfatiza o caráter experimental.

É claro que a atuação do estúdio se estende ao cinema, na parte de efeitos visuais. Entre seus vários trabalhos, o mais conhecido por aqui é A Rainha Margot, de Patrice Chéreau. Seus curtas como Sub-Oceanic Shuttle, Penguin Blues e Evoluzioni vêm acumulando prêmios em festivais como o Imagina, em Montecarlo, considerado o mais importante na área de "computer arts".

Além de Bap, outra participação especial no júri é de Alain Burose, realizador francês. Ele coordena o programa O Olho do Ciclone, da rede francesa Canal +, um importante espaço para ani-

mação experimental na televisão européia. Vem trazendo, obviamente, uma amostra do que de melhor já foi exibido na série.

A programação do festival ainda vai contar com o jovem talento de Cristian Boustani, realizador que vem sendo aplaudido em vários festivais. Segundo Solange, a importância de toda essa movimentação é ampliar a visão que se tem do computador como ferramenta, que já vinha ocorrendo em vários trabalhos nas últimas edições. "Queremos estimular trabalhos mais artísticos com o uso de computador", diz.

Solange agora espera que o volume de trabalhos em computação gráfica inscritos na mostra competitiva reflita o espaço que será dado ao gênero. "O convênio com o Ex Machina será fechado durante o festival e depende da qualidade do que for exposto", adianta Solange. "Mas sei que há uma produção de qualidade no Brasil." As inscrições para o festival ficam abertas até 12 de setembro. Não há formato exigido ou limite de tempo de duração para os trabalhos, mas a produção deve ser de países do Hemisfério Sul.

O Estado de S. Paulo. São Paulo, 26/02/1996.

SP, RJ, MG, PR e DC: R\$ 1,10
Demais Estados: ver
tabelas na página A4

EDIÇÃO
SÃO PAULO

O ESTADO DE S. PAULO

Julio Mesquita (1891-1927)

Julio de Mesquita Filho (1927-1969)

Franzesa Mesquita (1927-1969)

JULIO DE MESQUITA NETO
Diretor
Responsável

ANO 117 - SEGUNDA-FEIRA - Nº 27.383
SÃO PAULO, 24 DE FEVEREIRO DE 1996

CADERNO 2



Cidade verá obra de Paik

O 11º Festival Internacional Videobrasil, em São Paulo, terá obra inédita de Nam June Paik, ao lado de retrospectiva que incluirá detalhes de sua mostra na Bienal de Veneza. (Foto) Página 21

COMPUTAÇÃO GRÁFICA



The Floating World of Material: vídeo de computação gráfica de Jerry Kolar feito no Ex-Machina



'Labs', vídeo de Pascal Roullet: mostra um trabalho no estúdio europeu, utilizando efeitos especiais

Videobrasil faz convênio com estúdio europeu

Na 11ª edição do festival, o criador do melhor trabalho na área poderá participar de uma co-produção com a empresa Ex-Machina, uma das mais importantes do setor no mundo

QUÊSIS, BASTOS JUNIOR
A 11ª edição do Videobrasil, de 12 a 17 de novembro no Sesc Pompeia, em São Paulo, além de homenagear o pai do videocine, Nam June Paik, vai dar ênfase para a computação gráfica, um dos ramos mais recentes da produção de vídeo. Além de concursos especiais da área, o Festival Alameda Francesa (ex-Futura) passa a ser um dos mais importantes do festival, com a possibilidade de o vencedor realizar uma co-produção com o estúdio Ex-Machina, o maior da Europa e, ao lado do Pixar, um dos mais importantes do mundo.

**ESTÚDIO
CRIOU EFEITOS
DE 'A RAINHA
MARGOT'**

agora é A Rainha Margot, de Patrice Chéreau. Seus curtas como Sub-Cosmo e Kismet, Angulo Filho e Eyobauer vêm acumulando prêmios em festivais como o Imagina, em Montevideo, considerado o mais importante na área de "computer art".

Além de Paik, outra personalidade especial no Jô é de Alain Baroni, realizador francês. Ele coordena o programa O Dia do Clôneo, da rede francesa Canal +, um importante espaço para animação experimental na televisão europeia. Vem, também, obviamente, uma amostra do que de melhor já há existido na área.

A programação do festival ainda vai contar com o jovem talento de Cristian Inatama, também que vem sendo aplaudido em vários festivais. Segundo Solange, a importância de toda essa animação está em ampliar a visão que se tem do computador como ferramenta, que já vem ocorrendo em vários trabalhos nas últimas edições. "Queremos estimular trabalhos mais artísticos com o uso do computador", diz.

Solange agora espera que o volume de trabalhos em computação gráfica inscritos na mostra competitiva reflita o espaço que será dado ao gênero. "O convênio com o Ex-Machina será fechado durante o festival e depende da qualidade do que for exposto", afirma Solange. "Mas sei que há uma produção de qualidade no Brasil". As inscrições para o festival ficam abertas até 12 de setembro. Não há formato exigido no limite de tempo de duração para os trabalhos, mas a produção deve ser de países de Iberoamérica. Mais informações na Associação Cultural Videobrasil pelo telefone (011) 280-9031 ou fax (011) 882-3286.



'Cassiopeia', o primeiro longa-metragem totalmente virtual do Brasil: nenhum elemento de desenho foi feito fora do computador

'Cassiopeia' é projeto virtual pioneiro

O 'Toy Story' brasileiro, do animador Cláudio Vieira, é tão tangível quanto o filme da Disney

Poderiam chamar de 'Toy Story' brasileiro, não importa. O fato é que 'Cassiopeia', o primeiro longa-metragem de animação totalmente virtual produzido no Brasil, tem estreia nacional prevista para 1 de julho em 90 cinemas espalhados pelo País. Será o segundo filme brasileiro de animação produzido em 3D, e o primeiro em vídeo. O projeto não conseguiu o apoio financeiro necessário, mas o diretor Cláudio Vieira conseguiu concluir seu projeto, que é pioneiro. "Não importa quem faça antes", comenta. "Os dois projetos são pioneiros e o Brasil está na vanguarda de uma nova linguagem de cinema virtual".

A parte de criação do filme está completa. Agora Vieira está esperando a primeira etapa toda do laboratório americano Duxar, responsável pela transposição das imagens digitais para película. "A primeira etapa leva um mês e a segunda de um mês e meio", comenta. "O sistema — a software — é o mesmo utilizado no 'Toy Story'".

Vieira classifica seu trabalho como cinema virtual porque nenhum elemento foi feito em um estúdio. Ele trabalhou em um computador. "Meu filho contava para o mundo 'tal era o meu', brincava. Não houve desenhos digitais por artistas, modelos baseados em fotos ou nada semelhante. "Tudo foi criado virtualmente, dentro do computador".

O trabalho virtual diz que não se trata de 'Toy Story' e não vai ter a mesma qualidade de produção. "Mas não acho que seja a pior coisa do mundo. Assim são coisas que se tornam referências, como quando en-

quanto o trabalho. "Mas acredito que 'Toy Story' tenha sido feito dentro de uma mentalidade de computação gráfica", afirma. "Se quer fazer um filme 100% virtual, que participe de outros", comenta. "Mas não é isso que eu quero fazer".

A diferença de atitude se baseia no que Vieira chama de "presençação audiovisual", ou seja, a consciência de que um trabalho pode ser também um valor de posicionamento pessoal. Nesse sentido, ele não dispensa a disputa com a Disney. "Como 'Cassiopeia', chegaram primeiro e estabeleceram a referência".

Apesar de 170 páginas de longa-metragem produzidas digitalmente. Para ser ter uma ideia do que isso representa, basta dizer que um gigabyte é um milhão de bytes e um bom computador pessoal tem apenas 8 megas de memória. É um volume de informação digital tão grande que a única possibilidade de criação é trans-

ferido para cinema. "Para criar digitalmente precisa ser armazenado por um processo que não esteja ainda", diz.

Esperito — Para comparar o filme, há pouco trabalhar com o espírito de animador do cinema brasileiro. Nos quatro anos que durou o processo, em parte por causa da falta de dinheiro, Vieira conseguiu US\$ 1,2 milhão, uma metade perto dos US\$ 30 milhões necessários para 'Toy Story Animation' (sob direção de John Lasseter) para fazer o filme.

A produção audiovisual, no entanto, não quer dizer que o filme não tenha sido feito para ganhar no público, não apenas por ser importante visual, mas pela história. "Trabalhei com imagens virtuais, mas usando o linguajar de cinema ao vivo, tentando trabalhar digitalmente com a linguagem", diz. E como se o filme fosse uma espécie de história via entre a animação e o filme ao vivo. "Tentamos fazer os personagens bem humanos", comenta Vieira. "De inspiração, eu não, eu vou lá. Sina". (G.B.J.)

**ESTREIA ESTÁ
PREVISTA PARA
5 DE JULHO EM
80 CINEMAS**

O mundo está ficando mais inteligente.

Estadão
É muito mais fácil.

Produção tem belas imagens, mas roteiro é ruim

A história, nada original, parece saída de algum episódio antigo de 'Jornada nas Estrelas'

Não fosse melhor, com todas as dificuldades que uma produção local carrega, 'Cassiopeia' seria um belo longa-metragem de animação, trabalhando com uma nova estética gráfica que se estabelece na computação gráfica — a estética das imagens digitais, que não sofrerá a impressão de tridimensionalidade. O filme foi exibido pela primeira vez na segunda-feira, para a apresentação de abertura com os secretários de Tu-

do da Cultura e Educação para o projeto Casa Verde. 'Cassiopeia' será visto por estudantes da rede estadual em sessões especiais, assim de seu lançamento, em julho.

Vicinalmente, o filme é fã. Tem algumas seqüências de animação repetidas, principalmente na rotina de operação das naves. Mas tem um belo momento, como nos personagens e trabalhos aéreos. O problema, não raro em cinema brasileiro, é o roteiro.

A história parece saída da série original de 'Armadilha no Espaço'. Uma nave governada está trabalhando a energia vital do planeta. A história, que conta a história de um grupo de jovens que se encontram no planeta Terra, que conta a história de um grupo de jovens que se encontram no planeta Terra, que conta a história de um grupo de jovens que se encontram no planeta Terra.

**CENAS
DE BATALHAS
AÉREAS SÃO
FANTÁSTICAS**

Dois engenheiros inventam um veículo em torno do terra — mesmo a produção é parecida com a história de 'Armadilha no Espaço'. Uma nave governada está trabalhando a energia vital do planeta. A história, que conta a história de um grupo de jovens que se encontram no planeta Terra, que conta a história de um grupo de jovens que se encontram no planeta Terra.

Se lembrarmos que o último longa-metragem produzido no Brasil foi na década de 60, animado pelos estúdios de Maricô de Sionni, 'Cassiopeia' ganha muito do filme brasileiro. (G.B.J.)

VIDEOBRASIL Centro Cultural estará fechado amanhã; exibição é normal no Sesc Pompéia com convidados e competição

Festival tem alteração no programa

de Reportagem Local

O 11º Videobrasil, principal festival de instalações, performances, CD-ROM e fotografia, sempre envolvendo a imagem eletrônica, teve uma alteração na sua programação da mostra competitiva.

O Centro Cultural São Paulo, que exibiria a mostra competitiva a partir das 20h, amanhã estará fechado.

Na sexta-feira, o evento acontecerá apenas no Sesc Pompéia, a partir das 19h30.

O Centro Cultural volta a exibir a mostra competitiva no sábado, a partir das 17h.

Hoje serão exibidos no Sesc Pompéia, a partir das 19h30, 11 vídeos na mostra competitiva, entre eles "13 Filhos", de Maria Oliveira e Maria Nohring, "Na Velocidade dos Mercúrios", de Elio Goldman e Caco Souza, e "Um Dia Bravo", do argentino Ivan Marinic.

No Centro Cultural estarão oito vídeos, a partir das 20h, entre eles, "Teach Me", de Rbanha Altzan Zastari, e a co-produção Argélia/França "Territoire", de Mabel Bensmail.

Multimídia

Fora de competição, o destaque de hoje é o lançamento do CD e a performance "Poesia é Risco", de Augusto de Campos, Cid Campos e Walter Silveira, às 22h, no teatro do Sesc Pompéia.

O poeta Augusto de Campos pretende unir imagem, som e palavra num espetáculo de poesia multimídia.

Enquanto Augusto lê os poemas, seu filho Cid Campos toca baixo e guitarra computadorizada, além de apresentar samples pré-grava-

dos em estúdio.

O videartista Walter Silveira mostra uma sequência de vídeos e slides sincronizados com a performance dos poemas e da música.

Monitorio

O 11º Videobrasil estará acontecendo até dia 17 de novembro, no Sesc Pompéia e no Centro Cultural São Paulo.

O evento terá monitorios para estudantes e público em geral. Eles falam sobre história da videarte, os artistas convidados e o funcionamento das videoinstalações, das 9h às 21h.

Quem estiver interessado em fazer uma visita monitorial às instalações deve agendar dia e horário ligando para o Sesc Pompéia, no telefone (011) 871-7700.

Eventos Iniciais Competitivos do Videobrasil

Quarta: até sábado, no Sesc Pompéia, às 19h30, e até domingo, às 20h, no Centro Cultural São Paulo

Quarta: Sesc Pompéia (p. Della, 93, Pompéia, região oeste de São Paulo, 0114871-7784 ou 871-7700); Centro Cultural São Paulo (p. Vergueiro, 1.090, Paschoa, região central, tel. 871-277-9611, renal 279)

Programação hoje, no Sesc Pompéia, às

- 19h30 - "Inovada" (Brasil), "De Nela" (Argentina), "13 Filhos" (Brasil), "Ausência" (Argentina), "Desejo Meu" (Brasil), "Santa Laura" (Chile), "Vozes do Rio" (Brasil), "Vozes de Submarino" (Argentina), "Na Velocidade dos Mercúrios" (Brasil), "Um Dia Bravo" (Argentina), "Adios, America" (Brasil), no Centro Cultural São Paulo, às 20h: "Teach Me" (Brasil), "Tree Tiger" (Brasil), "Territoire" (Argélia/França), "The Edge of the Rain" (Argentina), "Sextour" (Brasil), "Museum" (Austria), "O Dia" (Brasil)

Programação do 11º Videobrasil

<ul style="list-style-type: none"> 11h - Apresentação "Teach Me", por Hans Fallenberg 15h - Música informativa "Expansions of Presence" e "Performance auf Audienz", de Kate Handfield (EUA) 17h30 - Música informativa Nam June Paik, "Nonesuagen" 19h - Lançamento de "O Potencial Dialógico na Televisão", livro de Artur Marink 19h30 - Videogramas: Mostra competitiva (programa 1) 22h - Performance "Teach Me", com Augusto de Campos, Cid Campos e Walter Silveira 	<ul style="list-style-type: none"> informativa "Investigations of the Phenomenal World: Space, Sound and Light", de Kate Handfield (EUA) 17h30 - Música informativa "De Nela", de Peter Papes, e "Antespectiva Nam June Paik - Docu-artwork" 19h30 - Videogramas: Mostra competitiva (programa 4) 22h - Performance "Teach Me", de Augusto de Campos 	<ul style="list-style-type: none"> "Trazendo de Manaus de Ades Santos e Paulo de Sena" 17h30 - Música informativa "Expansions of Presence", por Kate Handfield (EUA) 17h - Apresentação de CD-ROM por Mabel Bensmail 19h - Videogramas: entrega dos prêmios e exibição dos vídeos vencedores da mostra competitiva
<ul style="list-style-type: none"> 11h - Conferência e vídeo "Mickal Gilchrist & the TV Circuit: From Concept to Work", por Mickal Gilchrist (EUA) 17h - Apresentação de CD-ROM "Desejo e Medo", de Elio Goldman e Caco Souza 17h30 - Música informativa "13 Filhos", de Maria Oliveira e Maria Nohring 19h30 - Videogramas: Mostra competitiva (programa 2) 22h - Performance "Teach Me", por Hans Fallenberg 	<ul style="list-style-type: none"> 11h - Conferência TV e Arte - Memórias de Produção" 15h - Música informativa "Approaching Familiar - There Are Problems To Be Solved", por Kate Handfield (EUA) 17h - Apresentação de CD-ROM "Desejo e Medo", de Elio Goldman e Caco Souza 17h30 - Música informativa "13 Filhos", de Maria Oliveira e Maria Nohring 19h30 - Videogramas: Mostra competitiva (programa 3) 22h - Performance "Teach Me", por Hans Fallenberg 	<ul style="list-style-type: none"> 17h30 - Música informativa "Teach Me", de Hans Fallenberg 19h30 - Videogramas: Mostra competitiva (programa 5) 22h - Performance "Teach Me", por Hans Fallenberg

Três brasileiros vencem festival multimídia

O baiano Marcondes Dourado, o paulista Carlos Nader e a mineira Patrícia Moran foram os primeiros colocados da mostra competitiva do 11º Videobrasil, que terminou domingo em São Paulo

BEATRIZ VELLOSO

Três brasileiros conquistaram os primeiros prêmios da mostra competitiva do 11º Festival Internacional Videobrasil, que terminou domingo. O baiano Marcondes Dourado, de 22 anos, foi o grande vencedor, com seu vídeo "Opodi (Ano 2000)" e a paulista Carlos Nader ficou em segundo lugar com "O Fim do Mundo e a minha Patrícia Moran". A mineira Patrícia Moran foi a terceira colocada, com "Adios, America". A entrega dos troféus foi feita nesta manhã no Sesc Pompéia, com a presença do ministro da Cultura Flávio Cotta.



Marcondes Dourado venceu Opodi Ano 2000 entre quatro obras de cinema, entre as quais se destacaram o canadense "Salvador, Deus do Império" e o

especial de cor e distinção e fez uma trilha sonora que mistura a batida forte do samba com a voz do cantor. É a crítica popular com o encanto de videarte. Dourado também participou do 11º Videobrasil com a performance "Bardi", que usa a linguagem do vídeo à da dança da bailarina Sandra del Carmen — tudo inspirado em textos de Antonio Aranda.

Além dos três vencedores principais — que receberam, respectivamente, R\$ 6 mil, R\$ 4 mil e R\$ 2 mil —, o júri do festival fez ainda quatro menções honrosas. Havia (do brasileiro) Benedito Caldeira, "Tevidio (7)" (co-produção Argélia/França, dirigida por Mabel Bensmail), "Alfabeto, A, B, C e D" (Brasil), "A Telemática de Paulo" (Cao Hamburger, também brasileiro) e "Mullig Out de Aquino" (da australiana



O vídeo de Cao Hamburger: menção honrosa

Janez Menezes).

O júri foi formado por Doris Migon (curadora do Swedish Museum de Holsala, um dos mais importantes do mundo em arte de vídeo), Eddie Berg (curador do Video Festival, festival inglês), Eder Santos (videartista brasileiro), John Gillet (artista norte-



Dourado: primeiro lugar com "Opodi Ano 2000"

americano Artur Marink, de Nova York, e curadora da mostra especial dedicada ao videartista, também Nam June Paik no Videobrasil).

O júri, que votou nos concorrentes da mostra competitiva por telefone durante a transmissão do programa

Christ Brasil, pela TVE do Rio, em outubro. São 2000 (do brasileiro residente no Canadá Dourado) venceu Opodi Ano 2000 com o melhor vídeo. E a paulista Patrícia Moran venceu com seu vídeo "Adios, America", de Paris — um vídeo "Hanoi World" foi considerado o melhor tra-



Três brasileiros em competição global. Para os que pediram a exibição da mostra competitiva, ainda há atrações do Videobrasil expostas no Sesc Pompéia (Rua Cláudio, 93, 01171-7794). As instalações de João Cardozo, Cao Hamburger, Mickal Gilchrist e Erick Tardas ficam no Centro de Convênios da até domingo, assim como a exposição "Photo in Progress, com fotos de Renato Cruz mostrando desde a montagem do festival até o último dia da mostra. A próxima edição do Videobrasil será em 1998.



O baiano Marcondes Dourado, vencedor do principal prêmio do 11º Videobrasil, anteontem, em São Paulo

FESTIVAL *“Ogodô Ano 2000”*, de Marcondes Dourado, foi o vencedor

Produção nacional monopoliza premiação do 11º Videobrasil

AMIR LABAKI
da Equipe de Articulistas

Cinco produções nacionais em vídeo arrebatarem os principais prêmios do 11º Videobrasil - Festival Internacional de Arte Eletrônica, encerrado anteontem à noite em São Paulo.

Três das cinco menções honrosas do júri oficial também foram atribuídas a vídeos brasileiros. É sobretudo como um estímulo à variedade que esse predomínio deve ser interpretado.

A sessão de premiados que sucedeu o anúncio dos prêmios esteve longe de empolgar, e seu progressivo esvaziamento foi a prova cabal disso.

O grande vencedor, *“Ogodô Ano 2000”*, do baiano Marcondes Dourado, reitera de forma pouco original a contemplação melancólica e estetizante do Carnaval.

Imagens captadas numa zona gay de Salvador na Quarta-Feira de Cinzas de 1995 são ralentadas e varridas horizontalmente por feixes coloridos.

A câmera lentamente percorre os corpos da cabeça aos pés, retornando aos rostos, captados em expressões que inequivocamente remetem ao belo ensaio fotográfico de Arthur Omar, *“Antropologia da Face Gloriosa”*.

Premiado em segundo lugar, *“O Fim da Viagem”*, de Carlos Nader, foi o ponto alto da noite. Uma viagem de um motorista de caminhão que transporta porcos é minuciosamente acompanhada.

O despertar em casa, a solidão na boléia, a cumplicidade dos companheiros de estrada, a crua entrega da carga, a volta ao lar sucedem-se sem apoteose.

Nader manipula os registros do documentário e da ficção e demonstra pleno controle narrativo.

O terceiro prêmio ficou com a irregular colagem cômica *“Adeus, América”*, de Patrícia Moran, que joga com a história do continente e estereótipos da colonização.

Já o inédito voto do público da TVE elegeu o voyeurismo em ritmo de zap de *“Sex 2000”*, em que Ricardo Afonso Mendonça pre-

tende ter desenvolvido um ensaio audiovisual foucaultiano sobre a sexualidade contemporânea.

“Sex 2000” recebeu 1.140 dos expressivos 6.353 votos por telefone.

Já o prêmio Aliança Francesa-INA (Instituto Nacional do Audiovisual), que oferece ao vencedor um estágio de desenvolvimento em computação gráfica na conceituada produtora francesa Ex-Machina, foi para Milenne Tanganeli, por *“Virtual World”*.

As menções honrosas foram concedidas aos vídeos *“Vada”*, de Henrique Goldman, *“Território(s)”*, de Malek Bensmail, *“15 Filhos”*, de Maria Oliveira e Marta Nehring, *“O Menino, a Favela e as Tampas de Panela”*, de Cao Hamburger, e *“Making Out in Japan”*, de Janet Merewether.

Os mais de 350 vídeos inscritos para o festival deste ano, incluindo os premiados e demais selecionados para a competição (69 no total), podem ser conferidos gratuitamente até domingo na videoteca montada no Sesc Pompéia (rua Clélia, 93, Pompéia).

VIDEOARTE 'Passagem de Mariana' foi criada pelo videomaker Éder Santos e pelo músico Paulo Santos, do grupo Uakti

Performance mostra os pecados capitais

FERRAÇO OLIVA da Redação

Éder Santos traduziu os pecados capitais em imagens. Paulo Santos, em poesia. A interpretação musical fica com Paulo Santos.



"Passagem de Mariana", vídeo-performance que acontece hoje no 11º Videobrasil, tem seis câmeras de vídeo, oito projetores, duas lentes de adição e nove músicos para interpretar os sete pecados capitais: luxúria, gula, inveja, cólera, preguiça, orgulho e ira.

Tudo acontece numa espécie de aléia, com os músicos tocando em seis tendas no estilo dos índios apácuas, norte-americanos. Dentro de cada tenda, câmeras de vídeo mostram as lentes de adição do videomaker Éder Santos. Com iluminação interna, cria-se um efeito de sombras distintas. E grandes silhuetas dos instrumentistas são vistas pelo público.

Paulo Santos, do grupo musical Uakti, cria sete movimentos musicais de quatro minutos cada, um para cada pecado.

Esquente a banda — trombone, teclado, bateria, baixo, percussão e quatro vocais — Uakti, Éder edita suas imagens e projeta nas paredes

Programação

MEYERHOLZ

- 11h - Conferência "TV e Arte - Mecanismos de Produção"
- 11h - Mostra informativa "Zdzislaw Biega Narkowski - There Are Problems to be Solved", por Kate Horsfield (UK)
- 17h - Apresentação do CD-ROM "Desejos e Medos", de Gisele Dornelles e Fábio Inagaki
- 19h30 - Mostra informativa "So'You Later - 30 Artists and TV" de Michael Shapiro
- 19h30 - Vídeoinstalamento competitivo (programa 5)
- 22h - Performance "Passagem de Mariana", de Éder Santos e Paulo dos Santos

LUZZI (LUSANO)

- 11h - Mostra informativa "London and Conference", por Kate Horsfield (UK)
- 17h - Apresentação do CD-ROM por Michael Shapiro
- 19h - Vídeoinstalamento dos primeiros vídeos de vídeo competitivo

Local: São Francisco de Assis, 91, Pompeia, tel. 011-3711-7388

de para dar trabalho, falando com as silhuetas dos músicos. "Forma-se um acampamento de

imagens", explica Éder.

De vez que a poetisa Sandra Penn fez baseado na música de Paulo Santos apresenta num telão de cinco metros de altura. "Meu coração se fecha de rubor volúpia e vergonha: ovelha que deseja lobo", é o texto de Penn para o pecado da gula. A imagem será apresentada como "alma armada em grêmios, olhos brancos e corpo, pupila que não dilata".

Para a preguiça: "Fecha os olhos e vejo a cor das minhas pálpebras", diz: "Ando tocando maracas. Não como Freud que eu não sou desmancho de noite".

Os 30 minutos de "Passagem de Mariana" só foram apresentados uma vez, em Belo Horizonte. O nome foi escolhido por Éder Santos, inspirado num vilarejo entre as cidades de Ouro Preto e Mariana, em Minas Gerais. A relação entre a poezia, vídeo e a performance de hoje? "Foi a lococri... não dá para explicar direito", diz Éder.

Esta não é a primeira vez que a parceria Éder e Paulo Santos rende uma produção quando vídeo. Em 1990, no 8º Videobrasil, foram premiados com "Não Vou à África Porque Tenho Planeta". Na última edição do evento, mostraram "Pescadõessem".

Desejos e Medos
Outro destaque da programação de hoje no Videobrasil é a apresen-

tação do CD-ROM "Desejos e Medos", feito em Paris por Gisele Dornelles e Fábio Inagaki.

O CD trabalha com depoimentos colhidos em vídeo no metrô parisiense. Dornelles e Inagaki abor-

dram cerca de 250 pessoas com as perguntas: "Qual seu maior medo?" e "Qual seu maior desejo na vida?". As imagens do CD-ROM serão projetadas nas telas.

Performance Passagem de Mariana
Ingresso: R\$ 2,25
CD-ROM Desejos e Medos
Quanto: R\$ 6,15
Local: São Francisco de Assis, 91, tel. 011-3711-7388



Éder Santos, videomaker que apresenta hoje a performance "Passagem de Mariana", no 11º Videobrasil

A VIDEOARTE FAZ 30 ANOS

O 11º Festival Internacional Videobrasil, ocorrido de 12 a 17 de novembro, faz homenagem ao artista multimídia Nam June Paik

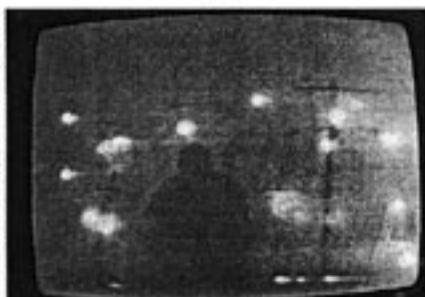


Ele já fez uma família de robôs congestionarem o trânsito de Nova York, uma o planeta via satélite com o vídeo *Good Morning, Mr. Orwell*, em 1964, criou uma bizarra combinação de pianos, máquinas de fazer burrinhos, duas velhas televisões com a preciosa participação do artista plástico Joseph Beuys tocando piano, com um machado. Um dos artistas do movimento antiápcico, pós-dadaísta *Fluxus*, o sul-coreano naturalizado americano, Nam June Paik, é reconhecido como o principal responsável pelo estabelecimento do vídeo como uma nova forma de arte. Pioneiro da videoarte, desde os anos 60 Paik vem usando a tecnologia para desmistificá-la e humanizá-la.

Dezembro 96

21

O 11º Festival Internacional Videobrasil, que acontece de 12 a 17 de novembro, no Sesc Pompéia, teve como tema a videoarte e Nam June Paik, o grande homenageado. Considerado um dos principais eventos de mídia eletrônica e artes, o Festival oferece uma gama variada de atrações nacionais e internacionais, com instalações, performances, palestras, concertos de CD-ROM e sessões de vídeo.



Desde que criou um evento internacional, em 1971, mudou de formato e, consequentemente, de características. O Festival deixou de ser apenas de vídeo para se transformar num espaço mais amplo de arte eletrônica.

O objetivo do evento, segundo o curador Selanga Furtado, é muito claro, ele não só é um difusor, quanto estimula para esta expressão artística que existe há 30 anos e compõe o mercado de arte, como a pintura e a escultura. "Na verdade, o Festival é uma oficina de criação. É aqui que você pode ser autêntico com as técnicas tecnológicas, com os conceitos sociais, estéticos. O artista precisa desses espaços e o Videobrasil se permite ter esse espaço", diz a curadora.

A intenção de Videobrasil é colocar o artista em contato com o circuito de difusão dessas obras, funcionando como um mercado informal. O Jôri é pensado e composto em função desta estratégia. Foram escolhidos poucos espaços de realizar as obras, mas muito mais do que isso, são pessoas que eventualmente possam levar estas obras para o circuito internacional. Para isso o Jôri foram chamados: Leo Zippe, diretora executiva do Festival; Ana Ineratti (EAD), centro de artes e mídia de Nova York, responsável como a primeira e mais importante distribuidora de obras de

Ferem dois vídeos de mostra competitiva ligados ao autor: *Quilombo Urbano*, de Marina Diniz, (artista brasileira) e *Índios*, de Guilherme Cifuentes

videoarte, Alan Barakat, diretor e produtor de programas de rádio na emissora Europe 1, responsável pela programação de produções de curta-metragem na emissora de TV Canal Plus, John Gilen, reconhecido pela variedade de formatos e linguagens que utiliza em suas criações, com uma extensa videografia, muitos prêmios significativos, como a "Menção Especial" no Festival de Vídeo de Nova York, em 1994; Eder Sampa, um dos nomes mais respeitadas do circuito nacional, com amplo reconhecimento no exterior e Diego Lascaris, autor de uma ampla videografia, com uma dezena de produções reconhecidas internacionalmente.



Intervieram-se 350 trabalhos e deles apenas 50 foram selecionados para a mostra competitiva, que mobiliza o público e estimula em competições de lançamento no Paralelamente, a mostra informativa expõe importantes trabalhos que foram escolhidos na área de videoarte, no Sesc Pompéia e no Centro Cultural São Paulo.

Instalações

As obras do setecento expõem água da lava de correio do Sesc Pompéia, as instalações foram agradavelmente expostas. Segundo Mario Gello, responsável pela programação do evento, conviver os projetos deve para não é nada fácil, mas obteve a uma boa experiência que é dar espaço ao artista sem interferir na sua criação. "Meu trabalho é fazer com que cada obra seja colocada à disposição dos artistas", diz o organizador.

Pela primeira vez no Brasil, Nam June Paik teve uma retrospectiva de seu trabalho. Grande atraição do Festival, Paik preparou novas versões das famosas *TV Moos* e *TV Budo* para o Festival brasileiro, mas ainda sobreviveram presentes *TV Fok* e *TV Góndis*. Na versão "nacional" de *TV Góndis*, Paik utilizou plantas brasileiras para compor seu jardim, e no *TV Budo*, o representante californiano de Budo foi um proto-vilão sentado na posição de Uta.

Os trabalhos apresentados no Videobrasil ilustram bem a evolução de artistas, foram divididos em três temas: *Colagem*, *Homage* e *Desconstrução*. Em *Colagem*, os trabalhos revelam uma mistura singular e reflete que Paik fez de elementos diversos, como vinhetas da cultura pop, imagens de TV, entre outros, criando espaços de *Homage* é uma série de obras que criou em par-

te as para homenagear artistas que teve influência em seu trabalho. O tema seguinte apresenta trabalhos de li como performer e artista.

Em sua obra multimídia, Paik com a simplicidade oriental para o seu, o vídeo e a simplicidade do vídeo a sensação de imagem dos seus de comunicação de massa, utilizou a mais avançada tecnologia da época. Em suas instalações e performances, trabalhou sempre de modo dinâmico, ele utilizou a TV de um seu idioma, além e era limitado com o emprego de computadores, um sofisticado sistema visual, provocando as mudanças decorrentes do vídeo. Em *TV Budo*, por exemplo, Paik simplesmente colocou uma máquina Budo assistida à televisão. Em uma de suas obras, as estruturas *Elmas* a área. De seja, se espelha em e o próprio Budo riam vídeo simplesmente e agras situações do mesmo.

O francês Michel Laffont, grande ícone da videoarte internacional, criou o vídeo, ainda inédito, *Paik e Lobo*. Criado a partir da música de *Avril*, esta é uma versão teatralmente informatizada. O público não teve acesso, na sua instalação, a *Walking off Home* trabalho. Como integrante de *Paik e o Lobo*, também apresentou sua primeira performance *Le Ficus de Pissarro*, feito há 16 anos, a obra de arte optou um personagem que joga uma bola que percorre uma trilha, ad libitum e novamente à sua vida.

Kiyoko Tsukida trouxe do Japão o vídeo *Comer Ray*, em que dois robôs se misturam à música e ao ar. De Brasil, foram convidados João João e Cam Hamburguer. João Cardoso começou sua carreira em 1964, e de lá para cá seu trabalho de videoarte evoluiu. Na sua mais recente instalação, trata-se de uma relação íntima com o público. "Este trabalho é uma proposta completa humana. Acho que hoje, a arte é grandemente trabalhada com temas do cotidiano e, lá atrás, ela se afasta dos temas cotidianos emocionais. Acho



Se eles para fazer *Wok Rim*, de Eder Sampa, *O Ovo*, de Leo Zippe e *Na Im 21*, de Eduardo Albuquerque Brasil

vídeo. A relação que as crianças atualmente têm com a televisão é passiva e anestésica, então acredito que poderiam entender um pouco melhor essa linguagem e adquirir uma postura mais crítica em relação ao que eles estão vendo.

Seis monitores foram colocados à disposição das crianças e expõem mais detalhadamente o que era um pouco de vídeo, que a luz pode dar uma sensação de dimensão a uma obra etc. Elas podem, inclusive, realizar trabalhos em grupo. "A intenção é que as crianças tenham uma relação mais crítica e entendam que além de uma imagem existe um artista, um trabalho", explica Vera Barato.

Performances

A instalação e a performance são duas das mais fortes experiências da videoarte. Por isso, nos dias 12 e 13 de novembro, Selanga Furtado dedicou um grande espaço para essas atividades. A curadora convidou Isabelle Chelivsky, com o seu

Le Partage des Pies 2, e o músico Marcos Donato, com *Bomb*, apresentaram trabalhos que mesclaram dança e videoarte. Augusto de Campos, Cid Campos e Walter Silveira realizaram *Poesia e Ritmo*, uma mistura de poemas, poemas e música. O músico Eder Sampa fez, com o grupo Ueki, *Passagem de Mariana*.

Outro programa interessante foi a mostra informativa. Nela, apresentaram-se trabalhos de vários países do mundo. Entre eles, a eslovena *Offshore de Zof*, com mais de quatro horas de filmagem e vídeos self-narrativos.

Nesta Rubric Imagética, Selanga Furtado mostrou algumas tendências. "Pela primeira vez recebemos muitos vídeos que falam sobre a sexualidade. A guerra também aparece, principalmente nos trabalhos de Libano e da Bielorrússia, mas de maneira mais poética", diz a curadora. A fase de desdobramento com os recursos tecnológicos raramente acontece. Muitos vídeos, este ano, foram a própria tecnologia à alta tecnologia. Recebendo homenagem Nam June Paik, ele chegou a dizer: "É preciso entender a tecnologia e usá-la para subvertê-la, para humanizá-la".

Videobrasil apresenta o premiado 'Trovoada'

Filme de Carlos Nader será exibido amanhã no Centro Cultural, dentro da mostra competitiva

CARLA VIGAR
Espalpa para o Estado

Hoje e amanhã são os últimos dias para o público ajudar na escolha dos melhores vídeos competitivos do 11º Festival Internacional Videobrasil, de 1996 no Sesc Pompéia. O evento tem apoio do Estado. Os vídeos que passaram ontem no Sesc serão reexibidos amanhã às 17 horas, no Centro Cultural São Paulo, e os de hoje do Sesc, às 20 horas de amanhã, também no Centro Cultural. Os vencedores da mostra competitiva receberão as primeiras divulgações, às 15 horas, depois do Videopalma e da exibição das premiações.

Hoje, às 20h30, os canais de televisão alemã alemã (ARD) e austríaca (ORF) exibirão ao vivo um dos momentos do Videobrasil. A ZKM, Zentrum für Kunst und Medienforschung de Karlsruhe, na Alemanha, selecionou o videomaker Carlos Nader para mostrar o segundo mais importante prêmio da instituição: o de produção. Isso significa que, além de sua qualidade em diálogo, Nader poderá gravar um vídeo naquele país.

Segundo Rodrigo Parkes, responsável pela indicação de vídeos da Alemanha Latina, o Prêmio Internacional de Vídeo da ZKM é o mais importante da atualidade. Há uma seleção prévia que escolhe 40 obras entre as votações. Os brasileiros recentemente entraram nessa lista, e Carlos entrou e já ganhou, comenta o curador. Trovoada, o vídeo brasileiro vencedor, poderá ser visto na mostra do Videobrasil no Centro Cultural, amanhã, às 17 horas.

Filçado em 16-8, Trovoada tem 17 minutos e é um forte concorrente para a mostra competitiva do Videobrasil. Nader explica que esse é o vídeo mais pessoal que já fez. Anteriormente a trabalhar com produções grandes e documentários, diz ter sido uma experiência interessante trabalhar sozinho. "Eu apenas eu e a câmera." Ele foi roteirista do Brasil Legal da Rede Globo e diretor do documentário O Bêbado.

"Um documentário tem sempre um tema central e o desenvolvimento gira em torno desse tema", explica o diretor. Trovoada desenvolve-se como uma linha de pensamento associativa. Uma ideia passa a outra a um ponto compreensível e mais importante. "O vídeo só é desfeito por ele mesmo, por ser um relato sobre uma sensação única."

Essa atenção marca momentos de várias pessoas sobre a vida de tempo. Em vez de ter personagens, Nader fez um roteiro para não ter atores. São ritmos de personalidades que se conectam



'Trovoada', de Carlos Nader, premiado pela ZKM da Alemanha: diálogo e granações na Europa

lhos enquanto estão montando os seus trabalhos. A vida surge quando estão notando um documentário que, involuntariamente, era sobre videomaker. Ele estava entrevistando Bill Viola, impedido artista americano, sentado no banco do Cristo Redentor no Rio. O Centro Cultural Banco do Brasil aguarda uma tribunação sobre Viola e convidou Nader para gravar *Silêncios* com Marcelo Dantas há dois anos.

A entrevista tinha muito material do que foi utilizado e as ocorrências sobre as atividades dos dois diretores aparecem em Trovoada. "Documentários que temo o mesmo tipo de estrutura. A imaginação Ovídio de São Paulo de São Paulo, do orientalista Basílio Henri Cortez", comenta. Ambos gostam de pessoas que imaginam e a observação da paisagem funcionam da mesma forma. A meditação que uma pessoa observa uma paisagem ela também a está criando. "O legal é que estamos notando da vida mais bonita do mundo", referindo-se à paisagem do Corcovado.

Outros trechos mostram o poeta e letrado Wally Salomão durante a festa de lançamento em fevereiro, em Salvador. O traço das pessoas na praia prenheira trazido para outra era, um outro lugar. O filósofo Antônio Cícero escrevia O Mundo desde o Plo, quando Nader o filmou. "O livro, baseado numa filosofia de lógica bem ocidental, no fundo, trata algumas ideias de São Paulo", explica o videomaker. Cícero pensa a morte como uma imagem literária e conecta com a afirmação existencialista de que o ser humano vive para a morte. Ao contrário de uma interpretação negativa, se o homem tem um fim determinado, está livre para



O diretor Carlos Nader: ex-roteirista de 'Brasil Legal', da TV Globo

decide todos os outros fins.

Carlos Veloso participou cantando Minnie Service *Invited to Marry*. Ele não viu na praia e acabou descendo do motor para bater papo. Mas a música principal de Trovoada é uma música de viagem, cantada no Norte para chamar chuva.

Trovoada termina com uma cena inesperada. Um bebê recém-nascido chega todo ao redor. São as primeiras pessoas para a percepção da complexidade das conexões sensoriais anteriormente. Nader afirma não haver uma preocupação com a produção e lembra de Fernando Pessoa: "Nunca é preciso, viver não é preciso; fazer Trovoada também não é preciso."



'O Castelo', de Elio de Azevedo: exibição hoje dentro da mostra competitiva



Cena de 'Inflação': filme australiano do videomaker Lina Alexander



Cena do vídeo 'Vida': co-produção entre Inglaterra, Angola e Brasil



'As Aventuras de Bênoé': realização dos brasileiros Rui Amaral e Cecília Esteves

SERVIÇO

Filmes de Carlos Nader no 11º Videobrasil

O fim da Vingança, hoje, a partir das 18h30, no Sesc Pompéia (Rua Chile, 92, ☎071-7700) e amanhã, às 20 horas, no Centro Cultural São Paulo (Rua Vergueiro, 1.000, ☎277-3811)
Trovoada, amanhã, às 17 horas, no Centro Cultural São Paulo (R. Vergueiro, 1.000, ☎277-3811)

Confira a programação do 11º Videobrasil, hoje, às 11 horas (auditório), conjuntamente com a mostra histórica The Beatles, McLuhan & The TV Cell; Os Primeiros Vídeos de Paul, de Lori Zippag; às 15 horas, (auditório), apresentação de CD-ROM

European Media Arts Festival, de Hermann Nitsch; às 17 horas (auditório), mostra informativa Investigations of the Phenomenal World - Space, Sound and Light, de Kate Hovlyford, Vídeo Data Bank; às 17h30 (no teatro), mostra informativa Do It, de Peter Piper; e Retrospectiva Nam June Paik Documental; às 19h30 (no teatro), vídeojornal e Mostra Competitiva 1; às 22 horas (teatro), performance Bando, de Marcondes Dinardo.

Amazônia, às 17 horas (no auditório), Conferência e Arte - Merações de Produção, às 15 horas (auditório), mostra informativa Approaching Narrative - There Are Problems To be Solved, de Kate Hovlyford; às 17h (auditório), apresentação CD-ROM Danças e Músicas, de Glória Domitilla e Fábio Siqueira; às 17h30 (no teatro), mostra informativa See You Later - I'll Anticipate and TV, de Michael Mautner; às 19h30 (auditório), vídeojornal e Mostra Competitiva 2; às 22 horas (teatro), performance Passagem de Mariana, de Eder Souto e Paulo dos Santos

Domingo, às 15 horas (no auditório), mostra informativa Gendered Conversations, de Kate Hovlyford; às 17 horas (auditório), apresentação de CD-ROM de Michael Mautner, London Electronic Arts And Performance Festival; às 19 horas (no teatro), vídeojornal, entrega de prêmios e exibição de vídeos vencedores da mostra competitiva. Confira: Sesc Pompéia (R. Chile, 92, ☎071-7700). Até domingo



PROJETO
ESTADAO
CULTURA

VIDEOBRASIL VIRA PROGRAMA LEGAL

Festival termina domingo com a premiação dos vencedores e atrai público infantil

Adultos e crianças têm uma boa opção de programação para este fim de semana: o 11º Videobrasil — Festival Internacional de Arte Eletrônica —, aberto na última terça-feira, que expõe até domingo, no Sesc Pompéia e no Centro Cultural São Paulo, trabalhos experimentais realizados em vídeo.

Artistas de 69 países do mundo inteiro participam da Mostra Competitiva — entre eles, 36 brasileiros — que reúne produções nos gêneros de documentário, ficção, vídeoarte, animação e experimental, sem limite de duração ou formato. Domingo acontece a premiação e exibição dos trabalhos selecionados, no auditório do Sesc. Além do prêmio oferecido pelos jurados, haverá um outro, escolhido pelo público que, no final de semana, poderá votar no melhor vídeo da mostra.

A edição deste ano do Videobrasil traz cinco instalações: *Daragdy*, da brasileira Inês Cardoso, *Le Flein de Plumes*, do francês Michel Jafferrenou, a *Vídeo Zoo*, do premiado diretor Cao Hamburger, do programa infantil *Casão Rá-Tim-Bum*, *Luminous Cosmic Rays*, do japonês Keiichi Tanaka, e *Waiting for the 22nd Century*, que reúne os trabalhos



A instalação *Vídeo Zoo*, de Cao Hamburger, preferida das crianças: "Muito divertida", segundo o garoto Alan (acima)

TV Budka, *TV Fish*, *TV Garden* e *TV Moon*, do papa da vídeoarte, o coreano radicado nos EUA e homenageado da exposição Nam June Paik.

Há ainda eventos paralelos. Uma videoteca instalada no Sesc exibe todos os vídeos do festival e conta com seis monitores, cada um com lugar para

duas pessoas, e fones de ouvido. É só chegar e pedir o trabalho.

O *Cafê Eletrônico* é outra atração e atende aos que querem navegar pela Internet, nos computadores instalados na recepção. Um videojornal é outro serviço oferecido pelo evento. Ele traz informações, entrevistas, imagens da mostra competitiva e

tudo sobre o Videobrasil.

Além disso, debates, palestras, performances e apresentações de CD-ROM sobre as tendências da arte eletrônica estarão sendo realizadas durante o evento, no auditório do Sesc. Uma equipe de 25 monitores, preparados para informar o público sobre a história da vídeoarte, como funcionam as instalações e sobre artistas convidados, orientam os visitantes.

Para o público infantil, a maior atração fica com a instalação de Cao Hamburger, *Vídeo Zoo*. Ela traz cenário — criado por ele e por Vera Barros e Carlos Barnack — em que animais são utilizados como suporte para câmeras e monitores. Toda a instalação promove interação entre o público e os aparelhos de tevê, as imagens e os vídeos.

Os irmãos Monique Dephaye Bianquene, 13 anos, e Patrique Alexandre Bianquene aproveitaram para se ver na tela e selecionar imagens para aparecer no vídeo. "Aqui é muito legal porque dá pra brincar bastante com tudo isso", conta Monique. Alan Ferreira do Nascimento confessa: "Estava passando aqui no Sesc para fazer uma pesquisa da escola. Acabei entrando e fiquei. Essa instalação é muito divertida."

Os pais que acompanham os filhos até o Sesc não resistem às cores fortes, ao ambiente propício a liberar a imaginação e também acabam interagindo na instalação de Hamburger. Para a professora Ednei Soares Alves, que levou o filho Marcos, de 4 anos, para o Sesc, "o trabalho é muito interessante".

Outros destaques da exposição podem ser conferidos nas instalações do homenageado Nam June Paik, *Waiting for the 22nd Century*, que reúne quatro trabalhos diferentes no mesmo ambiente, e a de Keiichi Tanaka, *Luminous Cosmic Rays*, reprodução do efeito visual e sonoro dos raios solares.

Mariana Castro

11º Videobrasil — Mostra Competitiva: Sesc Pompéia (R. Celso, 93. Tel.: 871-7784 e 871-7780) e Centro Cultural São Paulo (R. Vergueiro, 1000. Tel.: 277-3611). Até domingo. Instalações no Sesc Pompéia, até dia 24. Das 9h às 21h.



Casal na exposição: programa interativo

VIDEOBRASIL "See You Later", destaque da programação de amanhã, traz trabalhos da mais recente geração de videomakers do Reino Unido

Nova onda inglesa do vídeo chega a SP

de Reportagem Local

"See You Later", a mostra de vídeos ingleses destaque de amanhã na programação do 11º Videobrasil, é a prova de que a linguagem do vídeo ainda pode ser revolucionária e irreverente.

Quem vai estar apresentando esse canal é o francês Michael Mazière, diretor do London Electronic Arts, que chegou ontem ao Brasil. Ele selecionou para o evento 10 obras que representam a nova geração de artistas ingleses que exploram o vídeo em seus trabalhos. A novidade começa pelo nome da mostra, "See You Later" (Vejo você mais tarde). Todas as obras fogem do formato tradicional de

TV e, ao mesmo tempo, todas os foram ou irão ao ar. "São que em um horário alternativo, em geral muito tarde. Então são vídeos para ver mais tarde", afirmou Mazière em entrevista à Folha.

Os artistas dessa "nova onda" inglesa encontraram naturalmente uma nova forma de expressão com vídeo que foi bem-vinda tanto nas galerias de arte como nos festivais de cinema e vídeo.

O impacto com o público é imenso, afirma Mazière. Mesmo assim, os artistas encontram resistência para exibir seus trabalhos em emissoras de TV. "Em geral apenas a BBC 2 e a Channel 4 veiculam, em horários pouco convencionais."

Seu critério para a seleção dos trabalhos foi escolher os artistas que são os mais importantes no momento na Inglaterra. "É um programa que mostra diferentes formas que os artistas de hoje têm de fazer intervenção na televisão."

O conteúdo varia do formato documental à performance teatral em imagens "low tech", ou seja, sem alta definição. "Definitivamente esses filmes não são o que estamos acostumados a ver na TV. O que os artistas aproveitam de bom da TV é seu imediatismo."

Os trabalhos são muito diversos, segundo ele. Sua idéia era trazer obras de jovens artistas que trabalham não só com vídeo, mas também com instalações, pinturas, es-

culturas e também com cinema.

"See You Later" é composto de dois programas. O primeiro, a ser exibido amanhã, às 17h30, no Sesc Pompéia, traz 13 curtas-metragens e tem duração de 1h34. O segundo será a mostra dos quatro CD-ROM selecionados por Mazière, que será mostrado no domingo, às 17h, no auditório do Sesc Pompéia.

Entre os curtas está "Remember Me", do próprio Mazière, que vai ser exibido no Channel 4 em 1997. "O filme dura dez minutos e trata do sentimento da perda e da nostalgia que a morte traz contado de forma poética", disse.

(DANIELA ROCHA)

Evento: 11º Videobrasil

Programa: See You Later - 13 curtas de artistas ingleses

Quando: amanhã e domingo, às 17h30

Onde: teatro do Sesc Pompéia Jr. Gália, 93, Pompéia, São Paulo, tel. 011/871-7784



Videarte da nova geração de produtores ingleses, tema da mostra "See You Later" de curtas-metragens

Vídeo premiado na Alemanha será exibido hoje na TVE

Caetano Veloso e Waly Salomão divagam sobre o tempo em 'Trovoada'

Antonio Carlos Miguel

Ganhador, na Alemanha, do Internationaler Videokunstpreis, principal prêmio para o gênero no mundo, o vídeo "Trovoada", de Carlos Nader, será exibido hoje na TVE — às 22h30m, no programa "Curta Brasil especial".

Dirigido, fotografado e produzido por Nader — que, hoje, na Alemanha, está participando da cerimônia de entrega dos prêmios — "Trovoada" conta com participações de Caetano Veloso, dos poetas Waly Salomão e Antonio Cleero e do videomaker americano Bill Viola. Filmado em três diferentes locações — em Salvador, na festa de Iemanjá (no dia 2 de fevereiro), no Rio e numa instalação de arte em São Paulo — "Trovoada" pode ser definido, segundo o autor, como "um documentário sobre uma sensação".

— Trata-se de uma linguagem híbrida — explica Nader. — Os documentários costumam ter uma linguagem concêntrica, dando voltas em torno de um tema. Enquanto o vídeo parte de uma idéia associativa, sobre o conceito do tempo, funcionando à deriva, como a mente humana.

Escuridão é usada na estrutura narrativa do vídeo

Com 17 minutos de duração, filmado em preto e branco, "Trovoada" abusa da tela escura, reproduzindo o efeito dos raios de uma tempestade na noite.

— Eu trabalhava na produção e ainda não tinha um nome, mas, um dia, na praia, comecei a tropeçar e caí um raio a três metros de onde eu estava — lembra Nader.

Um dos participantes, Waly Salomão comenta o conceito:

— A idéia de um documentário não linear foi o que mais me atraiu — diz Salomão.

Ex-roteirista dos programas "Brasil legal" e "Programa legal", da Rede Globo, Carlos Nader trabalha com vídeo há seis anos. Um dos seus primeiros trabalhos, em 1992, o documentário sobre o Belçoqueiro — "Portrait of a serial kisser" — foi exibido e ganhou prêmios em diversos países europeus, no Japão e nos EUA. Amanhã, a TVE exibe outro vídeo premiado do diretor, "O fim da viagem" (que, em agosto deste ano, ganhou o Prêmio Especial do Juri do Rio Cine Festival).

O prêmio recebido na Alemanha por "Trovoada" dá direito à produção de um novo vídeo, que Nader realiza ano que vem, na sede do Centro de Arte e Tecnologia de Midia (ZKM) da Universidade de Karlsruhe. No momento, ele trabalha nos roteiros de dois longas: a estréia em ficção da diretora Sandra Kogut e um documentário sobre realidade virtual. ■

Videobrasil vai esquentar cena paulista



"Bardo", a Videobrasil com a dançarina Sandra dal Carmen, que estará no 11º Festival Internacional Videobrasil (FIV), entre 12 e 17 de novembro



Décima primeira edição do festival reunirá em São Paulo melhor do vídeo, mês que vem

Cinética Lassa

Dedicado à exibição e análise da produção experimental de vídeo, o Festival Internacional Videobrasil, em sua 11ª edição, está previsto para ocorrer entre os dias 12 e 17 de novembro, no Guarapiranga - São Paulo.



Marcondes Mourão novamente é destaque

O evento, que traz ao país as principais tendências das mais importantes emissoras que abrem espaço para a produção experimental.

No quadro das produções performáticas, on-line de toda a parte do mundo, destaque este ano para a Itália, representada por Marcondes Mourão. O artista mostra "Bardo", um trabalho que usa vídeo, dança, teatro e teatro inspirado em "Luz e sombra" e "A noite negra". Os trabalhos são exibidos e o festival é a direção de Antonio Azevedo.

Nelles, o autor descreve sensações vividas durante sua estadia em clínicas psiquiátricas. No espetáculo criado por Marcondes, a bailarina Sandra dal Carmen dança sua nuca sobre o porco de alumínio chaves de água e fios de cabelo.

Outra performance do programa tem o título de "Passagem de Mariana", um espetáculo multimedial inspirado nos sete pecados capitais e apresentado pelo grupo Uakti e o diretor Paulo Santos. Possui o ritmo também referenciado a um trabalho multimedial que reúne a prática de leitura de poemas de Augusto de Campos e de

outras autores como Rombald. Será acompanhado por Gid Campes (bato e guitarra) e de paybacks, projeção de vídeo e slides feitos pelo artista Walter Siqueira.

Já o coreógrafo canadense Basille Chouinard traz o multimedial "Le partage des passés". Há, ali, tecnologia e dança para criar novas realidades, com o objetivo de captar o processo de transformação do corpo real em sinal magnético. Em síntese, a performance procura investigar como estão conectadas a representação, a presença e a simulação, dividindo-se em três níveis: realidade, vídeo e computador.

O festival, tão como o maior evento da América do Sul, tem como realidades o São Paulo e a Associação Cultural Videobrasil, criada há quatro anos. Esta última, além de organizar o Videobrasil, tem a preocupação de documentar, distribuir e difundir o vídeo em todas as situações que se ligam à arte.

Para tanto, a entidade vem trabalhando para criar um espaço permanente que reúna a produção independente de vídeos experimentais e de arte e que possibilite o encontro entre artistas, curadores e o público.

É só em circunstâncias como estas que o italiano Marcondes Mourão e outros artistas principiantes têm a chance de expandir sua arte. Até lá, o rapaz tem feito muito de sua competência, além de ter sido premiado recentemente na Bienal do Rio de Janeiro, foi selecionado, juntamente com o artista Maragá, pela Folha de São Paulo e Anteafrica, para participar de Anteafrica Artes com a Folha (mostra paralela à Bienal paulista).

VIDEOBRASIL

ABERTURA LOTA SESC POMPÉIA

Instalação de Cao Hamburger foi uma das atrações mais visitadas

O 11º Festival Internacional Videobrasil começou anteontem com muito público e alguns imprevistos. As instalações dos artistas convidados atraíram crianças e adultos na área de convivência do Sesc Pompéia, desde as 19h. A instalação *Video Zoo*, de Cao Hamburger, foi uma das mais visitadas, principalmente por jovens casais e crianças, seu público-alvo. Trata-se de uma Arca de Noé vermelha com muitos animais dentro. Cada um deles se relaciona com monitores de vídeo e interage com o visitante, convidando-o a atividades diferentes.

As salas de Nam June Paik e de Keiichi Tanaka transportavam o visitante para um lugar calmo e contemplativo, diferente da festa fora delas. A instalação de Inês Cardoso estava fechada às 20h30. Os seis terminais de computado-

res do café eletrônico foram visitados por interessados em navegar pela Internet.

A violinista Steina Vasulka e o músico Stephen Vitiello apresentaram a performance *Video Opera for Paik* no teatro. O espaço estava lotado. Só convidados, artistas e organizadores podiam entrar. Sérgio Pereira veio direto do Rio de Janeiro e não conseguiu ver a performance. "Estou tentando na maior educação, teve um garoto que acabou de agredir o guarda e bater a porta", disse o carioca.

Dentro do teatro, o videojornal homenageou o coreano Nam June Paik, pioneiro da videoarte. Logo depois começou a exibição dos vídeos da mostra competitiva. O público festejou principalmente dois dos vídeos brasileiros: *Destino*, de Guilherme Cavalcanti, e *The Bodymen Lost in Heaven*, de

Luiz Duva. A mostra revelou bons concorrentes, como *Jinetes/De la Guarda*, do argentino Gonzalo Pampin, e *D-Void*, de Michelle Manrer e Alan Schacher, da Austrália.

Hoje, amanhã e sábado são os últimos dias para o público ajudar na escolha dos melhores vídeos competitivos do Videobrasil, com exibições às 19h30 no Sesc Pompéia (Rua Clélia, 93, tel.: 871-7700). Os vídeos serão reprisados às 20h do dia seguinte no Centro Cultural São Paulo (Rua Vergueiro, 1.000, tel.: 277-3611). Na sexta-feira o Centro Cultural estará fechado e, portanto, no sábado haverá uma sessão às 17h e outra às 20h. Os vencedores da mostra competitiva receberão os prêmios no domingo, a partir das 19h.

Camila Viegas,
especial para o JT

VIDEOARTE O poeta concreto mostra "Poesia É Risco" no Sesc Pompéia e une palavra, som e imagem em performance

Campos apresenta versos multimídia

FERNANDO OLIVA
de Redação

"Verboconstruções." Augusto de Campos define assim sua performance "Poesia É Risco", que será apresentada no Videobrasil deste ano. Dito de outra forma, o poeta pretende unir imagem, som e palavra num espetáculo de poesia multimídia.

Segundo Campos, o termo "verboconstruções", criado pelo poeta James Joyce (1882-1941), define a invenção de privilégios — e apresentar para o público — aquilo que a palavra tem de visual e sonoro.

Enquanto Augusto lê os poemas, seu filho Gê Campos toca baixo e guitarra computadorizada, além de apresentar samples pré-gravados em estúdio. O videomúsico Walter Silveira mostra uma sequência de vídeos e slides sincronizados com a performance dos poemas e da música.

Na programação desta 11ª edição do Videobrasil — de 12 a 17 de novembro, no Sesc Pompéia —, a performance acontece no dia 14, às 21h. Em entrevista à Folha, Augusto de Campos falou sobre sua participação no festival.

Folha - O que "Poesia É Risco" tem de novo?

Augusto de Campos - O espetáculo é bastante amplo na abrangência da linguagem poética. A novidade está no fato de se fazer uma espécie de diálogo da poesia com a música e com os sons e cores visuais. Que é sincronizado com as leituras e com as performances.

Folha - E por que o nome "Poesia É Risco"?

Campos - Porque dá uma ideia bastante expressiva do espírito da coisa, já que se trata de uma poética experimental, que lida com linguagens novas. Não estamos fazendo de um trabalho feito num

universo convencionalizado, já batizado. Por isso que a poesia é risco, especialmente nesse caso.

Folha - Você classifica a performance de "verboconstruções"?

Campos - É um termo que usamos desde os anos 20, nos manifestos da poesia concreta. A ideia é que você passe a organizar e estruturar os poemas dando uma ênfase muito grande à materialidade da palavra.

Em vez de a palavra funcionar como meio discursivo comum e natural, onde é morto, estocado, a tensão se concentra na exploração de sua virtualidade.

Palavra do ponto de vista material mesmo, visual, gráfico. É a valorização dos fonemas, da materialidade sonora da palavra. Faremos uma apresentação verboconstruções, exatamente porque a poesia concreta, por lidar com a materialidade da palavra, desde suas sílabas e fonemas, cria uma nova relação, que não é apenas aquela repositiva do passado. É uma abordagem diferente, que preferimos chamar de avaliação.

Folha - Você mistura leituras de poemas com elementos multimi-

dia. Como acontece essa integração do verbo e do novo em "Poesia É Risco"?

Campos - Não é propriamente o velho e o novo, já que essa dimensão oral da poesia sempre existiu, desde o tempo da poesia grega. No Brasil, não há muita tradição de leitura de poemas. O que estamos fazendo é uma abordagem nova, que provém, na origem, da própria proposta da poesia concreta, que desde o início se propôs como uma poética que explorava a materialidade da palavra em todos os seus parâmetros.

Folha - O que o público deve esperar de "Poesia É Risco"?

Campos - A intenção é produzir um espaço poético diferenciado. Convidamos o espectador a entrar para um universo de palavras, de sons, de luz, de imagem e criar uma espécie de provocação no sentido emocional. Levar as pessoas a sair de sua rotina cotidiana.



PARTICIPE DA MELHOR PROGRAMAÇÃO

Um festival de bons vídeos

'Videobrasil' vai ser exibido até domingo pela TV Educativa

Os cinéfilos que não podem acompanhar diretamente os muitos eventos do XI Festival Internacional Videobrasil aberto ontem no Sesc Pompéia, em São Paulo, comemorando três décadas de videofilme no país, vão poder conferir diariamente até domingo, sempre às 22h30, pela TV Educativa, a transmissão ao vivo do festival através do programa *Curta Brasil Especial*.

Videobrasil reúne produções da Argentina, Chile, Uruguai, Inglaterra, Japão, França, Itália, Holanda e Estados Unidos. São mais de sessenta vídeos de todas as tendências, experimentais e de animação, participando da mostra, entre eles 35 produzidos por autores brasileiros.

Durante o festival, a TV Educativa vai estar exibindo de seis a oito vídeos por noite. Os comentários serão feitos pelo crítico de cinema do JORNAL DO BRASIL, Fernando Albagli. Após as exibições, o público de casa vai poder participar elegendo o melhor vídeo nacional pelo telefone que a emissora vai deixar a disposição dos espectadores para a vo-



José Roberto Serra

Sandra Kogut filmará o making-off do festival de vídeos

tação. Entre os favoritos da mostra estão o vídeo *O menino, a favela e as tampas de panela*, do cineasta Cao Hamburger e *Quinze filhos*, de Maria Oliveira e Marta Nehring, que exhibe depoimentos de filhos de pais que foram vítimas da ditadura militar

depois de 1964. Fernando Albagli prefere não revelar seus vídeos preferidos para evitar que seu depoimento influencie o voto do espectador.

O vencedor do júri popular vai receber um prêmio de R\$ 4 mil da Fundação Roquete Pinto. O re-

sultado será divulgado junto com a premiação oficial durante a festa de encerramento marcada para domingo que também será transmitida ao vivo pela emissora a partir das 19h.

A cobertura do *Videobrasil* vai contar com a participação da repórter Paula Grinover que vai estar atenta a todas as performances, conferências, lançamentos de livros e CDs, exposições e ainda com o café eletrônico que terá seis terminais para acesso ao site do festival na Internet. Além de informar todas as novidades, Paula entrevistará *videomakers*, produtores e diretores que vão estar movimentando os bastidores. "O que estiver rolando lá no Sesc vai estar rolando aqui", garante um dos diretores do *Curta Brasil*, Luiz Carlos Lacerda.

Há quase dois anos no ar, é a segunda vez que o programa cobre um festival. Em julho deste ano, o *Curta Brasil* exibiu os curtas-metragens e vídeos do Rio Cine Festival. A novidade desta cobertura fica por conta do vídeo-jornal que está sendo produzido por *videomakers* que foram convidados pelos organizadores - SESC de São Paulo e Associação Cultural Vídeo Brasil - para mostrar o *making-off* do festival. Entre eles Marcelo Tas, Sandra Kogut e Carlos Nader.

Sessão telinha

O Videobrasil reúne imagem, arte e diversão



O Menino, a Favela... criança em Paraisópolis



As Aventuras do Bocado: ET da Paulista em ação



Désir Noir: imagens poéticas e misteriosas

Lembra o tempo em que os aparelhos de videocassete tinham só duas cabeças e controle remoto preso por um fio? O Festival Videobrasil nasceu nessa época, em 1983. Era um programa cult, só para candidatos a videomakers ou fãs do gênero, cheio de imagens retorcidas e com chuveiros. Treze anos depois, o evento ganhou status de primeira grandeza dentro da agenda cultural paulistana. A 11ª edição do festival, desde 1990 em âmbito internacional, começa na quarta-feira 13, no Sesc Pompéia, e só termina no próximo dia 24. Reúne 69 vídeos, a maioria com menos de cinco minutos de duração, selecionados entre 353 produções nacionais e estrangeiras. A mostra competitiva é o centro do evento, mas, além dela, há muito para ver. São 2.400 metros quadrados recheados de instalações, palestras, performances e até um café eletrônico, para os visitantes conversarem com os autores dos vídeos via Internet. "Atingimos um ponto ideal", orgulha-se Solange Parkas, curadora e diretora do evento.

Há atrações para todos os gostos. O festival trará pela primeira vez vídeo-instalações do coreano Nam June Paik, o inventor do gênero nos anos 50. Entre elas estará *TV Garden*, o jardim pipocado de monitores que esteve na Bienal de Artes de São Paulo em 1975.



TV Garden, vídeoinstalação de Nam June Paik: mestre do gênero

Só agora, também, o Videobrasil contará com uma videoteca para o público assistir individualmente às fitas da mostra. "Ao contrário do que acontece em outros festivais do gênero, muita gente que não entende nada do assunto passa para dar uma olhada", diz Solange. No ano passado, ele foi visitado por mais de 15.000 pessoas. Foi tanta gente que, neste ano, a duração do evento passou de seis dias para duas semanas.

Um dos ingredientes que incrementarão a lotação será a instalação *Video Zoo*, criada por Cao Hamburger, o premiado diretor do programa infantil *Castelo Rá-Tim-Bum*, na TV Cultura, e

pelos artistas plásticos Vera Barros e Carlos Barmak. Os três debutam no ramo com um zoológico de 200 metros quadrados talhado para intrigar crianças. Formigas passeiam pelas telinhas e um monitor-tamanduá tenta sugá-las. Um rato sai da toca e tudo o que ele vê aparece em uma televisão, assim como o que entra no ângulo de visão da girafa e do elefante. "No meio da brincadeira, as crianças vão ver como as imagens mudam de acordo com o ponto de vista", explica Hamburger. Ele participa também da mostra competitiva, com o vídeo de cinco minutos *O Menino, a Favela e as Tampas de Panelas*. A historinha se passa na favela de Paraisópolis. Rui Amaral, um dos pioneiros na arte do grafite paulistano, leva outro pedaço da cidade para a telinha. Na animação *As Aventuras do Bocado* ele dá vida ao ET presente no grande mural de sua autoria, que enfeita o chamado "buraco da Paulista". São temas paulistanos em meio a muito hermetismo e imagens misteriosas, como as mostradas no vídeo *Désir Noir*, de Inês Cardoso, a videasta revelação do último Videobrasil. Ou mesmo telas com chiados e rabiscos coloridos. Arte é arte.



Solange, diretora do evento: público maior

MÍRIAM SCAVONE

Choinire dança com imagens virtuais

ANA FRANCISCA PONZIO
especial para a Folha

O 11º Videobrasil apresenta hoje, às 22 horas, no Centro de Convivência do Sesc Pompéia, zona oeste de São Paulo, o espetáculo "Le Partage des Peaux 2", da coreógrafa canadense Isabelle Choinire.

Associando tecnologia e dança, Choinire desenvolve um trabalho único, em que contrapõe com as imagens virtuais dela mesma.

"Na coreografia 'Le Partage des Peaux 2' eu danço com duas pessoas que não são reais. A Isabelle sintética é minha parceira em cena", diz Isabelle.

Dividido em três níveis, o espetáculo mostra Isabelle dançando no tempo presente. Numa segunda etapa, o vídeo remete ao passado, apresentando a dançarina em cenas gravadas anteriormente.

À medida em que movimenta o corpo, Isabelle controla efeitos so-

noros e luminosos desenvolvidos por meio de tecnologia digital.

Isabelle diz que a tecnologia não se sobrepõe à dança. "Uso recursos como vídeo e informática para ampliar o poder corporal e não anulá-lo. Procuro desenvolver uma escrita coreográfica em que o corpo e a técnica se juntam em níveis formais, orgânicos e filosóficos."

Workshop com Clyde Morgan

O bailarino norte-americano Clyde Morgan realiza um workshop sobre dança afro-brasileira de hoje até 19 de novembro, no Sesc Consolação (rua Dr. Vila Nova, 245, zona central de São Paulo, tel. 256-2322, r. 223 e 233).

Dia 20, às 20h, com entrada gratuita, ele realizará uma apresentação solo na Pinacoteca do Estado (av. Tiradentes, 141, zona central, tel. 011/227-6329).

Espectáculo: "Le Partage des Peaux 2"

Quando: hoje, às 22h

Onde: Centro de Convivência do Sesc Pompéia (rua Clelia, 93, Pompéia, tel. 011/871-7786)

Quanto: entrada franca



MULTIMÍDIA *O japonês Keiichi Tanaka, que se define como um artista da luz ambiente, expõe trabalho no Videobrasil*

Instalação quer recriar os raios cósmicos

June Paik é homenageado

de Redação

O Videobrasil é o maior programa da produção experimental em vídeo da América Latina. Em sua 11ª edição (12 a 17 de novembro, no Sesc Pompéia), terá, na mostra competitiva, 69 trabalhos.

Os trabalhos vêm da Argentina, Austrália, Eslovênia, Uruguai, Chile, Nova Zelândia, Arábia, Líbano, México e Brasil.

Fora da mostra competitiva, o Videobrasil presta uma homenagem ao canadense June Paik — considerado o pai da arte experimental em vídeo. Serão quatro grandes instalações e uma mostra retrospectiva sob curadoria de Lori Zipary, diretora do Electronic Arts Intermix, nos EUA.

Além de Paik, farão instalações Keiichi Tanaka, o francês Michel Joffe e os brasileiros Cao Hamburger e Inês Cardoso.

O Videobrasil possui um site na Internet, cujo endereço é <http://www.videobrasil.org.br>



O artista Keiichi Tanaka, convidado especial do próximo Videobrasil

FERNANDO OLIVA
de Redação

Lei as mensagens do universo na forma de raios cósmicos, retransmitindo-as para o público de suas instalações na forma de luz e som, atingir o subconsciente das pessoas. Keiichi Tanaka, artista convidado do 11º Videobrasil, dispõe de 90 m² do Sesc Pompéia para fazer funcionar sua parâmetro eletrônica e, como ele quer, transcender os cinco sentidos básicos da percepção.

Se oído, visão, tato, paladar e audição são os não suficientes para elestrar — e entender — o mundo de Tanaka, só quem visitar "Cosmic Rays" poderá dizer. A instalação, parte da série "Luminous", usa equipamentos de alta tecnologia para reproduzir os raios cósmicos que formam os ventos solares do universo. Para tanto, a matéria-prima de Tanaka é o raio laser, usado em profundidade.

Funciona assim: um aparelho, chamado de contador "geiger", capta os raios cósmicos e emite sinais eletrônicos correspondentes. Estes, por sua vez, são lidos por um sistema computadorizado de amostragens e projetores que, por fim, transformam os sinais em efeitos sonoros e raios de luz laser. A visão da obra nunca é a mesma, pois depende do dia e da hora.



Essa edição do Videobrasil (12 a 17 de novembro) marca a segunda visita do artista japonês ao país. A primeira foi em 91, como participante da 11ª Bienal Internacional de São Paulo. À época, a instalação que Tanaka trouxe ao Brasil chamava-se "Aquarium With High Tech", também da série "Luminous". Desta vez, Tanaka aponta suas fichas no que chama de "fenômeno natural", e seus característicos estados de inconsciência.

Tanaka deve chegar a São Paulo na próxima semana. De Tóquio, via fax, falou à Folha sobre o vídeo, "Cosmic Rays" e luz.

Folha - Por que você batizou este trabalho de "Cosmic Rays"?

Keiichi Tanaka - Porque não se trata de uma seqüência programada de raios de luz, mas raios cósmicos e radiação como fenômeno natural, em constante mutação.

Folha - Sobre o que fala a série de instalações "Luminous"?

Tanaka - Ela simboliza a luz como origem da vida.

Folha - Por que a luz é essencial no seu trabalho recente e, especialmente, em "Luminous"?

Tanaka - Eu acho que o desejo subconsciente pelo luz faz parte de nosso caráter moral. E, como luz é a origem da vida, acho que provoço mais impacto ao uso que "desajo" em minha produção.

Folha - E o que significam os raios cósmicos em sua obra?

Tanaka - Eu trabalho com um fenômeno natural que leva ao al-

cance de nossos cinco sentidos. Quero estimular algo além desta dimensão, explorar a presença onde os raios cósmicos são a origem da vida primitiva.

Folha - Como seu trabalho se desenvolve desde "Aquarium With High Tech", de 1991, até "Cosmic Rays", de 1995?

Tanaka - Na primeira, a obra se recorria pela trunca. Agora, o fenômeno natural é a questão principal. Este trabalho é sempre transformado pelo fluxo do tempo. O tempo específico da instalação e do público é o que mais importa, já que a obra proporciona vivências diferentes, dependendo do aqui e agora.

Folha - Quando e por que você começou a fazer videoinstalações?

Tanaka - Há cerca de uma década, eu percebi a eficácia dos raios de luz na produção de novas formas de expressão no ambiente.

Folha - Você se define como um videorartista?

Tanaka - Não, como um artista da luz ambiente.

Folha - A Internet e a CD-ROM representam novos caminhos para os videorartistas?

Tanaka - As novas mídias, como Internet e CD-ROM, tem grandes possibilidades para ampliar a maneira de se fazer arte. E eu vejo meu futuro artístico ligado a estes métodos.

Folha - E o futuro da videoarte?

Tanaka - Mais que documentar, a videoarte será uma fonte de novas imagens.

11º Videobrasil começa hoje em SP



A mostra exibe 69 produções de 10 países e destaca a obra do pai da videarte, Nam June Paik

BEATRIZ VELLOSO

Começa hoje, no Sesc Pompéia, o 11º Festival Internacional Videobrasil. Maior mostra da área de vídeo no País e uma das mais importantes do mundo, a edição deste ano do festival faz uma homenagem aos 30 anos da videarte, dando destaque ao artista que é considerado o pai do gênero e nasceu, radicado em Nova York, Nam June Paik. O Videobrasil, que tem apoio do Estadão, acontece domingo com várias atividades que vão ocupar a área de convivência, a sala de exposições e o teatro do Sesc Pompéia (Rua Chile, 55, telefone 364-5544).



exagero falar em mundo. As instalações expostas pela área de convivência de Sesc vêm de Brasil (Cao Huan, Henrique e Inês Cardoso), Esta dos Unidos (Nam June Paik), França (Michel Jaffrenou) e Japão (Kazuo Tanaka).

**INSTALAÇÕES
INTEGRAM
EVENTO NO
SESC POMPEIA**

— Esta edição apresenta obras de artistas presentes também nas performances programadas para esse Videobrasil, que misturam dança, literatura, música e pintura ao vídeo. "Quando começaram (em 1965), o vídeo ainda era uma alternativa para quem não conseguia fazer cinema, mas agora ele já se confundiu como uma linguagem de trabalho", conta Solange Farkas, diretora do Videobrasil. Ela diz que o festival é uma ótima oportunidade para artistas brasileiros.

E também um momento em que diretores brasileiros são vistos por estrangeiros e a produção de estrangeiros chega ao Brasil. Travando em inglês, o 11º Videobrasil é a semana em que São Paulo vai ficar com uma cara multibílingua.

Nam June Paik é o diretor da mostra. Solange Farkas é responsável no país da videarte, maior do Brasil, pelo 'Dutchamp/Bingo' (Johannes)



Jaffrenou despreza a tecnologia

Artista francês diz que seus vídeos são artesanais, mas não dispense o computador

A tecnologia é inútil. Em um trabalho do artista francês Michel Jaffrenou e de sua participação no 11º Videobrasil, tal declaração parece absurda. Mas foi dita, exatamente assim, por Jaffrenou. Ele participou do Videobrasil com uma única obra, um vídeo de apenas dois minutos. Pedro e o Lobo e outro que mostra o 'making of' do primeiro. E mais a instalação *Le Fleur de l'Homme* e uma exposição com desenhos de seus trabalhos.



— "Mostrar meus trabalhos é uma forma de estabelecer a tecnologia, mostrando que faço tudo com as mãos", afirma Jaffrenou, que está em São Paulo para o festival, explicou como é sua rotina para *Pedro e o Lobo*. Usando a música original escrita por Prokofiev, ele criou uma história no computador, com uma câmera controlada por um teclado. Uma obra programada para a mostra sob o título: *O Rio e o Homem*.



Jaffrenou, provocando uma reflexão com o realismo virtual

com elementos de ferro. No momento de clima, aparece a imagem de Jaffrenou deitado no chão sem pena. A pena cai em tempo real e passa por todos os telas. Jaffrenou pega o vídeo mais cedo para, mais tarde e mais tarde, até que o vídeo de baixo não é mais. "Algumas pessoas gostam de ver o vídeo em tela", explica.

Assentando que, para Jaffrenou, a tecnologia pode tornar tudo real. Seus primeiros projetos mais recentes foram feitos em vídeo. Ele quer fazer uma obra em vídeo, ligada ao vídeo a um computador de música e outros de letras. Algo como um espetáculo "interativo". Ele planeja também fazer um vídeo



'Luminosa' videotalentado do artista japonês Kazuo Tanaka



Artista Tanaka: produção

Tanaka constrói sinfonia colorida

Artista transforma seus conceitos em seqüências coloridas para um computador

CAMILA VEGAS
Especial para o Estado

Captar um fenômeno natural que não se pode descrever através dos olhos seria impossível a menos que fosse possível. Mas Kazuo Tanaka conseguiu fazer o impossível, ao criar uma sinfonia colorida que apresenta hoje no 11º Videobrasil.

O artista, nascido em Suvaço no Japão, exibiu participação e participou em exposições internacionais desde em 1965. Seu trabalho no 11º Festival de São Paulo, ele é um dos quatro convidados para expor o Jaffrenou. Sua obra, criada em 1994, é *Luminosa*. É uma obra que se trata de um vídeo, que ele fez por se por ter e criar. Desta forma, pretende explorar a todos os sentidos dos vídeos e descrever a realidade que vemos a vida.

Desta — Como a tecnologia digital vem se com o festival? Tanaka — É uma grande oportunidade para poder de fazer algo de experimentar em São Paulo. Como um vídeo, entendido como um desenvolvimento para a falta de informação sobre os fatos históricos, como um dia para mostrar dois últimos tempos.

— Este é um trabalho de seqüência colorida que se trata de um vídeo, que ele fez por se por ter e criar. Desta forma, pretende explorar a todos os sentidos dos vídeos e descrever a realidade que vemos a vida.

— Este é um trabalho de seqüência colorida que se trata de um vídeo, que ele fez por se por ter e criar. Desta forma, pretende explorar a todos os sentidos dos vídeos e descrever a realidade que vemos a vida.

VEJA A PROGRAMAÇÃO DO 11º VIDEOBRASIL	
19:00 — Início	22:00 — Sesc e São Paulo, performance
19:30 — Programa 1 de teatro experimental	22:30 — Inauguração do Pavilhão de São Paulo (informação)
20:00 — Vídeo Open Air Park, performance	23:00 — De São Paulo para Nova York
20:30 — Programa 2 de teatro experimental	23:30 — Programa 3 de teatro experimental
21:00 — Programa 3 de teatro experimental	23:45 — Sesc Pompéia: teatro experimental
21:30 — Programa 4 de teatro experimental	24:00 — Programa 5 de teatro experimental
22:00 — Programa 5 de teatro experimental	24:15 — Programa 6 de teatro experimental
22:30 — Programa 6 de teatro experimental	24:30 — Programa 7 de teatro experimental
23:00 — Programa 7 de teatro experimental	24:45 — Programa 8 de teatro experimental
23:30 — Programa 8 de teatro experimental	25:00 — Programa 9 de teatro experimental
24:00 — Programa 9 de teatro experimental	25:15 — Programa 10 de teatro experimental
24:30 — Programa 10 de teatro experimental	25:30 — Programa 11 de teatro experimental
25:00 — Programa 11 de teatro experimental	25:45 — Programa 12 de teatro experimental
25:30 — Programa 12 de teatro experimental	26:00 — Programa 13 de teatro experimental
26:00 — Programa 13 de teatro experimental	26:15 — Programa 14 de teatro experimental
26:30 — Programa 14 de teatro experimental	26:30 — Programa 15 de teatro experimental
27:00 — Programa 15 de teatro experimental	26:45 — Programa 16 de teatro experimental
27:30 — Programa 16 de teatro experimental	27:00 — Programa 17 de teatro experimental
28:00 — Programa 17 de teatro experimental	27:15 — Programa 18 de teatro experimental
28:30 — Programa 18 de teatro experimental	27:30 — Programa 19 de teatro experimental
29:00 — Programa 19 de teatro experimental	27:45 — Programa 20 de teatro experimental
29:30 — Programa 20 de teatro experimental	28:00 — Programa 21 de teatro experimental
30:00 — Programa 21 de teatro experimental	28:15 — Programa 22 de teatro experimental
30:30 — Programa 22 de teatro experimental	28:30 — Programa 23 de teatro experimental
31:00 — Programa 23 de teatro experimental	28:45 — Programa 24 de teatro experimental
31:30 — Programa 24 de teatro experimental	29:00 — Programa 25 de teatro experimental
32:00 — Programa 25 de teatro experimental	29:15 — Programa 26 de teatro experimental
32:30 — Programa 26 de teatro experimental	29:30 — Programa 27 de teatro experimental
33:00 — Programa 27 de teatro experimental	29:45 — Programa 28 de teatro experimental
33:30 — Programa 28 de teatro experimental	30:00 — Programa 29 de teatro experimental
34:00 — Programa 29 de teatro experimental	30:15 — Programa 30 de teatro experimental
34:30 — Programa 30 de teatro experimental	30:30 — Programa 31 de teatro experimental
35:00 — Programa 31 de teatro experimental	30:45 — Programa 32 de teatro experimental
35:30 — Programa 32 de teatro experimental	31:00 — Programa 33 de teatro experimental
36:00 — Programa 33 de teatro experimental	31:15 — Programa 34 de teatro experimental
36:30 — Programa 34 de teatro experimental	31:30 — Programa 35 de teatro experimental
37:00 — Programa 35 de teatro experimental	31:45 — Programa 36 de teatro experimental
37:30 — Programa 36 de teatro experimental	32:00 — Programa 37 de teatro experimental
38:00 — Programa 37 de teatro experimental	32:15 — Programa 38 de teatro experimental
38:30 — Programa 38 de teatro experimental	32:30 — Programa 39 de teatro experimental
39:00 — Programa 39 de teatro experimental	32:45 — Programa 40 de teatro experimental
39:30 — Programa 40 de teatro experimental	33:00 — Programa 41 de teatro experimental
40:00 — Programa 41 de teatro experimental	33:15 — Programa 42 de teatro experimental
40:30 — Programa 42 de teatro experimental	33:30 — Programa 43 de teatro experimental
41:00 — Programa 43 de teatro experimental	33:45 — Programa 44 de teatro experimental
41:30 — Programa 44 de teatro experimental	34:00 — Programa 45 de teatro experimental
42:00 — Programa 45 de teatro experimental	34:15 — Programa 46 de teatro experimental
42:30 — Programa 46 de teatro experimental	34:30 — Programa 47 de teatro experimental
43:00 — Programa 47 de teatro experimental	34:45 — Programa 48 de teatro experimental
43:30 — Programa 48 de teatro experimental	35:00 — Programa 49 de teatro experimental
44:00 — Programa 49 de teatro experimental	35:15 — Programa 50 de teatro experimental
44:30 — Programa 50 de teatro experimental	35:30 — Programa 51 de teatro experimental
45:00 — Programa 51 de teatro experimental	35:45 — Programa 52 de teatro experimental
45:30 — Programa 52 de teatro experimental	36:00 — Programa 53 de teatro experimental
46:00 — Programa 53 de teatro experimental	36:15 — Programa 54 de teatro experimental
46:30 — Programa 54 de teatro experimental	36:30 — Programa 55 de teatro experimental
47:00 — Programa 55 de teatro experimental	36:45 — Programa 56 de teatro experimental
47:30 — Programa 56 de teatro experimental	37:00 — Programa 57 de teatro experimental
48:00 — Programa 57 de teatro experimental	37:15 — Programa 58 de teatro experimental
48:30 — Programa 58 de teatro experimental	37:30 — Programa 59 de teatro experimental
49:00 — Programa 59 de teatro experimental	37:45 — Programa 60 de teatro experimental
49:30 — Programa 60 de teatro experimental	38:00 — Programa 61 de teatro experimental
50:00 — Programa 61 de teatro experimental	38:15 — Programa 62 de teatro experimental
50:30 — Programa 62 de teatro experimental	38:30 — Programa 63 de teatro experimental
51:00 — Programa 63 de teatro experimental	38:45 — Programa 64 de teatro experimental
51:30 — Programa 64 de teatro experimental	39:00 — Programa 65 de teatro experimental
52:00 — Programa 65 de teatro experimental	39:15 — Programa 66 de teatro experimental
52:30 — Programa 66 de teatro experimental	39:30 — Programa 67 de teatro experimental
53:00 — Programa 67 de teatro experimental	39:45 — Programa 68 de teatro experimental
53:30 — Programa 68 de teatro experimental	40:00 — Programa 69 de teatro experimental
54:00 — Programa 69 de teatro experimental	40:15 — Programa 70 de teatro experimental
54:30 — Programa 70 de teatro experimental	40:30 — Programa 71 de teatro experimental
55:00 — Programa 71 de teatro experimental	40:45 — Programa 72 de teatro experimental
55:30 — Programa 72 de teatro experimental	41:00 — Programa 73 de teatro experimental
56:00 — Programa 73 de teatro experimental	41:15 — Programa 74 de teatro experimental
56:30 — Programa 74 de teatro experimental	41:30 — Programa 75 de teatro experimental
57:00 — Programa 75 de teatro experimental	41:45 — Programa 76 de teatro experimental
57:30 — Programa 76 de teatro experimental	42:00 — Programa 77 de teatro experimental
58:00 — Programa 77 de teatro experimental	42:15 — Programa 78 de teatro experimental
58:30 — Programa 78 de teatro experimental	42:30 — Programa 79 de teatro experimental
59:00 — Programa 79 de teatro experimental	42:45 — Programa 80 de teatro experimental
59:30 — Programa 80 de teatro experimental	43:00 — Programa 81 de teatro experimental
60:00 — Programa 81 de teatro experimental	43:15 — Programa 82 de teatro experimental
60:30 — Programa 82 de teatro experimental	43:30 — Programa 83 de teatro experimental
61:00 — Programa 83 de teatro experimental	43:45 — Programa 84 de teatro experimental
61:30 — Programa 84 de teatro experimental	44:00 — Programa 85 de teatro experimental
62:00 — Programa 85 de teatro experimental	44:15 — Programa 86 de teatro experimental
62:30 — Programa 86 de teatro experimental	44:30 — Programa 87 de teatro experimental
63:00 — Programa 87 de teatro experimental	44:45 — Programa 88 de teatro experimental
63:30 — Programa 88 de teatro experimental	45:00 — Programa 89 de teatro experimental
64:00 — Programa 89 de teatro experimental	45:15 — Programa 90 de teatro experimental
64:30 — Programa 90 de teatro experimental	45:30 — Programa 91 de teatro experimental
65:00 — Programa 91 de teatro experimental	45:45 — Programa 92 de teatro experimental
65:30 — Programa 92 de teatro experimental	46:00 — Programa 93 de teatro experimental
66:00 — Programa 93 de teatro experimental	46:15 — Programa 94 de teatro experimental
66:30 — Programa 94 de teatro experimental	46:30 — Programa 95 de teatro experimental
67:00 — Programa 95 de teatro experimental	46:45 — Programa 96 de teatro experimental
67:30 — Programa 96 de teatro experimental	47:00 — Programa 97 de teatro experimental
68:00 — Programa 97 de teatro experimental	47:15 — Programa 98 de teatro experimental
68:30 — Programa 98 de teatro experimental	47:30 — Programa 99 de teatro experimental
69:00 — Programa 99 de teatro experimental	47:45 — Programa 100 de teatro experimental

Os cinco programas de teatro experimental serão exibidos, de quarta a domingo, no Centro Cultural São Paulo (Rua Vergueiro, 1.200, e 377-3111, de 20h). São Paulo: Rua Chile, 55, e 371-7722.

Festival consagra videoarte

FERNANDO OLIVA da Redação

O Videobrasil está com seus dias contados, pois, no futuro, a arte de vídeo não será mais usada para classificar as obras de festival. É o que se debruça das propostas de Michel Jaffrenou, artista francês que hoje é sócio, na abertura do evento, mostra situações típicas da que se costuma chamar arte experimental em vídeo ou videoarte.



Além de Jaffrenou, a 11ª edição do festival traz a São Paulo cerca de 90 artistas que mostram seus trabalhos em instalações, performances, CD-ROM e fotografia, sempre envolvendo imagens eletrônicas.

Os demais membros do evento firmam que a profusão da videoarte francesa, caso contrário, não vai se concretizar num futuro tão breve. Já a mostra competitiva deste Videobrasil apresenta 69 obras de dez países, entre Austrália, México, França, Nova Zelândia, Argentina, Espanha e Brasil.

O setor das videoinstalações, no espaço de convivência do Sesc, reúne o japonês Kōichi Tanaka, o coreano Nam June Paik, o francês Michel Jaffrenou e os brasileiros Inês Candiani, Caco Hamberguer, Vera Bastos e Carlos Barak.

Jaffrenou, num intervalo da montagem de sua instalação, falou à Folha sobre a importância do Videobrasil, Internet e, claro, o futuro da videoarte.

Folha - Você tem idéia de como será a videoarte do futuro?

Jaffrenou - Penso que ela não se chamará mais videoarte, porque a manipulação da imagem eletrônica está a caminho de invadir novos espaços. Videoarte é um termo quase acadêmico. No momento estou trabalhando num filme para cinema e numa ópera que será montada somente na Inter-

net. Tudo ainda está por ser explorado, e eu acho isso fascinante!

Folha - Atualmente, você se define como um videoartista?

Jaffrenou - Ah, já esperava esta pergunta. Não, realmente não. A videoarte nasceu numa época em que o próprio vídeo dava seus primeiros passos. Era um mundo muito abstrato, porque todas as opções precisavam ser exploradas. A arte da dita videoarte acontece em teatros, museus e galerias. Hoje, a tecnologia já evoluiu tanto que podemos transmitir nossas imagens onde quisermos no mundo. Você é, ao mesmo tempo, produtor e difusor.

De repente, nos percebemos atirando em um novo espaço, aberto na Internet, onde já é possível inserir trabalhos artísticos. O objeto artístico desaparece, tornamos-se virtual.

Folha - Qual o papel do Videobrasil para esse tipo de produção?

Jaffrenou - É uma maneira de mostrar ao público novos tipos de imagens, já que a única referência, na maioria das vezes, é a televisão. É a chance de mostrar que a imagem pode ser outra coisa.

O que será exposto aqui não é fascinação pela tecnologia, mas seu engenho por artistas que, como artistas que são, podem abrir pontos de vista, transformar o que foi apresentado, "mostrar um pouco a clareza de lugar".

A tecnologia deve ser usada pelos artistas em benefício da arte. Há sempre uma relação entre técnica e artista, mas quando o artista domina a técnica, faz "expressão" e não "demonstração". A importância do festival é revelar a evolução dos artistas em relação à técnica.

Folha - Você quer dizer que os artistas estão à frente da técnica?

Jaffrenou - Obrigatoriamente estamos à frente da técnica. Quando eu conheci o vídeo "Pedro e o Lobo", não havia equipamentos para fazer o que eu queria. Eu fui inventar coisas que não existem. É a imaginação do artista que faz avançar a tecnologia.



Cena de "Pedro e o Lobo", vídeo do artista francês Michel Jaffrenou, que também mostra a videoinstalação "Plain de Fleuves" no Videobrasil.

Jaffrenou mostra obra

da Redação

O francês Michel Jaffrenou, que trabalha com vídeo desde 1978, apresenta duas criações nesta 11ª edição do Videobrasil.

"Pedro e o Lobo" é um vídeo baseado no clássico conto musical criado em 1896 por Sergi Prokofiev (1891-1953) e reúne desenhos animados e atores reais numa floresta virtual criada em computador. A produção começou em 1994, trabalhou com 39 mil imagens e levou cerca de dois anos para ser concluída.

Além de "Pedro e o Lobo" (28 minutos), Jaffrenou traz a São Paulo a videoinstalação "Plain de Fleuves", que usa quatro monitores de TV para mostrar a suave queda de uma pedra, de tela a tela.



Michel Jaffrenou, artista francês, trabalha no "Videobrasil" do vídeo "Pedro e o Lobo", que está no Videobrasil.



Steino Vesilka, artista finlandês que apresenta a videoperformance "Video Opera for Paik", na abertura do Videobrasil, em homenagem ao artista coreano Nam June Paik.

Público pode usar Internet

da Redação

Além da programação normal (deixando espaço), a 11ª Videobrasil oferece uma novidade ao público: um café eletrônico.

Logo na entrada do pavilhão das videoinstalações, fica um café com seis computadores ligados à Internet, onde cada pessoa poderá "navegar" por meia hora.

As lado do café eletrônico, acontece a exposição "Photo in Progress", do fotógrafo Renato Cary. É uma espécie de "making of" instantâneo de tudo que está acontecendo no festival. Cary trabalha com uma câmera digital para que, cerca de 30 minutos depois de feita, a foto já esteja pronta em um dos seis painéis da entrada e no site do Videobrasil (<http://www.videobrasil.org.br>).

Os 69 vídeos dos dez países que participam de mostra competitiva estão disponíveis para o público no videobus do festival.



Nam Paik, precursor da videoarte, é homenageado na 11ª Videobrasil.

Programação do 11º Videobrasil vai até domingo

- 19h - Abertura Especial "Photo in Progress", Café Eletrônico
- 19h30 - Mostra competitiva (Programa 1)
- 20h - Performance "Video Opera for Paik", de Steino Vesilka e Stephen Wallis, Videobrasil
- 21h30 (segunda)
- 19h - Apresentação do CD-ROM "Pléiades/Pléiades", por Tomoko Matsuda, diretor do World Video Video Center
- 19h30 - Mostra informativa "De 19", de Peter Peys e "Retrospectiva Nam June Paik - Colagem"
- 19h30 - "Copied of Language: 'Chasse du Sol'"
- 19h30 - Videoarte, Mostra competitiva (Programa 2)
- 21h - Performance "Le Passage Des Passés", de Hubert Quénec'h
- 21h30 (segunda)
- 19h - Apresentação "Segel 96", por Hans Falkenberg
- 19h30 - Mostra informativa "Retrospectiva de Nam June Paik"

- 19h30 - Mostra informativa "De 19", de Peter Peys e "Retrospectiva Nam June Paik - Colagem"
- 19h30 - Lançamento de "O Potencial Dialógico da Seleção", de Ana Malach
- 19h30 - Videoarte, Mostra competitiva (Programa 1)
- 21h - Performance "Thema II Blue", com Augusto de Campos, Gil Campen e Walter Silvetti
- 19h30 (segunda)
- 11h - Conferência e música "Música 1980-1990", de Adriano...

- 19h30 - Mostra informativa "De 19", de Peter Peys e "Retrospectiva Nam June Paik - Colagem"
- 19h30 - Lançamento de "O Potencial Dialógico da Seleção", de Ana Malach
- 19h30 - Videoarte, Mostra competitiva (Programa 1)
- 21h - Performance "Thema II Blue", com Augusto de Campos, Gil Campen e Walter Silvetti
- 19h30 (segunda)
- 11h - Conferência e música "Música 1980-1990", de Adriano...

- 19h30 - Mostra informativa "De 19", de Peter Peys e "Retrospectiva Nam June Paik - Colagem"
- 19h30 - Lançamento de "O Potencial Dialógico da Seleção", de Ana Malach
- 19h30 - Videoarte, Mostra competitiva (Programa 1)
- 21h - Performance "Thema II Blue", com Augusto de Campos, Gil Campen e Walter Silvetti
- 19h30 (segunda)
- 11h - Conferência e música "Música 1980-1990", de Adriano...

- 19h30 - Mostra informativa "De 19", de Peter Peys e "Retrospectiva Nam June Paik - Colagem"
- 19h30 - Lançamento de "O Potencial Dialógico da Seleção", de Ana Malach
- 19h30 - Videoarte, Mostra competitiva (Programa 1)
- 21h - Performance "Thema II Blue", com Augusto de Campos, Gil Campen e Walter Silvetti
- 19h30 (segunda)
- 11h - Conferência e música "Música 1980-1990", de Adriano...

- 19h30 - Mostra informativa "De 19", de Peter Peys e "Retrospectiva Nam June Paik - Colagem"
- 19h30 - Lançamento de "O Potencial Dialógico da Seleção", de Ana Malach
- 19h30 - Videoarte, Mostra competitiva (Programa 1)
- 21h - Performance "Thema II Blue", com Augusto de Campos, Gil Campen e Walter Silvetti
- 19h30 (segunda)
- 11h - Conferência e música "Música 1980-1990", de Adriano...

- 19h30 - Mostra informativa "De 19", de Peter Peys e "Retrospectiva Nam June Paik - Colagem"
- 19h30 - Lançamento de "O Potencial Dialógico da Seleção", de Ana Malach
- 19h30 - Videoarte, Mostra competitiva (Programa 1)
- 21h - Performance "Thema II Blue", com Augusto de Campos, Gil Campen e Walter Silvetti
- 19h30 (segunda)
- 11h - Conferência e música "Música 1980-1990", de Adriano...

- 19h30 - Mostra informativa "De 19", de Peter Peys e "Retrospectiva Nam June Paik - Colagem"
- 19h30 - Lançamento de "O Potencial Dialógico da Seleção", de Ana Malach
- 19h30 - Videoarte, Mostra competitiva (Programa 1)
- 21h - Performance "Thema II Blue", com Augusto de Campos, Gil Campen e Walter Silvetti
- 19h30 (segunda)
- 11h - Conferência e música "Música 1980-1990", de Adriano...

Festival homenageia 30 anos de videoarte

A 11ª EDIÇÃO DO VIDEOBRASIL, QUE COMEÇA AMANHÃ NO SESC-POMPEIA, TRAZ, ALÉM DA MOSTRA COMPETITIVA DE VÍDEOS, PERFORMANCES EM BAIXA, POESIA E MÚSICA

Começa amanhã, às 19h, no Sesc Pompeia, o 11º Festival Internacional Videobrasil, competição e mostra de produções experimentais em meio eletrônico seguindo à risca a contemporaneidade dos trabalhos. O festival pretende ser mais do que uma exposição ao público dos 69 trabalhos que concorrerão a prêmios. Haverá também videoinstalações, performances, videopoemas, além de livros com a Internet e a TV Educativa. Esta edição homenageia ainda os 30 anos do videoregisto por meio do artista coreano Nam June Paik (1933-2005), pioneiro de trabalhos artísticos em meio eletrônico.

Realizado pelo Sesc com apoio de O Estado de S. Paulo, o Videobrasil é uma espécie de Brasil da produção experimental eletrônica — mantidas as tradicionais proporções. Ele pretende reunir o que há de melhor na produção nacional e internacional em meios como VHS, CD-ROM e Super-8. Para isso, os curadores, Solange Parkes, para as duas áreas que separam as obras de seus videoregistros, e Michel Jeffrey, para as videoinstalações, performances, videopoemas, além de livros com a Internet e a TV Educativa. Esta edição homenageia ainda os 30 anos do videoregisto por meio do artista coreano Nam June Paik (1933-2005), pioneiro de trabalhos artísticos em meio eletrônico.



Cena da videoinstalação "Touro e o Leão", do francês Michel Jeffrey

TRIBUTO A NAM JUNE PAIK

Pioneiro artista coreano, vitimado por derrame há 4 meses, será homenageado com mostra de suas instalações

Se a intenção do 11º Videobrasil era homenagear os 30 anos do videoregisto, nada mais acertado do que prestar tributo ao coreano Nam June Paik, artista pioneiro nas experimentações com meios eletrônicos. Há cerca de 4 meses, June Paik, de 64 anos, sofreu um derrame cerebral, o que causou o comprometimento de parte de suas funções motoras. "Mas isso não impediu que ele selecionasse pessoalmente as obras que virão a São Paulo", diz a norte-americana Lori Zippay, curadora da mostra do artista no Videobrasil, batizada de *Waking for the 22nd Century* ("Esperando pelo Século 22").

Pela primeira vez, o público brasileiro poderá ver quanto das instalações mais conhecidas de June Paik: *TV Buda*, *TV Moon*, *TV Fall* e *TV Garden*. O artista sempre fez em duas delas fomentados elementos brasileiros. "Em *TV Buda*, a imagem de Buda será substituída por outra de ídolo brasileiro (um Preto Velho)", conta Zippay. "E em *TV Garden* serão usadas plantas brasileiras." Dois assuntos da arte já estão em São Paulo provi-



Videoinstalação "TV Garden", de June Paik adaptada para o Brasil

deciando as modificações. Além das instalações, haverá uma retrospectiva de vídeos realizados entre 73 e 95 por June Paik, dividida em três programas: *Colagem*, *Homenagem* e *Demonstração*. E Zippay vai apresentar ainda a conferência *The Beauty of Motion & The Color*, com os vídeos mais antigos do artista, de 63 a 72. "A mostra vai dar um panorama completo da obra de June Paik", garante a curadora, que chega hoje a São Paulo.

Para Zippay, a presença da obra do artista coreano era fundamental para um evento sobre "videoarte". June Paik não é apenas o fundador e a figura central da videoarte, como também um dos artistas mais importantes da arte contemporânea e da cultura global, afirma a curadora. "Além disso, ele é o conceito máximo de como a tecnologia pode influen-

ciar a criação artística em qualquer época."

Segundo Zippay, apesar do derrame, June Paik voltou a criar e está trabalhando com novas tecnologias, como o CD-ROM e a Internet, para a qual criou um site sobre o grupo artístico Fluxus, criado nos anos 60 por ele, Joseph Beuys e Yoko Ono, entre outros.

Zippay conta que a intenção pelo trabalho de June Paik e pela videoarte em geral tem precedência nos Estados Unidos. "Há não existe mais movimento contra esta manifestação artística. A videoarte já está sendo das galerias mais caras do mundo. June Paik acaba de instalar no Guggenheim um enorme videowall", conta a curadora.

Ele pretende apresentar a visita a São Paulo para conferir como anda a produção de videoarte no Brasil. "Combigo a obra de Váler Simões, que representa nos Estados Unidos e tem um trabalho excepcional", diz a curadora. "Estou muito ansiosa para chegar aí porque considero a videoarte brasileira muito vibrante", concluiu Zippay.

Ricardo Coll

postação gráfica levada ao realizador a um estágio na produção através da Maxima, especializada nessa tecnologia.

A limitação dos participantes, certamente, restringe a mostra competitiva. "Os japoneses e norte-americanos vêm cumprir um papel determinante", explica Solange. A eles caberá a função de apresentar obras performáticas, além de abordar uma questão para a qual a curadora possui uma preocupação: a questão do mercado. Já que no Brasil há muito pouco mercado para a videoarte, os estrangeiros tendem ao intercâmbio entre as artistas nacionais e o mercado internacional. "A Inês Cardoso, por exemplo, foi convidada ao festival e aqui fez um primeiro contato para expor no Exterior."

O Videobrasil organiza também uma conferência que pode levar a videoarte à tv; um encontro com representantes de canais por assinatura.

Jedry Peres Jr.



DESTAQUES BRASILEIROS NA MOSTRA

Com videoinstalações

Os dois vídeos propostos em TVs embutidas no parafuso talvez sejam os temas de *Discurso*, videoinstalação de Inês Cardoso. Um deles mostra "banhos" da relação entre mãe e filha; o outro é uma narrativa simbólica em que uma mulher quebra frutos em que estão entrançados fios de um casal. "São imagens que expressam a dualidade humana: a harmonia e o rompimento", diz Inês.

Além de abordar as relações humanas, serão reproduzidos sons de uma conversa íntima, interrompida por uma frase, repetida em vários idiomas. "Não sabemos como expressar nossos sentimentos." Inês está diante de uma rede de ar condicionado, segurando um microfone com imagens de sua namorada. Com *Discurso*, uma videoinstalação criada no último Videobrasil pretende discutir ainda outra questão: "a ansiedade humana em relação a tecnologia".

Quem se assustar a dar uma volta pelas videoinstalações do festival poderá ser surpreendido. São amplos ambientes, em que as projeções de vídeo acabam se tornando apenas um dos elementos. A *Fábula Zse*, de Cao Hünberger, está repleta de "sonsais e cinematográficos". Cada um dos homens, mundo de câmeras, mostram em reprodução — criação em reprodução — o que da vista, liberando. Para isso, uma grade, um tubo e pistolas citadas distribuídas pelos 200 metros quadrados da instalação.

Veja a programação do festival

ANUNCIOS	DIAS 14	DIAS 15	DIAS 16	DIAS 17
<p>19h - Apresentação de CD-ROM <i>Os 30 Anos de June Paik</i> (1963-1993) (1993) - Museu de Arte de São Paulo (MASP) - Rua do Carmo, 151 - São Paulo - SP</p> <p>20h - Apresentação de CD-ROM <i>Os 30 Anos de June Paik</i> (1963-1993) (1993) - Museu de Arte de São Paulo (MASP) - Rua do Carmo, 151 - São Paulo - SP</p>	<p>19h - Apresentação de CD-ROM <i>Os 30 Anos de June Paik</i> (1963-1993) (1993) - Museu de Arte de São Paulo (MASP) - Rua do Carmo, 151 - São Paulo - SP</p> <p>20h - Apresentação de CD-ROM <i>Os 30 Anos de June Paik</i> (1963-1993) (1993) - Museu de Arte de São Paulo (MASP) - Rua do Carmo, 151 - São Paulo - SP</p>	<p>19h - Apresentação de CD-ROM <i>Os 30 Anos de June Paik</i> (1963-1993) (1993) - Museu de Arte de São Paulo (MASP) - Rua do Carmo, 151 - São Paulo - SP</p> <p>20h - Apresentação de CD-ROM <i>Os 30 Anos de June Paik</i> (1963-1993) (1993) - Museu de Arte de São Paulo (MASP) - Rua do Carmo, 151 - São Paulo - SP</p>	<p>19h - Apresentação de CD-ROM <i>Os 30 Anos de June Paik</i> (1963-1993) (1993) - Museu de Arte de São Paulo (MASP) - Rua do Carmo, 151 - São Paulo - SP</p> <p>20h - Apresentação de CD-ROM <i>Os 30 Anos de June Paik</i> (1963-1993) (1993) - Museu de Arte de São Paulo (MASP) - Rua do Carmo, 151 - São Paulo - SP</p>	<p>19h - Apresentação de CD-ROM <i>Os 30 Anos de June Paik</i> (1963-1993) (1993) - Museu de Arte de São Paulo (MASP) - Rua do Carmo, 151 - São Paulo - SP</p> <p>20h - Apresentação de CD-ROM <i>Os 30 Anos de June Paik</i> (1963-1993) (1993) - Museu de Arte de São Paulo (MASP) - Rua do Carmo, 151 - São Paulo - SP</p>

ORGANIZADO POR SESC-POMPEIA. LOCAL: SESC-POMPEIA, RUA DO CARMO, 151 - SÃO PAULO - SP. HORÁRIO: 19h às 22h. INGRESSOS: R\$ 10,00. VENDA: R\$ 10,00. VENDA: R\$ 10,00.

A 11ª edição do Festival Internacional Videobrasil ocupará o SESC Pompéia, em São Paulo, por seis dias e mostrará em uma maratona de 12 horas diárias de eventos um mix de espetáculos, palestras, seminários e exposições. Todas as tendências do futuro



ANA GARMEN PORSCHKE

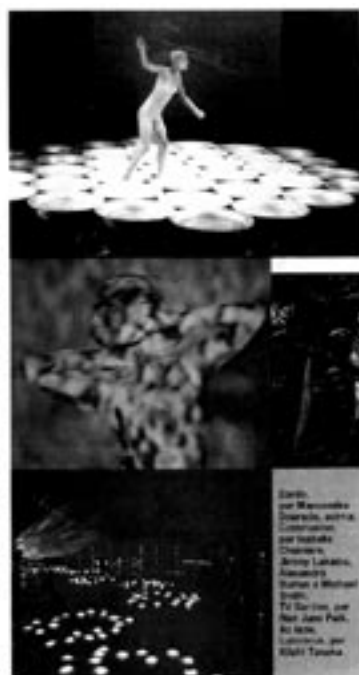
Espectro e TV de uma página... A 11ª edição do Festival Internacional Videobrasil ocupará o SESC Pompéia, em São Paulo, por seis dias e mostrará em uma maratona de 12 horas diárias de eventos um mix de espetáculos, palestras, seminários e exposições. Todas as tendências do futuro

São Paulo, a Videobrasil... São Paulo, a Videobrasil... São Paulo, a Videobrasil...

Congestionamento papal

Com Inês Que e Jorge... Congestionamento papal... Com Inês Que e Jorge...

VIDEO



VIDEO... 127 minutos... 127 minutos... 127 minutos...

Do filme... Do filme... Do filme...



Caro... Caro... Caro... Caro...

Uma... Uma... Uma... Uma...

É de... É de... É de... É de...

Satan high tech

Satan high tech... Satan high tech... Satan high tech...

Um... Um... Um... Um...

Reje... Reje... Reje... Reje...

Esquadrão subversivo

Esquadrão subversivo... Esquadrão subversivo... Esquadrão subversivo...

VIDEO

Festival celebra 30 anos de arte eletrônica

O 11º Videobrasil, que começa na terça no Sesc Pompeia, terá instalações, filmes e performances

BEATRIZ VILLAGGIO

Hoje há mais ou menos 30 anos (a hora é imperiosa) o cinema Nam June Paik nasceu e a partir disso permitiu experiências artísticas que usaram o vídeo como meio de expressão. Hoje Paik é considerado um dos artistas mais importantes da arte contemporânea e a que ele fez, provavelmente em 1965, o primeiro vídeo a ser transmitido em televisão. Hoje o vídeo é o principal meio de expressão de muitos artistas brasileiros e de outros países. O vídeo também é usado em muitas escolas de arte e em muitos museus.

Outro grande momento foi a realização em 1969 do primeiro vídeo brasileiro em televisão, o vídeo "Arte e Vídeo", produzido por João Paulo de Oliveira e exibido no Sesc Pompeia. Este vídeo marcou o início da produção de vídeos em televisão no Brasil. Desde então, muitos artistas brasileiros têm produzido vídeos para a televisão, seja em programas de vídeo, seja em programas de televisão.

Com um custo de R\$ 1,5 milhão (o preço de produção pelo Sesc e pelo Sesc Pompeia), o Videobrasil é o maior evento de arte eletrônica em São Paulo. O evento é organizado pelo Sesc Pompeia e pelo Sesc Cultural São Paulo. O evento é dividido em três partes: instalações, filmes e performances. O evento também inclui uma exposição de arte eletrônica e uma exposição de arte contemporânea.



Uma instalação de Nam June Paik, de Paris.

Quatro artistas brasileiros fazem instalações à tarde. O diretor Michel Franco, à esquerda, e o diretor de arte Paulo de Oliveira, à direita, estão no centro.

Uma performance vai fazer uma série de jogos de vídeo, dança, teatro, música e vídeo. À esquerda, o diretor de arte Paulo de Oliveira, à direita, o diretor de arte Michel Franco.

O Estado de S. Paulo, São Paulo, 19/11/1996.



Schaefer: "O Brasil tem uma das melhores produções de vídeo"

no São Paulo (uma coleção de que a televisão produziu até o momento pela TV) de São Paulo, São Paulo, 19/11/1996.

Em um momento de crise da televisão brasileira em São Paulo, para que o público possa acompanhar o festival, será exibido pela TV de São Paulo, São Paulo, 19/11/1996.



EVENTO REÚNE 87 ARTISTAS DE DEZ PAÍSES

Uma das produções mais interessantes, emocionantes e polêmicas de todos os tempos de televisão brasileira é a exposição de arte eletrônica e vídeo de Nam June Paik. O vídeo é o principal meio de expressão de muitos artistas brasileiros e de outros países. O vídeo também é usado em muitas escolas de arte e em muitos museus.

Mostra especial homenageia Nam June Paik

Artista coreano, que mora em Nova York, pioneiro da arte eletrônica, é tema de retrospectiva

Com 64 anos, Nam June Paik continua trabalhando como um jovem de 20 e permanecendo no Brasil há mais de 30 anos. Não por acaso, sua mostra especial de seu trabalho, que acontece no 11º Videobrasil, é o primeiro vídeo brasileiro em televisão. Desde então, muitos artistas brasileiros têm produzido vídeos para a televisão, seja em programas de vídeo, seja em programas de televisão.



Nam June Paik, investigação irreverente da mídia na cultura pop.



A instalação "TV Garden", que vem exposta para o festival, jardim na arte eletrônica brasileira.

Estado — Quais obras de Nam June Paik serão exibidas no Videobrasil?
Luiz Zappal — Paik possui representações por quatro de suas instalações mais recentes: TV Garden, TV Garden, TV Paik e TV Brasil. A maioria das instalações foi feita em meados da década de 70 mas o TV Brasil é uma versão completamente nova, criada especialmente para o Videobrasil. Será também uma retrospectiva de vídeo feita entre 1972 e 1995. E eu tenho uma palestra sobre as primeiras obras de Paik, que chama de The Beatles, Machine and TV: The Study (Videoanalysis of Nam June Paik) (Os Beatles, Máquina e TV: O Estudo do Vídeo de Nam June Paik).

Uma das grandes instalações é o "TV Garden", uma obra de arte eletrônica que vem exposta para o festival, jardim na arte eletrônica brasileira.

Estado — De que maneira a exposição especial do Videobrasil conta a história da arte eletrônica?
Luiz — É um vídeo retrospectivo de vídeo de Nam June Paik. O vídeo é o principal meio de expressão de muitos artistas brasileiros e de outros países. O vídeo também é usado em muitas escolas de arte e em muitos museus.

divisão de vídeo, cultural tanto de televisão de TV, performances — é o maior evento eletrônico em São Paulo, São Paulo, 19/11/1996.

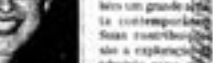
Estado — Quais são os maiores artistas brasileiros no trabalho de Paik? É uma obra de arte eletrônica e vídeo de Nam June Paik.

Luiz — É uma obra de arte eletrônica e vídeo de Nam June Paik. O vídeo é o principal meio de expressão de muitos artistas brasileiros e de outros países. O vídeo também é usado em muitas escolas de arte e em muitos museus.

estabelecimento?
Luiz — É um vídeo retrospectivo de vídeo de Nam June Paik. O vídeo é o principal meio de expressão de muitos artistas brasileiros e de outros países. O vídeo também é usado em muitas escolas de arte e em muitos museus.

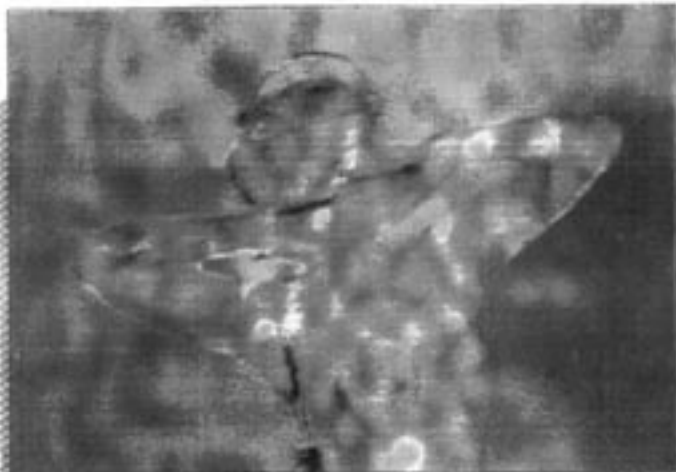
Estado — Quais são os maiores artistas brasileiros no trabalho de Paik? É uma obra de arte eletrônica e vídeo de Nam June Paik.

Luiz — É uma obra de arte eletrônica e vídeo de Nam June Paik. O vídeo é o principal meio de expressão de muitos artistas brasileiros e de outros países. O vídeo também é usado em muitas escolas de arte e em muitos museus.



Luiz Zappal, curador do evento.

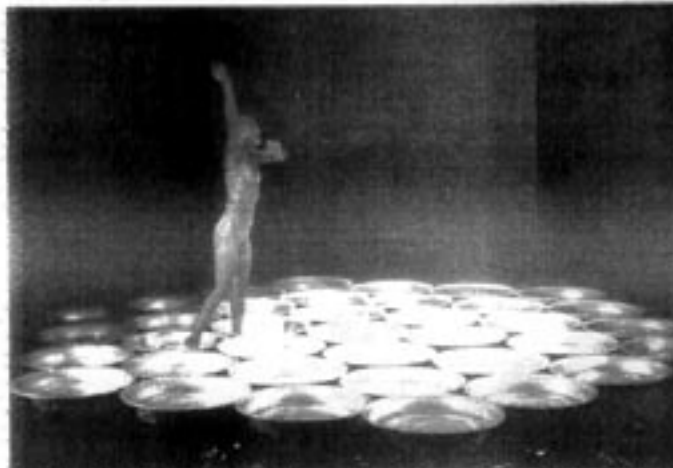
Estado — O que Paik tem feito recentemente?
Luiz — É um vídeo retrospectivo de vídeo de Nam June Paik. O vídeo é o principal meio de expressão de muitos artistas brasileiros e de outros países. O vídeo também é usado em muitas escolas de arte e em muitos museus.



Cena da performance 'Le Partage des Passes 2', da canadense Deborah Chaville: desaja eletrônica.



O vídeo 'Pátria e o Lobo', de Michel Joffrenon: projeto de DDB e vídeos em pérolas e instalações.



'Varda', trabalho de Inês Cardoso: presença com a bailarina Sandra Del Corral.



A bailarina Sandra Del Corral faz performance no VídeoBrasil: homenagem ao mestre Nino José Paul.

Cao Hamburger faz zoológico multimídia

O videomaker paulista participa do festival com o projeto 'Video Zoo', criado especialmente para as atrações, e compete com o já premiado filme 'O Menino, a Panela e as Tampas de Panela'.

CAMILA VIEGAS
Reportagem para o Estado

A criação tem uma instalação realizada só para ela por Cao Hamburger no 11º Festival Internacional Videobrasil. Para marcar a obra, de 200 metros quadrados, Hamburger chamou os artistas plásticos Vera Ruess e Cezari Natchuck e o arquiteto Pedro Hendler de Borko. O vídeo falará também sobre o prêmio e o projeto de O Menino, a Panela e as Tampas de Panela na mostra de abertura. Cao Hamburger falou em vídeo sobre suas instalações.

Estado — A instalação Video Zoo está bem no eixo, é enorme e vertical.

Cao Hamburger — A criação vai láber. A vir da realidade pela

artista plástica que mistura a instalação com o vídeo. Ela produziram os vídeos e as instalações que vão dentro de uma sala de 11 metros quadrados. Ela vai mostrar uma instalação com o vídeo de O Menino, a Panela e as Tampas de Panela em vídeo.

Estado — Lá dentro não é só vídeo, é também a instalação.

Hamburger — Deu de tudo geral, forma, tamanho, varia, altura, figura, pluma, rito e beleza. Cada um deles é uma instalação diferente. As instalações e o vídeo mostram uma coleção de vídeos em vídeo. O lugar da instalação é que as próprias atrações podem mostrar os vídeos por meio de instalação. Isso significa que eles podem virar o vídeo da geral, por exemplo, na sua direção e estilo.



A imagem pela perspectiva de cima.

Estado — Onde estão as imagens?

Hamburger — As imagens são feitas em vídeo. Mas não é por da saída. Não, as atrações passam pela visão, o vídeo é o vídeo. Lá elas ficam com o vídeo de vídeo. Então, as atrações são feitas em vídeo. Então, as atrações são feitas em vídeo. Então, as atrações são feitas em vídeo.

Estado — O vídeo também tem um vídeo láber.

Hamburger — Então, passando por uma foto (instalação) infantil. Então, passando por uma instalação infantil. Então, passando por uma instalação infantil. Então, passando por uma instalação infantil. Então, passando por uma instalação infantil.

Cao Hamburger apresenta um espetáculo de vídeo e instalação em vídeo. O vídeo pode ser visto em vídeo. O vídeo pode ser visto em vídeo. O vídeo pode ser visto em vídeo.

'Daragoy' é obra pessoal e intimista

Em texto exclusivo, Inês Cardoso fala sobre sua primeira instalação.

A instalação Daragoy de Inês Cardoso, em vídeo e instalação, é uma obra pessoal e intimista. Ela mostra a vida de uma mulher grande e de um bebê. Ela mostra a vida de uma mulher grande e de um bebê. Ela mostra a vida de uma mulher grande e de um bebê.

A instalação Daragoy tem uma história pessoal e intimista. Ela mostra a vida de uma mulher grande e de um bebê. Ela mostra a vida de uma mulher grande e de um bebê. Ela mostra a vida de uma mulher grande e de um bebê.

Inês Cardoso discute desejo e amor

Ela toma parte do 11º Videobrasil com a instalação 'Daragoy' e o vídeo 'Désir Noir'.

A instalação Daragoy de Inês Cardoso, em vídeo e instalação, é uma obra pessoal e intimista. Ela mostra a vida de uma mulher grande e de um bebê. Ela mostra a vida de uma mulher grande e de um bebê. Ela mostra a vida de uma mulher grande e de um bebê.

O vídeo tem 11 minutos de duração e mostra as atrações como o desejo e o amor. Ela mostra a vida de uma mulher grande e de um bebê. Ela mostra a vida de uma mulher grande e de um bebê. Ela mostra a vida de uma mulher grande e de um bebê.

Além de estar para participar de vídeo de instalação, ela deve criar o vídeo 'Désir Noir' e a instalação 'Daragoy'.

O vídeo tem 11 minutos de duração e mostra as atrações como o desejo e o amor. Ela mostra a vida de uma mulher grande e de um bebê. Ela mostra a vida de uma mulher grande e de um bebê. Ela mostra a vida de uma mulher grande e de um bebê.

O vídeo tem 11 minutos de duração e mostra as atrações como o desejo e o amor. Ela mostra a vida de uma mulher grande e de um bebê. Ela mostra a vida de uma mulher grande e de um bebê. Ela mostra a vida de uma mulher grande e de um bebê.



Inês Cardoso: obra mostra vídeo, instalação e poemas de Florbela Espanca.

TRABALHOS
LHE RENDRAM
PRÊMIOS NO
EXTERIOR

Além de estar para participar de vídeo de instalação, ela deve criar o vídeo 'Désir Noir' e a instalação 'Daragoy'.

O vídeo tem 11 minutos de duração e mostra as atrações como o desejo e o amor. Ela mostra a vida de uma mulher grande e de um bebê. Ela mostra a vida de uma mulher grande e de um bebê. Ela mostra a vida de uma mulher grande e de um bebê.

MULTIMÍDIA "Cosmic Rays", instalação presente no 11º Videobrasil, marca segunda visita do artista japonês ao país

Tanaka busca 'mensagens do universo'

FERNANDO OLIVA
de Redação

Let as mensagens do universo na forma de raios cósmicos, infravermelhos para o público de suas instalações na forma de luz e som, atinge e subverte o senso da pessoa. Keiichi Tanaka, artista convidado do 11º Videobrasil, dispõe de 90 m² do Sesc Pompéia para fazer funcionar sua plataforma eletrônica e, como ele quer, transmitir ao cinco sentidos básicos da percepção.



Se o efeito, visão, tato, paladar e audição são os mais suficientes para adentrar — e entender — o mundo de Tanaka, só quem visitar "Cosmic Rays" poderá dizer.

A instalação, parte da série "Luminous", usa equipamentos de alta tecnologia para reproduzir os raios cósmicos que formam os ventos solares do universo. Para tanto, a primeira-primeira de Tanaka é o receptor, usado em profusão.

Funciona assim: um aparelho, chamado de contador "geiger", capta os raios cósmicos e emite sinais eletrônicos correspondentes. Estes, por sua vez, são lidos por um sistema computadorizado de amplificadores e projetores que, por fim, transformam os sinais em efeitos sonoros e cores coloridas de luz laser. A visão da obra nunca é a mesma, pois depende do dia e da hora.

Esta edição do Videobrasil (12 a 17 de novembro) marca a segunda visita do artista japonês ao país. A primeira foi em 91, como participante da 21ª Bienal Internacional

de São Paulo.

A época, a instalação que Tanaka trouxe ao Brasil chamava-se "Aquarium With High Tech", também da série "Luminous". Desta vez, Tanaka aposta suas fichas no que chama de "fenômeno natural" e nos característicos estudos de consistência.

Keiichi Tanaka deve chegar a São Paulo no próximo dia 8 de novembro. De Tóquio, via faz, falou à Folha sobre videarte, "Cosmic Rays" e luz.



Tanaka, convidado do Videobrasil

Folha - Por que você batizou esse trabalho de "Cosmic Rays"?

Keiichi Tanaka - Porque não se trata de uma sequência programada de raios de luz, mas raios cósmicos e radiação como fenômeno natural, em constante mutação.

Folha - Sobre o que fala a série de instalações "Luminous"?

Tanaka - Ela simboliza a luz como origem da vida.

Folha - Por que a luz é essencial no seu trabalho recente e, especialmente, em "Luminous"?

Tanaka - Eu acho que o desejo subconsciente pela luz faz parte de nosso caráter racial. E, como luz é a origem da vida, acho que

provoca mais impacto se uso esse "desejo" em minha produção.

Folha - E o que significam os raios cósmicos em sua obra?

Tanaka - Eu trabalho com um fenômeno natural que foge ao alcance de nossos cinco sentidos. Quero estimular algo além desta dimensão, explorar a paisagem onde os raios cósmicos são a origem da vida primitiva.

Folha - Como seu trabalho se desenvolveu desde "Aquarium With High Tech", de 1991, até "Cosmic Rays", de 1995?

Tanaka - Na primeira, a obra se encerrava numa mesa. Agora, o fenômeno natural é a questão principal. Esse trabalho é sempre transformado pelo fluxo do tempo. O tempo específico da instalação e do público é o que mais importa, já que a obra proporciona vivências diferentes, dependendo do aqui e agora.

Folha - Quando e por que começou a fazer videoinstalações?

Tanaka - Há cerca de uma década, eu percebi a existência dos raios de luz na produção de novas formas de expressão no ambiente.

Folha - Você se define como um videartista?

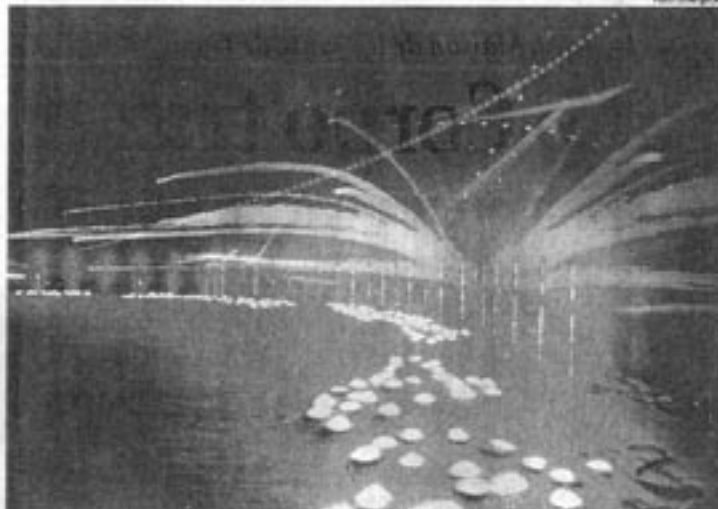
Tanaka - Não, como um artista da luz ambiente.

Folha - A Internet e o CD-ROM representam novos caminhos para os videartistas?

Tanaka - As novas mídias, como Internet e CD-ROM, têm grandes possibilidades para ampliar a maneira de fazer arte. E eu vejo meu futuro artístico ligado a estes métodos.

Folha - E o futuro da videarte?

Tanaka - Mais que documentar, a videarte será uma fonte de novas imagens.



Videoinstalação "Cosmic Rays", do artista japonês Keiichi Tanaka, convidado especial do Videobrasil

Festival comemora 30 anos de videoarte

de Redação

O Videobrasil é o maior encontro da produção experimental em vídeo da América Latina. Em sua 11ª edição (12 a 17 de novembro, no Sesc Pompéia), a mostra competitiva do festival escolheu 99 trabalhos entre 353 inscritos.

Os vídeos vêm da Argentina, Austrália, Eslovênia, Uruguai, Chile, Nova Zelândia, Itália, Líbano, México e Brasil. Os três me-

iores vídeos de toda a competição serão premiados com valores que vão de R\$ 2.000 a R\$ 4.000.

Um júri misto de cinco especialistas vai escolher trabalhos nas categorias "videoarte", "animação", "documentário", "ficção" e "experimental".

Porém da mostra competitiva, o Videobrasil está comemorando 30 anos de videoarte com uma homenagem ao coreano Nam June Paik — considerado o pai da arte

experimental em vídeo. O festival programou quatro grandes instalações de Paik, ocupando cerca de 800 m² do Sesc Pompéia.

Além de Nam Paik, apresentam videoinstalações o francês Michel Joffrenou, o japonês Keiichi Tanaka e os brasileiros Cao Hamburger e Inês Candeco.

O Videobrasil possui um site na Internet. No endereço <http://www.videobrasil.org.br> estão os 13 anos de história do festival.

VIDEOBRASIL "Bardo" será apresentado pela primeira vez em SP

Artista baiano mostra leitura de Artaud em videoperformance

FERNANDO OLIVA
da Redação

O 11º Video-brasil — de 12 a 17 de novembro no Sesc Pompéia —, não reúne somente criações dos grandes nomes da videoarte internacional. "Bardo", obra do artista plástico baiano Marcondes Dourado, vai dividir as atenções do público com os consagrados Nam June Paik (Estados Unidos), Keiichi Tanaka (Japão) e Michel Jaffrenou (França).

Dourado, com 22 anos, foi descoberto pela produção do festival em Salvador e é considerado, senão uma revelação, pelo menos uma das promessas desta edição do evento.

Sem nunca ter tomado contato com qualquer tipo de experimentalismo em vídeo, ganhou uma câmera VHS do pai há cerca de dois anos e começou a produzir, já sem nenhum compromisso com narrativas ou imagens convencionais.

"Bardo", sua videoperformance mais recente, marca a estréia de Marcondes em São Paulo e mistura as linguagens da dança, vídeo e teatro. O espetáculo é baseado nos textos "Os Sentimentos Atrasam", "Loucura e Magia Negra" e "O Teatro e a Ciência", todos do dramaturgo francês Antonin Artaud (1896-1948).

Em "Bardo", a dançarina Sandra Del Carmen, também da Bahia, movimenta-se por meia hora à frente de um telão, sobre bacias de metal cheias de água e cabelo.

Nesta entrevista à Folha, Dourado-opina sobre videoarte, experimentação e "Bardo".

Folha - De que fala "Bardo"?

Marcondes Dourado - Solidão e experiências com eletrochoque. Artaud viveu por mais de vinte anos em clínicas psiquiátricas e descreveu como o seu corpo reagia às sessões terapêuticas. Ele faz uma crítica à sociedade que o colocou nesta situação e como estes trata-



Video Brasil



Cena de "Bardo", videoperformance do artista plástico Marcondes Dourado

mentos aniquilam seu pensamento e potencial de criação e contestação. É por isso que a dançarina fica completamente nua, raspada, desprotegida, com bacias de metal, elementos frios e duros, para contrastar a fragilidade do corpo e do ser humano diante de um ambiente hostil e inóspito.

Folha - Como o público tem reagido ao espetáculo?

Dourado - A dançarina que se banha em contato com a água, metal e cabelo cria uma sensação de estranhamento, como que a tentativa de recuperar um fragmento perdido do corpo. O que causa um certo constrangimento no público, certa rejeição dos sentidos.

Folha - Como você chegou à videoarte?

Dourado - Não foi pensado, uma câmera caiu na minha mão, comecei a experimentar e os resultados foram saindo. Eu queria experimentar o vídeo sendo mostrado num espaço fechado, no qual as pessoas fossem totalmente conta-

minadas pela força do vídeo.

Folha - Como assim?

Dourado - A idéia é tirar o espectador de casa e fazer ele chegar até o meu trabalho. Assim como Artaud, que trabalhava muito com elementos sensoriais. Seria superficial demais falar de Artaud de maneira fria, intelectual e racional. Eu precisava de elementos que afetassem as pessoas pelo físico. Mostrar sua força apenas como um vídeo seria um desperdício.

Folha - Você nasceu e cresceu em Salvador. Seu trabalho é mais universal ou regional?

É mais universal. Vivo numa cidade muito rica de elementos estéticos e musicais e as pessoas compõem tipos muito interessantes. Eu sugo a energia própria de Salvador, mas com discussões universais. Não tem nada de folclórico, nem desta balanidade festiva que estamos acostumados a ver. Vivemos condenados a ser baianos, o que prejudica muito a possibilidade de experimentar coisas novas.